

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

**OLHAR FEMININO:
UMA DÉCADA DE PRODUÇÃO
VIDEOGRÁFICA FEMINISTA
NO BRASIL - 1983/1993**

TELMA ELITA JULIANO VALENTE

CAMPINAS
1995

V234o

26480/BC

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

**OLHAR FEMININO:
UMA DÉCADA DE PRODUÇÃO
VIDEOGRÁFICA FEMINISTA
NO BRASIL - 1983/1993**

TELMA ELITA JULIANO VALENTE

Dissertação apresentada ao Departamento de
Multimeios do Instituto de Artes da Universi
dade Estadual de Campinas como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre em
Multimeios sob a orientação do Prof. Dr.
Március C. S. Freire.

CAMPINAS
1995

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por TELMA ELITA
JULIANO

e aprovada pela Comissão Julgadora em
22/08/1995

PROF. DR. MÁRCIUS CESAR DOARES FREIRE

0600387

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	UNICAMP
V.	V 234 0
TIPO	B
NUMERO B	26480
PROG	667196
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	17/04/96
N.º CPU	

C4-0082869-4

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

V234o Valente, Telma Elita Juliano
Olhar feminino : uma década de produção videografica
feminista no Brasil - 1983 / 1993 / Telma Elita Juliano
Valente. - - Campinas, SP : [s.n.], 1995.

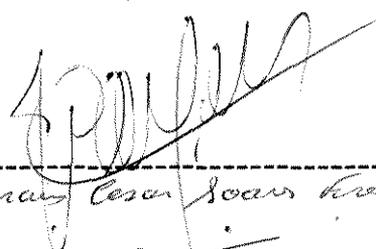
Orientador : Marcius C. S. Freire.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Artes.

1. * Vídeo. 2. Feminismo. 3. Multimeios. 4. * Docu-
mentário (cinema) 5. Mulher. I. Freire, Marcius Soares.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes.
III. Título.

Banca Examinadora:

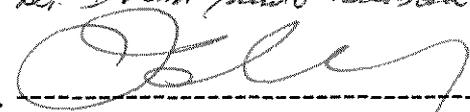
ASS. _____


Prof. Dr. Maria Cesar Soares Kreiss

ASS. _____


Prof. Dr. Ivan Pinto Sousa

ASS. _____


Prof. Dr. Fermão Vitor Rencio de Almeida Ramos

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Ao orientador Prof. Dr. Paulo Tadeu de Laurentiz (in memoriam) por sua sabedoria e amizade.

Ao orientador Prof. Dr. Március C. S. Freire por suas críticas sempre pertinentes.

Ao Prof. Etienne Samain pelo estímulo e interesse.

As documentaristas: Jacira Melo, Silvana Afram, Márcia Meireles, Maria Angélica Lemos pela atenção dispensada.

A Maria José de Mattos Taube pelo constante incentivo à este trabalho.

A amiga Maria Leandra Bizello pelas sugestões criativas.

A Tina Amado interlocutora sensível e inteligente agradeço a paciência e interesse por esta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Luís Fernando Santoro pelas orientações imprescindíveis no Exame de Qualificação.

Ao CNPQ pela bolsa concedida durante 30 meses.

Aos profissionais do CECF, Rede Mulher, ABVP, CPV, CIM, MIS, CEPIS, Videoteca Cultural Brasileira, Instituto Goethe, pelo acesso às informações fundamentais para este trabalho.

Aos meus pais e amigos.

Ao meu marido Fábio pelo apoio incondicional sem o qual esta pesquisa não se realizaria.

ÍNDICE

pág

Introdução.....	1
Capítulo I - A evolução de uma década	
- Apresentação.....	5
- Os Principais acontecimentos de uma década.....	8
- A fragmentação do Movimento.....	13
- A influência da mídia.....	17
- Feminismo para quem?.....	20
- Novas Conquistas.....	21
Capítulo II - Mulher, cinema e vídeo	
- Um pouco da recente história da produção audiovisual feminina.....	27
- Memória da produção feminina.....	30
- Outras manifestações.....	32
- Vídeo feminista.....	36
- Os mecanismos de funcionamento.....	42
- Classificação geral dos vídeos feitos pelas feministas.....	49
Capítulo III - Análise dos vídeos feministas: Grupos Líliith e Comulher	
- Feminino Plural:.....	58
* Violência Sexual.....	73
* Agressões Sutis.....	77
- Mulheres no Canavial.....	80
- Beijo na Boca.....	91

- Meninas.....	100
- Médicas, bruxas e curandeiras.....	107
- Todos os dias são seus.....	109
- Memória de Mulheres.....	119
- Conclusão:.....	127
* Violência.....	128
* Trabalho feminino.....	129
* Sexualidade.....	130
* Saúde da mulher.....	131
- Outras comparações.....	134
- Considerações finais.....	136
Bibliografia.....	138
Documentos Videográficos.....	141
Arquivos consultados.....	141

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar o movimento feminista no Brasil, mais precisamente na cidade de São Paulo, no período de uma década(1983-1993) através dos vídeos feitos por realizadoras feministas. Pretendemos nos ater às transformações pelas quais o movimento passou, tentando perceber a evolução do mesmo na época mencionada. Para isso nos utilizaremos dos trabalhos realizados por dois grupos de videastas feministas(Líliith Vídeo e Comulher) que são representativos do período em questão.

Nota-se que, para isso, teremos que abordar aspectos pertinentes ao meio vídeo e ao ser mulher, interessando-nos particularmente pelo ponto de intersecção entre eles.

Convém explicar que trataremos de pontos específicos dessas duas áreas, apenas no tocante ao nosso objetivo, não sendo possível, e nem de interesse, abordar esses dois campos na sua totalidade. Cabe ressaltar, ainda, que os vídeos serão tratados como documentos, fontes não tradicionais da história desse movimento.

A cidade de São Paulo é privilegiada como campo de pesquisa porque o eixo Rio-São Paulo ainda é o detentor de grande parte das atividades de vídeo, sejam elas de pesquisa, produção e/ou divulgação. Além disso, o fato de na cidade de São Paulo existirem três videotecas especializadas no tema da mulher: CIM(Centro Informação Mulher), Rede Mulher e CECF(Conselho Estadual da Condição Feminina) muito nos auxiliou no momento da coleta de dados.

O período escolhido refere-se ao início das produções de vídeo feminista - dando prosseguimento às iniciativas

comunicacionais do movimento - onde acompanhamos seu desenvolvimento até os dias de hoje. Esta fase compreende o final da chamada segunda etapa do movimento feminista(1975-1985), onde temos, entre outras coisas, o aparecimento de grupos feministas trabalhando com questões específicas da mulher, como sexualidade/saúde, violência doméstica, creches etc e continua até os dias de hoje, quando falamos de um neo ou pós-feminismo.

Preocupamo-nos em verificar a evolução do movimento feminista - justamente quando já se pensava que ele havia acabado e não mobilizaria mais ninguém - pois após um período de refluxo, volta-se a falar dele e de suas tendências atuais. Estas se traduzem numa nova fase que motivou a discussão e revisão do movimento pelas feministas - um dos assuntos da conferência do "Planeta Fêmea", na ECO-92.

Acreditamos que, com esta pesquisa, estaremos dando mais um passo importante na direção de um melhor conhecimento do movimento feminista e suas iniciativas comunicacionais, campo este carente de estudos sistemáticos.

No primeiro capítulo traçamos um panorama do momento histórico que qual o movimento atravessava. Destacamos os episódios principais relacionados às mudanças de orientação sofridas pelo feminismo, bem como aos momentos de ascensão e refluxo do mesmo. Ressaltamos a importância dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, nesse processo, preocupando-nos, especificamente, com os fatos que seriam depois retratados nos vídeos.

Já no segundo capítulo começamos a relacionar o meio vídeo com o ser mulher, inicialmente abordando um pouco da recente história das produções audiovisuais femininas. Em seguida apresentamos as características principais do vídeo feminista

até chegarmos nos grupos Lílith Vídeo e Comulher.

Concluimos nossa pesquisa com a análise de 7 vídeos pertencentes aos grupos citados acima. Recuperamos, através desses documentos, fatos necessários à fundamentação de nossa pesquisa. Esses foram conseguidos ora por um exame isolado de cada produção, ora comparando-as entre si. Apontamos também para algumas observações mais gerais a respeito das perspectivas futuras do feminismo, que conseguimos vislumbrar ao final do nosso estudo.

CAPÍTULO I - A EVOLUÇÃO DE UMA DÉCADA

APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento do movimento feminista, em várias partes do mundo, tem como uma de suas principais características a instabilidade no que se refere à sua continuidade. Isto é típico dos movimentos sociais. Anette Goldberg⁽¹⁾ cita Blumes para esclarecer esta situação. Segundo este autor, tais movimentos aparecem num primeiro momento como amorfos, precariamente organizados e inconsistentes, podendo posteriormente se transformar em pequenas contra-estruturas de poder com densidade e duração maiores ou menores, segundo sua provisoriedade e grau de institucionalização.⁽²⁾

Tanto é verdade, que em vários momentos da história da humanidade temos as questões femininas vindo à tona para depois silenciarem. Nestas oportunidades começava-se a formar o que mais tarde atenderia pelo nome de feminismo. Foi assim desde a Grécia antiga, com a insatisfação de algumas mulheres frente ao tratamento dado ao seu sexo, culminando com o seu isolamento na ilha de Lesbos, passando mais tarde para as reivindicações salariais das mulheres trabalhadoras em consequência das transformações advindas da revolução industrial, as lutas pelo voto feminino... até as tendências atuais do feminismo, voltado agora para questões mais universais.

Percebemos, com isso, que ocorre sempre um hiato depois desses acontecimentos. Os momentos de refluxo do feminismo dão-se por vários fatores, dentre os quais podemos citar a

(1) Anette Goldberg, Os movimentos de libertação da mulher na França e na Itália(1970-1980): Primeiros elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil, in MADEL, Therezinha Luz(org)ONTEIRO, O lugar da mulher, RJ, Graal, 1982.

(2) H. Blumes, "Movimentos Sociais", in Lee A. McClung(org.), Princípios de Sociologia, SP, Herder, 1962, p. 245-2

conquista das reivindicações feitas e/ou a incorporação e diluição destas pelo poder político-econômico vigente. Esses fatores estão, por sua vez, atrelados a um outro que complementa o processo: a influência dos meios de comunicação.

Estes, ao fazerem uma divulgação positiva dos problemas levantados pelo movimento são, muitas vezes, os responsáveis por sua ascensão junto a sociedade em geral, principalmente quando apoiam as suas questões.

Temos vários exemplos dessa influência. Na França, em 1971, por ocasião das reivindicações pela liberação do aborto foi publicado na revista "Le Nouvel Observateur" e no jornal "Le Monde", um manifesto com 343 assinaturas de mulheres confessando terem abortado. No Brasil, em 1980, a ampla divulgação pela imprensa dos atos de violência doméstica cometidos contra as mulheres, tornou famosa a frase "Quem ama não mata", escrita pelas feministas nos muros de diversas cidades.

No entanto, esses mesmos meios são responsáveis também pela distorção dos princípios do feminismo. No Brasil temos, até os dias de hoje, uma imagem negativa do movimento (principalmente pelas gerações mais jovens, que dele não participaram, só "ouviram falar"). É o caso de Maria Aparecida, uma jovem engenheira de 28 anos. "Ser feminista, atualmente, ficou muito pesado", declara.

Cláudia, uma jornalista de 24 anos, manifesta uma opinião semelhante: "Toda vez que penso em feminismo me lembro do filme de Fellini "Cidade das Mulheres". Há uma cena em que elas queimam seus sutiãs", comenta.

"Acho o movimento inexpressivo. Para mim não significa nada. As militantes são radicais..."⁽³⁾

(3) "Feminismo 29 anos depois" in Revista Cláudia, outubro, 1990, pág 52.

Há que se dizer que o movimento feminista muitas vezes "buscou" esta interferência da mídia. Esta é uma característica própria dos movimentos populares, usada principalmente na década de 80. É Jacira Melo quem nos chama a atenção para este fato:

"Nas áreas centrais das cidades ou nos bairros periféricos, os militantes chegam ao requinte de marcarem suas manifestações em horário correto, isto é, antes das seis da tarde, horário de fechamento dos telejornais.⁽⁴⁾

As diversas passeatas realizadas, tanto no Brasil quanto no exterior, a exposição pública a que as feministas se submeteram tinham como intenção, entre outras coisas, de chamar a atenção sobre elas e daí ganhar um espaço para as suas propostas.

Abrimos um parêntese para dizer que o movimento desenvolveu seus próprios meios, como os diversos jornais e vídeos produzidos. Mas estes tiveram uma penetração restrita ao movimento. No que se refere ao vídeo, Jacira Melo em seu trabalho de pesquisa "Trabalho de formiga em terra de Tamanduá"⁽⁵⁾ deixa claro a pouca eficiência da utilização do vídeo para a divulgação das propostas feministas.

Outro aspecto importante a ser observado quando estudamos o movimento feminista são as mudanças de orientação para as suas propostas. Voltaremos posteriormente a esse assunto.

Através da consideração de todos esses fatores tentaremos reconstruir o caminho do feminismo no Brasil, no período em questão, para depois confirmá-lo através dos vídeos produzidos pelo movimento. É importante dizer que nosso estudo aproveitará

(4) Jacira Melo, *Trabalho de formiga em terra de tamanduá*, SP, 1993, pág 22

(5) Jacira Melo, *op. cit.*

as comparações existentes entre os feminismos europeu, norte-americano e brasileiro para pensarmos nestas questões como algo que transpõe o universo escolhido, a cidade de São Paulo, ampliando essas reflexões para um panorama mais abrangente. Essa ampliação, no entanto, será apenas um pano de fundo, um cenário sobre o qual situaremos o cerne de nossas preocupações, que é a capital paulista.

OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DE UMA DÉCADA

O movimento feminista, quando pensado na sua fase de maior efervescência(1975-1985, considerada a década da mulher), foi um movimento que se manifestou em vários países assumindo características próprias, de acordo com a situação político-sócio-econômica vigente em cada um deles. No Brasil não foi diferente e podemos somar às condições internas vividas as influências recebidas pelo feminismo desenvolvido nos Estados Unidos e Europa.

Para esclarecermos estas implicações no desenvolvimento do movimento no Brasil nos basearemos, principalmente, em Anette Goldberg⁽⁶⁾. É ela quem nos apresenta algumas das diferenças do feminismo norte-americano/europeu com o brasileiro, diferenças fundamentais para entendermos o processo ocorrido.

Assim, enquanto na Europa temos que o feminismo já possuía uma imagem positiva como movimento social e conseguira sua valorização, no Brasil, os grupos de mulheres começaram a surgir em 1975. Em 1978, havia ainda um sentimento de estranheza em relação a ele por parte de algumas mulheres

(6) Anette Goldberg, op. cit.

que às vezes o consideravam até coisa de homossexuais ou lésbicas.

Essa afirmação demonstra o preconceito que reinou em torno do feminismo no Brasil no seu começo e contém também uma contradição: aqui as lésbicas foram discriminadas pelos primeiros grupos feministas

Enquanto isso, também em 1978, na Europa, já se sabia que o movimento feminista não era homogêneo, sendo composto por várias tendências das quais a luta dos sexos era apenas uma delas.

Nessa mesma data, no Brasil, o feminismo que começou a ser desenvolvido centrou suas prioridades nas lutas pela anistia, pelas liberdades democráticas, pelas conquistas para as mulheres trabalhadoras (como as creches). O exercício político dos grupos de mulheres destacava mais as chamadas "lutas mais gerais da sociedade" do que as "lutas específicas" das mulheres.

Já na Europa e Estados Unidos, os movimentos de mulheres surgidos no final dos anos 60 preocupavam-se basicamente com a opressão vivida pelas mulheres enquanto sexo e com todos os desdobramentos inerentes a essa condição. Sendo assim, partia-se do princípio que "o social é político", pois implica em relações de poder, onde a família é vista como espaço de manutenção dessas relações.

Dessa forma, as implicações relacionadas com o corpo da mulher tomaram grandes proporções e passou-se a reivindicar a autonomia das mulheres com relação ao próprio corpo. Daí surgiram as questões relacionadas com o controle das funções reprodutoras, liberação do aborto, bem como as denúncias das violências praticadas contra as mulheres nas sociedades.

O feminismo brasileiro prosseguiu adotando a fórmula das velhas estruturas de poder, reproduzindo no seu interior o autoritarismo, o burocratismo, a hierarquização vertical e a competição entre as mulheres na organização dos grupos feministas. Já na Europa, principalmente França e Itália, incentivavam-se as iniciativas espontâneas e a solidariedade.

Além disso, os grupos de auto-consciência (espaço para se confrontarem as experiências pessoais e se observar que, aquilo que se pensava viver isoladamente era também a vivência de outras mulheres) aqui ridicularizados, deram espaço para os chamados grupos de reflexão, cujo nome dá margem para que se pense em reflexão de uma forma geral e não especificamente sobre as questões da mulher.

Os movimentos feministas francês e italiano buscaram a sua autonomia frente a partidos políticos e sindicatos, defendendo uma nova forma de organização política, contrária ao burocratismo e autoritarismo. Reivindicaram espaços separados para lutarem por sua libertação, fazendo com que as suas questões fossem incorporadas à luta de classes. No Brasil, em 1975 e nos anos seguintes, não houve essa separação. Muitas das mulheres que atuavam no movimento feminista vinham sempre subordinadas às lutas gerais da sociedade; desta forma ocorria o enquadramento dos grupos de mulheres em estruturas partidárias ou sindicais.

Anette Goldberg⁽⁷⁾ chama a atenção para essa associação citando a criação, no mesmo ano (1975), do Centro da Mulher Brasileira, primeira entidade representativa do "novo feminismo no Brasil", e do Movimento Feminino pela Anistia, que teve

(7) Anette Goldberg, op. cit., pág 56.

um papel importante no processo de abertura política do país até a adoção da Lei da Anistia, em 1979.

É ainda Anette Goldberg⁽⁸⁾ quem nos faz pensar o desenvolvimento do feminismo no Brasil à luz da história dos movimentos sociais aqui surgidos na última década e o Estado autoritário. Vale lembrar que, nesse período, os movimentos surgidos, inclusive o de mulheres, assumem um caráter de resistência e protesto à ditadura militar e todos os espaços disponíveis eram utilizados para esse fim, já que os canais institucionais de representação popular estavam bloqueados pela repressão. Sendo assim, é reforçada ainda mais a idéia de um feminismo mais propriamente ligado às "lutas gerais da sociedade" do que às "lutas específicas" sobre a condição da mulher no Brasil.

Seguindo este raciocínio, percebemos que o processo de "abertura" do regime(1978-1979), que trouxe de volta as liberdades democráticas, coincide com o momento de novas transformações no movimento feminista. O novo cenário político e o retorno de muitas mulheres que tinham vivenciado de perto as experiências do feminismo europeu, vão imprimir novos rumos ao movimento no Brasil(e pelas diferenças apresentadas anteriormente percebemos que não se darão sem conflitos).

Ainda na década de setenta, é interessante observar a aproximação que se dá entre o movimento feminista e os outros movimentos de mulheres. Esse fato pode ser verificado nos três anos seguintes ao Ano Internacional da Mulher, onde os grupos feministas estendiam sua atuação política às organizações femininas ligadas à Igreja e às trabalhadoras sindicalizadas,

(8) Anette Goldberg, *op. cit.*, pág 57.

como as metalúrgicas, as bancárias e as jornalistas, além de penetrarem também nos Clubes de Mães.

Mais tarde, as feministas passam a colaborar também junto à Associação das Donas-de-Casa, Associação das Empregadas Domésticas e o Serviço de Orientação Familiar(SOF - entidade privada que presta serviços a mulheres da periferia da Zona Sul e da Zona Leste da capital de São Paulo), reforçando ainda mais os laços entre mulheres dos grupos feministas e de associações comunitárias.

É interessante observar esta relação entre as entidades comunitárias de mulheres de baixa renda e trabalhadoras com os grupos feministas. Esse fato explica, em parte, o conteúdo dos vídeos produzidos pelo movimento, que enfatiza a mulher das camadas menos favorecidas. Por outro lado, é Maria Lygia Quartim de Moraes⁽⁹⁾ quem nos lembra que as mulheres de classe média, profissionais e estudantes, nos primeiros anos, não contaram com esse empenho das feministas dentro do princípio de lutar por melhores condições de vida, principalmente da mulher trabalhadora.

Por ocasião do I Congresso da Mulher Paulista, nos dias 4, 5 e 8 de março de 1979, entre as decisões tiradas aquela que mais se destacou foi a criação do Movimento por Creches. No I Encontro Nacional de Mulheres, organizado pelo Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro, de 8 a 11 de março de 1979, a luta por creches foi confirmada, assim como as reivindicações por um controle da natalidade, igualdade de direitos trabalhistas etc., que posteriormente foram incorporadas por outros grupos feministas no país.

(9) Maria Lygia Quartim de Moraes, *Mulheres em Movimento*, SP, Nobel, 1985, pág 4.

Logo em seguida, em 1980, começaram a se tornar intensas as manifestações contra as violências praticadas contra a mulher. Foi com este lema que ficou conhecido o referido ano, fazendo presentes aqui reivindicações que já se faziam ouvir na Europa. Os números alarmantes de espancamentos, estupros, assassinatos praticados contra a mulher, intensificaram essa luta e culminaram com a criação, em outubro desse mesmo ano, de uma entidade de auto-defesa da mulher: o SOS Mulher.

Percebe-se, com isso, que os conteúdos dos vídeos feministas começaram a ser delineados, pois os temas: creches, violência contra a mulher, direitos da mulher trabalhadora(entre outros) são amplamente discutidos pelo feminismo na década de oitenta.

A FRAGMENTAÇÃO DO MOVIMENTO

Apesar da relevância dos acontecimentos citados, o que influenciou de forma definitiva o desenvolvimento do feminismo a partir de então, foram os conflitos entre os grupos feministas e outros grupos de mulheres e mesmo no interior do próprio movimento.

Moraes⁽¹⁰⁾ sugere que o ano de 1981 poderia ser denominado o "Ano da violência interna", pois é quando começam a explodir as tensões acumuladas. Foram conflitos de várias ordens. Acirraram-se ainda mais as divergências entre as facções que defendiam a prioridade das "lutas gerais da sociedade"(estavam

(10) Maria Lygia Quartim de Moraes, op. cit., pág 7.

aí quase todas as correntes pró-comunistas da esquerda brasileira), que tentavam impôr a sua posição, e os grupos que defendiam a autonomia do movimento de mulheres.

Além disso, outro fator de extrema importância foi a descoberta da diversidade dentro do movimento de mulheres. Ou seja, descobriu-se que cada mulher é uma mulher e, portanto, tem problemas específicos relacionados à sua condição social, cultural etc.

Como diz Moraes⁽¹¹⁾, como seria possível, então, a convivência dos grupos de mulheres ligados à Igreja, como os Clubes de Mães, com os outros grupos, no que diz respeito às questões de métodos anticoncepcionais, aborto e divórcio? E mesmo dentro dos grupos feministas, começaram a vir à tona os conflitos vividos nas relações com o movimento negro e entre patroas e empregadas domésticas... além das implicações geradas com a entrada das homossexuais.

Nenhum dos Congressos de Mulheres chegou a discutir com seriedade essas questões e as diferenças acabaram sendo escondidas sob fórmulas conciliadoras. Por esse motivo, pouco a pouco desmantelava a unidade do movimento forjada no abstrato, na omissão das diferenças.⁽¹²⁾

O III Congresso da Mulher Paulista já demonstrava a divisão do movimento em São Paulo, onde aconteceram reuniões em separado, em locais diferentes para as duas facções predominantes - lutas gerais e lutas específicas da mulher. No Rio de Janeiro, verificou-se igualmente esta cisão, quando no III Congresso da Mulher Fluminense ocorre a recusa à formação de uma Federação de Mulheres.

(11) Maria Lygia Quartim de Moraes, op. cit., pág 8.

(12) Maria Lygia Quartim de Moraes, op. cit., pág 9.

A partir daí, o que se verifica é o surgimento de um feminismo mais amplo, onde há espaço para que se manifestem e se desenvolvam as diversidades. A atuação agora fica por conta de pequenos grupos preocupados com questões específicas, concretas, que fazem parte da realidade social das mulheres.

São criados vários grupos de trabalho e aqueles que mais se destacaram e mantiveram uma continuidade de trabalho até hoje foram os grupos preocupados com a sexualidade e saúde da mulher. Destacamos em especial, o grupo SOS Corpo, do Recife, criado em 1980 e que mantém atividades de discussão, orientação, divulgação de práticas de saúde da mulher (servindo-se, inclusive, da produção de vídeos sobre essas questões). As iniciativas do grupo, devido ao alto nível de realização, foram incorporadas como alternativas de políticas públicas.

Voltando a São Paulo, temos o desaparecimento dos chamados "grupos conscientizadores", como o Brasil-Mulher, o Nós-mulheres e a Associação de Mulheres, entre outros.

Em 1982, com a realização de eleições em todo o país, surgem novamente divergências entre as feministas, devido à divisão do apoio dado às duas candidaturas de oposição ao governo do Estado. Para São Paulo, a vitória do PMDB implicou, entre outras coisas, na criação de uma reivindicação antiga: o Conselho Estadual da Condição Feminina; assim as mulheres ganharam um espaço dentro do setor público para as discussões e realizações de projetos especialmente preocupados com os vários níveis de suas questões.

Em 1983, quando o PMDB - partido de oposição na época - assume o poder, são tomadas iniciativas de introdução de alternativas feministas de trabalho, especialmente na área da saúde. Aliás, a saúde passa a vigorar como uma das questões

principais do movimento, sendo amplamente discutida até os dias de hoje.

No ano de 1983, o dia 22 de outubro, foi proclamado o Dia Nacional pelo Direito do Aborto. Em novembro do ano seguinte, em São Paulo, aconteceu o I Encontro Nacional de Saúde da Mulher, com a participação de grupos e entidades de várias partes do país. No encontro, também foi discutida a questão do aborto e reivindicada, novamente, a sua legalização.

Apesar das diferenças entre o feminismo europeu, norte-americano e latino-americano, geradas pelos patriarcados distintos contra os quais o movimento travou suas lutas, percebemos algumas semelhanças. Referímo-nos particularmente às publicações das questões feministas pela grande imprensa, ao desenvolvimento de meios de comunicação próprios para a divulgação das propostas feministas e às duas tendências: lutas gerais da sociedade e lutas específicas do movimento. Além disto, também tivemos em comum a criação dos SOS, dos grupos de reflexão e dos Conselhos Estaduais.

Anette Goldberg⁽¹³⁾ nos esclarece também quanto às semelhanças desses movimentos no seu processo de fragmentação. Diz ela que "os movimentos de libertação da mulher nos Estados Unidos e na Europa, com mais de uma década de existência, após terem aglutinado milhares de mulheres e obtido vitórias significativas em várias lutas, encontram-se hoje(1981) fragmentados em inúmeros pequenos grupos e tendências, assistem à recuperação de seus conteúdos pelas estruturas de poder vigente, vêem o esvaziamento de suas primeiras formas organizativas. Os grupos remanescentes perguntam-se como

(13) Anette Goldberg, op. cit., pág 38.

prosseguir, quais as reais possibilidades históricas do feminismo e o que há ainda de novo e revolucionário no método feminista de abordagem das transformações sociais".

Prossegue falando da situação da Itália. Um princípio de crise já se havia feito sentir desde a derrota da "nova esquerda" nas eleições de 1976, pois, com a modificação do panorama político e as desilusões, um vazio teórico e político se fez sentir, afetando igualmente os grupos feministas e principalmente aquelas militantes mais jovens, que haviam aderido ao movimento no auge das grandes mobilizações de 1975.

Termina, finalmente, situando o Brasil neste panorama. Da mesma maneira alguns grupos feministas brasileiros já colocam essas questões por volta do ano de 1979 - apesar de sua juventude com relação ao movimento internacional - dadas as dificuldades de mobilização e aglutinação de mulheres em torno do feminismo e também por já constatarem um processo de absorção de alguns desses conteúdos pela ideologia dominante (ilustração disso é a imagem da "nova mulher" (veiculada pelos meios de comunicação) que será esclarecida a seguir.

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

Neste momento devemos parar para pensar como ficaram os meios de comunicação frente à crise apontada pelo feminismo. A mídia, que noticiou as diversas manifestações de rua do movimento, havia absorvido, nesse ínterim, as propostas feministas e reelaborado-as sob a sua ótica. Tanto é assim, que temos o desenvolvimento da revista Cláudia (criada na década de 60) e a criação, na década de 80, do programa TV Mulher,

pela Rede Globo. Nestes veículos temos as questões feministas adaptadas e direcionadas à mulher de classe média/alta, que havia ficado de fora do âmbito das preocupações feministas, como já foi dito anteriormente. No entanto, a mensagem transmitida por esses canais deturpava os princípios feministas.

A nova mulher propagada pelos meios de massa aspirava, por exemplo, a igualdade de direitos proclamada pelo feminismo. Mas não queria para si a contrapartida dessa igualdade, que era assumir obrigações antes tidas como masculinas. As questões genuinamente feministas "passavam" a sobreviver através dos veículos criados pelo próprio movimento como jornais, revistas e vídeos, às vezes até aumentando consideravelmente a sua produção.

Este fenômeno também se observou na França. A partir de 1978, verificou-se a explosão da imprensa feminista. Em alguns meses havia surgido 4 ou 5 novas revistas, uma dezena de jornais e boletins de grupos e coletivos, além do serviço telefônico das "Répondeuses"(As Respondonas). Trata-se de um fenômeno interessante porque ele veio exatamente no momento em que os meios de comunicação oficiais haviam começado a decretar "a morte do Movimento de Libertação da Mulher(MLF)", a enaltecer a imagem da "nova mulher".(14)

Essa era propagada pela mídia, tanto a nível nacional como internacional, transformou-se numa armadilha para as mulheres, pois muitas vezes estas se viam na obrigação de serem super-mulheres. Por exemplo: a mídia enalteceu o fato da mulher dar entrada no mercado de trabalho, mas não se

(14) Anette Goldberg, op. cit., pág 46.

manifestou com relação aos papéis de donas-de-casas e mães(que já são um tipo de trabalho). Com isso, as mulheres ganharam uma dupla(às vezes tripla) jornada de trabalho.

Podemos fazer duas observações principais a respeito dessa situação. Por um lado, o movimento às vezes incorreu no erro de supervalorizar a mulher tida como invariavelmente forte, ou seja, aquela que não apresenta nenhuma fraqueza ou defeito. Por outro lado, algumas mulheres manifestaram um certo amargor diante de tudo o que havia sido conquistado. A escritora americana Erica Jong("Medo de Voar") exprime bem este estado de coisas quando afirma: "Conquistamos o direito de trabalhar trinta horas por dia"⁽¹⁵⁾.

Ainda com relação à influência da mídia na propagação do feminismo, é interessante citarmos a observação feita por Jacira Melo, que diz que enquanto se analisava o chamado refluxo do feminismo e se questionava a sua capacidade de ainda mobilizar atenções, a produção de vídeos sobre a temática da mulher passava a ocupar as salas de aula, as teves dos sindicatos e as programações dos centros culturais⁽¹⁶⁾.

Neste sentido, o que nos desperta a atenção é o chamado período de refluxo do feminismo. No início dos anos 80(aproximadamente 1983), começou a se desenvolver um ritmo de produções videográficas feministas que, embora tenha tido nuances, se manteve até os dias de hoje. Algumas produções tiveram espaço nas emissoras de TV, como foi o caso do programa "Feminino Plural" - uma realização Lílith Vídeo e Conselho Estadual da Condição Feminina - em 1987, levada ao ar pela Fundação Padre Anchieta e mais 17 TVs Educativas em todo

 (15) "A teia se expande" in *Revista Veja*, agosto/setembro, 1994, pág 8.

(16) Jacira Melo, op. cit., pág 80.

o país.

FEMINISMO PARA QUEM?

No rastro dessas colocações estão as perguntas: Por que o feminismo volta a ter destaque no cenário nacional? A quem ele atinge nos anos 90?

Não podemos, até o momento, explicar as razões pelas quais o feminismo está ressurgindo. No entanto, devemos colocar que o movimento não ressurge só nas pesquisas acadêmicas ou entre suas adeptas. A questão feminina, mesclada aos princípios feministas, foi objeto de um encarte especial da revista *Veja - Especial Mulher* (agosto/setembro de 1994 - ano 27). A revista *Isto É*, neste mesmo ano, teve como tema de capa uma reportagem sobre o homossexualismo feminino. Pesquisas científicas que comprovam fisiologicamente as diferenças entre homens e mulheres, observando as atividades cerebrais de cada um, têm sido noticiadas com mais frequência pela imprensa.

Talvez estes sejam indícios de um renascimento do feminismo na sociedade e esperamos, de uma revisão do mesmo. A pesquisa de Jacira Melo⁽¹⁷⁾ ou esta dissertação, apontam para esta direção. No vídeo "Memória de Mulheres" (Comulher - 1991) isto fica mais evidente - até mesmo pela resposta a uma das perguntas levantadas logo na apresentação do vídeo - "estamos recordando para aquelas que chegam agora ao movimento". Percebemos uma intenção de desmistificar o movimento principalmente para as gerações mais novas.

(17) Jacira Melo, op. cit.

NOVAS CONQUISTAS

Do balanço geral das iniciativas feministas dessa fase, restam muitas conclusões, mas gostaríamos de ressaltar a oportunidade que o movimento ofereceu para a mulher repensar a sua condição. Foi um momento em que, ao mesmo tempo que elas se flagraram vivendo as mesmas opressões, também se descobriram diferentes nas particularidades inerentes a cada uma. O movimento possibilitou a conquista e abertura de novos espaços para a mulher, principalmente no que se refere à esfera profissional e pública. No entanto, esses ganhos não foram acompanhados pela entrada do homem no universo do privado, ou seja, na divisão dos afazeres domésticos e educação dos filhos; fato que deixou um certo desalento por parte das mulheres que tanto lutaram por um novo equilíbrio entre os dois sexos.

Hoje o feminismo volta a se repensar, a refletir em termos da diversidade, da defesa da igualdade de direitos, mas acompanhadas do respeito à diferença de comportamento, de modo de ser(que não se admite mais como inferior). O movimento volta a dar sinal de vida, para quem já o considerava coisa do passado.

As discussões voltaram(vide o Fórum montado no Planeta Fêmea, por ocasião da ECO-92). As atenções agora estão mais concentradas nas questões universais, refletindo um novo modo de pensar as relações pessoais, onde homem e mulher devem estar integrados. Daí as preocupações com as questões ambientais, com a preservação de um planeta que é de todos, homens e mulheres, de todas as raças.

Neste sentido, uma das questões mais importantes, que foi discutida pelas mais de mil mulheres reunidas no Planeta Fêmea, foi a questão da população e planejamento familiar. As mulheres

questionaram a posição da ONU e das grandes potências ao colocarem o fator do crescimento populacional, como uma das causas da degradação do planeta. Denunciaram que o desenvolvimento dos países ricos se dá através da exploração dos países subdesenvolvidos, alertando para o fato de que 20% da população mundial consomem 80% de tudo que é produzido no mundo(segundo Vandana Shaha, da Fundação de Pesquisas para Políticas de Meio Ambiente - Índia)⁽¹⁸⁾, daí o sacrifício imposto aos países pobres. Revelam ainda o interesse dos países ricos em controlar a natalidade em países do terceiro mundo.

As mulheres manifestaram o seu repúdio às práticas de controle da natalidade, que desrespeitam as mulheres como seres humanos, enxergando-as apenas como reprodutoras. Posicionam-se contra as esterilizações em massa e as experiências científicas, que tratam as mulheres como cobaias.

As principais reivindicações do Planeta Fêmea foram: a criação de serviços integrados de saúde reprodutivas, programas oficiais educativos sobre sexo e a utilização responsável dos contraceptivos.⁽¹⁹⁾

Dentro dessas questões que abordam o corpo feminino não poderiam ficar de fora as discussões sobre o aborto. Lembrando que sem o direito a este último não se pode falar em liberdade sobre o próprio corpo e, acrescentando ainda, o caso de milhares de mulheres brasileiras mortas por ano em razão de abortos feitos de forma clandestina, voltaram às reivindicações em torno da legalização do aborto.

As mulheres também se posicionaram nos assuntos relativos à biodiversidade, biotecnologia e desenvolvimento sustentado.

(18) "Planeta Fêmea" in *Revista Desfile*, agosto, 1992, pág 46.

(19) "Planeta Fêmea" op. cit., pág 47.

Alertaram para a correta utilização desses recursos no sentido de realmente proporcionarem o bem-estar e melhorias da qualidade de vida para todos. Se opuseram à Engenharia Genética na agricultura e à liberação de organismos geneticamente manipulados no ambiente na medida em que esses provoquem desequilíbrio ambiental. São contrárias também aos gastos excessivos com os programas da NASA, que poderiam ser convertidos para atividades mais essenciais.

Ao lado das novas questões do feminismo, também foram discutidos velhos problemas que ainda persistem oprimindo as mulheres. Foram apresentadas as condições de trabalho escravo em que se encontram muitas mulheres, principalmente na agricultura.

Diante da constatação de que, na maior parte do mundo, as mulheres são responsáveis pela produção doméstica (África, 80%; Ásia, 60%; América Latina, mais de 40%, o cuidado com a terra e os recursos naturais, temos que em quase todos os países, a estrutura patriarcal não lhes permite o acesso à herança, usufruto e propriedade da terra, nem aos créditos bancários, dificultando ou mesmo impedindo o desenvolvimento de atividades produtivas.

Além disso, essas mulheres ficam submetidas a fatores externos agressores como a seca, a fome, a intoxicação por agrotóxicos, que levam a abortos naturais e deformações fetais. Ainda, sofrem violências físicas (como nos canaviais de Pernambuco), enfrentam uma jornada de 14 horas diárias, inclusive aos sábados (fábricas de castanha do Pará), entre muitos outros. O Planeta Fêmea fez apelo às Nações Unidas para acabar com esta

situação.⁽²⁰⁾

Essas denúncias lembram que ainda há muito o que lutar e conquistar. Mas já podemos colher os frutos de algumas conquistas, como o reconhecimento do trabalho doméstico enquanto trabalho, as discussões em torno da reprodução humana, a separação entre sexualidade e maternidade etc. Também na legislação ocorreram algumas modificações, tais como:

- licença-maternidade: Passa de 90 dias para 120 dias de duração, sem prejuízo do emprego e do salário;

- licença-paternidade: ainda não foi regulamentada por lei, mas muitas empresas já concedem ao pai, por ocasião do nascimento da criança cinco dias de licença;

- chefia do casal. Pela nova constituição, os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher. Não existe mais a figura do cabeça do casal;

- direito da companheira: ainda não há uma lei específica que regulamente o concubinato, mas a Constituição reconhece a união estável entre homem e mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento;

- trabalho noturno: a partir de outubro de 1989, não existe mais nenhuma limitação para o exercício do trabalho noturno feminino. As leis trabalhistas, sob a alegação de proteger a mulher, na realidade a discriminava, determinando quais os setores em que ela poderia exercer atividades noturnas. Também foi revogado o artigo que proibia o trabalho da mulher em mineração, pedreiras e em obras da construção civil.

(20) "Planeta Fêmea", op. cit., pág 49.

A nova Constituição promulgada em 1988, apresenta grandes avanços no que diz respeito à família e à mulher. Resta agora, no entanto, fazer leis ordinárias que coloquem os princípios já garantidos nos códigos⁽²¹⁾.

Isto posto, nos interessa saber por que velhas questões ainda sem solução e tão urgentes quanto as atuais tendências estão sendo ignoradas ou preteridas pelo movimento, que não agiliza a realização de vídeos a respeito, como é o caso da violência contra a mulher.

Embora o SOS-Mulher de São Paulo - que tratava dessa questão - tenha acabado ainda nos anos 80, a continuação do trabalho por outros SOS no país demonstram que o problema ainda persiste. É o caso do SOS-Ação Mulher de Campinas-SP, que completou 12 anos de existência em novembro de 1992. A superlotação de casos neste SOS aponta para a gravidade do problema.

Resta lembrar, que já estão se tornando mais audíveis os encontros para se discutir a identidade masculina, onde os homens passam a se procurar em meio ao novo cenário em que vivem as mulheres. Dentro do que foi dito até agora o universo artístico é mais um espaço que vem sendo conquistado pelas mulheres. Mas sobre esse assunto falaremos no próximo capítulo.

(21) "Feminismo 29 anos depois", op. cit., pág 53.

CAPÍTULO II: MULHER, CINEMA E VÍDEO

UM POUCO DA RECENTE HISTÓRIA DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL FEMININA

Pelo que indica a história oficial, a mulher comparativamente ao homem, aparece pouco como autora de projetos artístico-culturais. Em geral, ela é muito retratada pelos homens, mas raramente retrata alguém ou alguma coisa, muito menos a ela mesma. Sendo assim, é sempre com muitas dificuldades que a mulher costuma se afirmar no campo artístico mesmo quando se trata das artes plásticas - reflexo da sua posição nas demais áreas da sociedade.

Esta realidade começa a ser mudada a partir da década de 70, muito em função do movimento feminista, que também abriu mais este espaço para ser ocupado pela mulher (feminista ou não). Temos, então, que a mulher começa a atuar até mesmo em espaços antes tipicamente masculinos (como o cinema e o vídeo, setores que envolvem o uso de tecnologia) transmitindo a sua visão do mundo e, conseqüentemente, da própria mulher.

Surgem então no cinema brasileiro, citando alguns nomes, as figuras de Vanja Orico ("O Segredo da rosa", 1975); Rosângela Maldonado ("A mulher que põe a pomba no ar", 1977); Ana Carolina ("Mar de rosas", 1977); Tereza Trautman ("Os homens que eu tive" - recentemente liberado pela censura com o título - "Os homens e Eu", 1973). As duas últimas, particularmente influenciadas pelo feminismo, passam a refletir nas suas obras uma preocupação com a mulher, tendo esta como temática de alguns de seus filmes.⁽²²⁾ Posteriormente temos a entrada de Suzana Amaral no cinema nacional, com o filme "A Hora da Estrela",

(22) Elice Numerato e Maria Helena Darcy de Oliveira, "As musas da matinê" in Fundação Carlos Chagas, *Vivências*, SP, Brasiliense, 1980, pág 59.

1985.

É importante dizer que, anteriormente, já tínhamos a presença de cineastas. Na década de 20, temos a figura de Cléo de Verberina("O Mistério do Dominó Negro"), seguida de Carmem Santos, em 1937, com o inacabado "Inconfidência Mineira" e finalmente Gilda de Abreu, na década de 40, com "O Ébrio", "Pinguinho de gente" e "Coração Materno".

Mas essas são manifestações muito pontuais, esparsas em meio a um preconceito muito grande por parte dos profissionais masculinos. Segundo Gilda de Abreu, ela comparecia aos sets de gravação vestida com calças compridas para tentar se igualar aos homens (23).

Embora na década de 70 o preconceito ainda existisse, a mulher foi despertada para o uso de toda a sua potencialidade como ser humano. Esta consciência de si mesma passou a orientar muitas delas fazendo com que lutassem a fim de que as desigualdades fossem pouco a pouco desaparecendo. Uma vez aberto o canal, as gerações de futuras cineastas já tinham onde se espelhar.

Mas não foi só do cinema que as mulheres se apropriaram. Assim também ocorreu com outro veículo, que já em meados dos anos 70 começou a ser utilizado desvinculado de uma emissora de TV: o vídeo. Surgindo no Brasil, em 1956, o vídeo durante um bom tempo permaneceu fora do alcance daqueles que viriam a ser usuários, em parte devido às dificuldades de aquisição do equipamento(o alto custo só permitia o acesso às emissoras de TV) que, via de regra, acabava entrando no país por contrabando. Daí, no seu início, o vídeo estar muito ligado

(23) Elice Numerato e Maria Helena Darcy de Oliveira, op. cit., pág 63.

à TV.

Apesar de todos os problemas inerentes a uma nova tecnologia no país, um grupo de artistas brasileiros querendo experimentar outras linguagens esforçou-se para adquirir o equipamento.

Este foi um período muito conturbado para o Brasil, devido à situação político-sócio-econômica vigente, que criava um clima de grande desconforto no país. Esse quadro também se refletia no universo artístico-cultural que se encontrava reprimido e censurado. Os artistas tentavam, então, encontrar novas formas de expressão.

Assim, o vídeo entra nesse universo como mais uma possibilidade artística, apresentando novos caminhos para serem trilhados. Dessa forma, artistas do Rio de Janeiro e São Paulo inauguram aqui o que já era conhecido no exterior por vídeo-arte.

Para explicar o termo, recorreremos a uma definição de Cândido José Mendes de Almeida, que diz ser a vídeo-arte "um projeto artístico do terceiro milênio, suas tintas são o som, a luz e a imaginação". Continua dizendo que, "por se constituir em uma proposta conceitual, não explícita, lidando frequentemente com códigos e informações situados acima da compreensão do público médio, a vídeo-arte tem atingido ao longo dos anos uma platéia restrita."⁽²⁴⁾

É experimentando esta nova arte que encontramos, já nos primórdios do vídeo, a presença de artistas brasileiras. Chamamos a atenção para o fato surpreendente de notar, já nesse período, mulheres lançando-se na produção em uma nova tecnologia; mesmo porque, a relação mulher versus tecnologia nunca foi bem vista,

(24) Cândido José Mendes de Almeida, *O que é Vídeo*, SP, Brasiliense, 1989, pág 55-57.

nem foi este um meio muito frequentado pelas mulheres. Elas, ao penetrarem a esfera do cinema, já deram um passo nessa direção.

MEMÓRIA DA PRODUÇÃO FEMININA

Acreditamos que merecem atenção especial os comentários a respeito dessas artistas brasileiras, principalmente porque grande parte delas tem dado continuidade aos seus trabalhos até os dias de hoje. Pensamos que é preciso resgatar um pouco da história das mulheres nas produções audiovisuais, tão pouco explorada nas pesquisas sobre a mulher. Além disso, não podemos esquecer que o vídeo feito pela mulher pode ser o ponto de partida para a compreensão das produções artístico feministas.

Assim, é Walter Zanini quem destaca algumas delas. Passaremos a relatar na íntegra as observações feitas por ele sobre essas artistas do vídeo na época em que tais produções foram realizadas; começando por Anna Bella Geiger. Segundo ele, "seu papel de organizadora das atividades relacionadas ao vídeo muito contribuiu para o desenvolvimento desse suporte no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro.

Ela tem o vídeo como um meio específico que muito contribuiu para desmistificar o artesanal numa obra de arte. Incluindo-o, desde 1974, na sua investigação interdisciplinar, trata-o com as qualidades introspectivas que a caracterizam em situações de auto-comportamento e de prospecção de dados do meio."

Ele prossegue analisando Sônia Andrade e Letícia Parente." São duas das mais importantes artistas do vídeo do Brasil e sua atuação alonga-se a vários outros aspectos da multimídia.

São igualmente, desde 1975, as figuras que se mostraram mais ativas na utilização do vídeo no país. Situadas em linhas de conduta muito precisas, ambas agem com indiscutível poder de comunicação, exprimindo e questionando - em trabalhos estruturados com rigor e desempenhados num clima de tensão - as condições opressivas da vivência diária."

Em seguida fala de Regina Silveira e Carmela Gross." Regina Silveira, apesar de já ter preparado projetos para vídeo em 1974, somente em 1977 começou a levar suas idéias para o próprio mídia, através de "approachs" de grande contenção, que despojam o campo de visualidade: um vídeo "mínimo", no seu dizer. Em outras palavras, uma atitude que se resolve ao mesmo tempo em termos de reflexão e ação sobre as possibilidades que o VT lhe pode oferecer.

Carmela Gross conduziu seus interesses à percepção do tempo real, quando em 1977 realizou sobre a tela de um vídeo, imitando imagens comuns de TV, um desenho à guache preto que atravessa ortogonalmente todo o espaço dando-lhe a conotação de grade ou prisão."

Finalmente, Zanini termina falando de Rita Moreira e Norma Bahia Pontes, que "valem-se de uma ampla experiência com a câmera para articular registros de problemas sociais, como na obra sobre as amazonas(mito e realidade)"⁽²⁵⁾.

Numa perspectiva mais atual, vale lembrar a presença feminina na área de vídeo, embora não seja superior à masculina, representada por nomes reconhecidos internacionalmente como Sandra Kogut, Valéria Burgos, Flávia Moraes, Silvana Afram, Regina Vater... só para citar algumas, a fim de evidenciarmos

 (25) Walter Zanini, "Vídeo-arte: uma poética aberta" in Catálogo do I Encontro Internacional de Vídeo-arte, SP, 1978, s/n.

o espaço realmente ocupado pelas mulheres no vídeo seja na ficção, documentário, vídeo-arte, vídeo-clip; sejam elas feministas ou não.

Apesar dos esforços por parte das artistas brasileiras em dar continuidade aos seus trabalhos, e mesmo tendo algumas delas atingido esse fim, as dificuldades características da vídeo-arte barraram(barram) um melhor desenvolvimento dessa arte. A incompreensão da maioria das pessoas com relação aos repertórios dos vídeos fez com que alguns diretores de museus e galerias tivessem uma atitude de descrédito em relação à essa forma artística, não abrindo espaços de exposição. Isto explica, em parte, o caminho seguido pelo vídeo feminista, que buscou uma linguagem mais próxima do estilo jornalístico do que do artístico.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

Todas essas manifestações mostram como as mulheres, feministas ou não, buscam seus caminhos para se expressarem, para darem as suas versões dos fatos. Mesmo o movimento feminista, que incentivou essas mudanças, também buscava novos caminhos para propagar a sua causa. Assim, a partir de 1975, os grupos feministas começam a se utilizar da criação de jornais para obter, entre outras coisas, maior consciência da problemática feminina.

Em outubro de 1975, surge o jornal Brasil-Mulher(muito em função do Movimento Feminino pela Anistia - MFA). Em seguida, o primeiro grupo e a primeira publicação a se apresentar como feminista foi o Nós-Mulheres(vigorou de 1976 até 1978), além do Mulherio(criado em 1980 e produzido até 1988).

Esse fato é marcante e particularmente importante para nós, pois começam aí a ser desenvolvidas as novas formas de comunicação dos grupos (talvez em função também da abertura política), cujos desdobramentos vão redundar na produção de vídeos feministas. Já podemos notar o estilo documental com que são tratadas as matérias, com a valorização dos depoimentos, fato que também será observado na produção dos vídeos.

Mais tarde, por ocasião do I Festival Nacional de Mulheres nas Artes, em 1982, organizado por Ruth Escobar e financiado pela Revista Nova, mulheres de várias partes do país puderam participar com seus trabalhos. O festival foi bastante abrangente, reunindo mostras de artes plásticas, literatura, música, dança e teatro. Além disso, o evento contou com a presença de delegações de feministas de várias partes do mundo, uma oportunidade para a apresentação de trabalhos feministas realizados com os recursos da teatralização, audiovisual, filme etc.

Ainda em 1982, Anésia Pacheco e Chaves organizava na Europa a Mostra de Arte Feminina Européia. No ano seguinte, 1983, Anésia organizava a Mostra de Arte Feminina Brasileira, em Londres.

No entanto, o festival que nos interessa especificamente aconteceu apenas uma vez, mas foi um marco dentro do objetivo a que se propôs. Foi o I Vídeo Mulher, realizado no período de 20 a 22 de março de 1987, em Brasília, promovido pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Nesse festival foi mostrado o cotidiano de várias mulheres, através de documentários que falavam da mulher negra, índia, empregada doméstica, trabalhadora rural, prostituta, presidiária etc.

Quem melhor o define é sua organizadora, Maria Angélica

Lemos. "Nessas produções foi mostrada a mulher de" carne e osso". Aquela que fala de sua saúde e sexualidade, que registra seus movimentos, suas lutas, expressa suas opiniões políticas, pessoais e ainda arrisca umas previsões; que questiona os valores sociais impostos, os estereótipos e preconceitos raciais e sexuais, planta o trigo, amassa o pão e come a bóia-fria, faz arte, sofre violências, realiza seu trabalho, seu ganha pão, em casa e/ou na rua, com ou sem filhos, construindo e expondo sua identidade."⁽²⁶⁾

Esse festival muito nos interessa, pois é a primeira vez que se realiza uma mostra de vídeos feitos por mulheres sobre mulheres. Não é apenas a mulher autora, é a mulher autora da sua imagem, expressando o que ela pensa da mulher e conseqüentemente, de si mesma.

Nessa ocasião as mulheres realizadoras de vídeo, feministas ou não, puderam se conhecer e se confrontar, estreitando os laços que as mantinham muito isoladas, desvinculadas dos trabalhos de outras realizadoras. A pouca penetração do vídeo nos meios de massa e a divulgação restrita dos trabalhos realizados fez com que as videastas produzissem de forma muito isolada, sem oportunidade de trocarem informações umas com as outras. Entre outras coisas, o festival serviu de estímulo para que essas mulheres continuassem lutando por seu espaço nos meios eletrônicos levando adiante, inclusive, suas concepções a respeito da questão feminina.

Esse evento, do qual fizeram parte muitas feministas, marca também uma nova investida do movimento. Depois de produzirem jornais, revistas, panfletos... conseguem um espaço

(26) Maria Angélica Lemos, *Catálogo do I Vídeo Mulher*, Brasília, 1987.

- no caso o Festival- para propagarem as experiências acumuladas a nível nacional. A exemplo do que aconteceu nos Encontros Feministas, o I Vídeo Mulher conseguiu reunir para compartilhar: dificuldades, soluções, reivindicações, e quem se beneficiou dessa troca, por fim, foram as próprias mulheres.

Maria Angélica Lemos, em depoimento, expõe que existem outros festivais do mesmo nível sendo realizados na França, Canadá, Estados Unidos e, embora eles sejam abertos a todas as realizadoras, existe sempre uma instituição ou um grupo feminista por trás da sua organização.

Neste momento, é interessante citarmos algumas produções realizadas principalmente na área de cinema, que enfocam a questão feminina, ou têm a figura de uma mulher como fio condutor da narrativa. Tais produções pertencem aos anos 90, bem como a uma indústria, que, por motivos diversos, escolhe a mulher para suas produções, sejam elas feitas por mulheres ou não. Dentro dessa perspectiva enquadram-se os filmes: "Thelma & Louise", "Tomates Verdes Fritos", "O Piano", "Sophie", "Como água para chocolate", "Casa dos Espíritos", "Entre o céu e a terra". Queremos, com isso, chamar a atenção para o que mencionamos no capítulo anterior. A mídia volta a "tocar" no tema da mulher, seja a mídia impressa, televisiva ou cinematográfica. Acreditamos que esse fato contribui para o ressurgimento do feminismo e vice-versa.

Estes filmes não são necessariamente feitos sob as premissas feministas, nem tampouco realizados exclusivamente por mulheres e para mulheres. Mas de alguma forma fala-se da questão feminina, que é o ponto de partida do movimento feminista. O que nos chama a atenção são estas questões marcando presença desde 1991 e os filmes citados terem alcançado um público razoável (pelo que

indicam as seções de jornais e as revistas especializadas em cinema e vídeo). O que mostra que esta "tendência" de retratar o feminino tem permanecido com o passar dos anos, assim como tem aumentado a repercussão da mídia em torno do renascimento do feminismo.

Enquanto isso, aconteceu em Mar Del Plata, de 20 a 29 de setembro de 1994, o Festival Internacional de Cine realizado por mulheres. Como parte do evento acontecia também a Mostra Latino-Americana e Caribenha de filmes de longa-metragem feitos por mulheres e o Concurso de curtas-metragens e vídeos realizados por mulheres latino-americanas e caribenhas. Por trás do evento, o movimento feminista.

O VÍDEO FEMINISTA

Com a entrada da década de 80 o vídeo se tornou conhecido da maioria das pessoas. É justamente nessa década, que reflete um dos períodos mais ricos do vídeo no Brasil, que o movimento feminista começa a se apropriar deste veículo. Hoje, temos que o Brasil é o país que mais produziu vídeo sobre a mulher, na América Latina(segundo informa a documentarista Jacira Melo, em depoimento).

As feministas despertaram para as facilidades e vantagens do vídeo como meio de comunicação, das quais podemos destacar principalmente: o baixo-custo de produção, a praticidade na exibição, a imediaticidade de retorno do material gravado, a independência na produção, a facilidade de manuseio, a agilidade, entre outras. Com isso, temos que o vídeo é considerado o meio

ideal para abordar questões sociais para os movimentos populares.

O feminismo impulsionou as mulheres a se apropriarem dos meios de comunicação e não só as feministas. O vídeo foi privilegiado pois, segundo a videasta Márcia Meireles, ele dá mais acesso à mulher que o cinema, que é uma estrutura mais do homem, ou mesmo a TV. É mais fácil uma mulher chegar a ser diretora numa produtora de vídeo do que numa emissora de TV.

A produção de vídeo feminista, que deve ser entendida como aquela que atua a partir das premissas feministas, ou seja, da perspectiva de dominação no gênero sofrida pelas mulheres(segundo nos relatou Jacira Melo) começa a se delinear no Brasil a partir de 1984. Um dos elementos que veio contribuir para esse desenvolvimento foi o fato dos equipamentos de vídeo terem ficado mais acessíveis a partir de 1983, especialmente na cidade de São Paulo.

Como já foi dito anteriormente, a produção de vídeos realizados pelas mulheres não se afirmou pela via artística. Devemos esclarecer, que não nos referimos apenas à vídeo-arte, mas mesmo à ficção. Por vários fatores, inclusive financeiros, o gênero de produção adotado por muitas realizadoras e maciçamente pelas feministas foi o documentário, que já tinha uma tradição num meio de referência muito próximo ao vídeo: o cinema.

O documentário videográfico se aproxima mais do estilo jornalístico. Na sua elaboração são utilizados vários depoimentos para expressar uma dada realidade, por isso é muito apropriado para as denúncias pretendidas pelas feministas -ao retratar a "mulher de carne e osso"- que são feitas principalmente através do discurso verbal.

Para melhor compreendermos o vídeo feminista, é preciso

dizer que ele se enquadra dentro de uma categoria mais abrangente, o vídeo popular. Luís Fernando Santoro conceitua o vídeo popular como:

" - a produção de programas de vídeo por alguns grupos ligados diretamente a movimentos populares, como por exemplo os sindicatos e associações de moradores e movimento dos Sem-Terra;

- a produção de programas de vídeo por instituições ligadas aos movimentos populares para assessoria e colaboração regular, como grupos da Igreja, a FASE, o IBASE, Centros de Defesa dos Direitos Humanos, entre outros;

- a produção de programas de vídeo por grupos independentes dos movimentos populares, que por iniciativa própria elaboram-nos sob a ótica e a partir dos interesses e necessidades desses movimentos, que são por fim seu público mais importante;

- o processo de produção de programas de vídeo, com a participação direta de grupos populares em sua concepção, elaboração e distribuição, inclusive apropriando-se dos equipamentos de vídeo;

- o processo de exibição de programas de interesse dos movimentos populares, produzidos em vídeo ou utilizando-o como suporte, a nível grupal para informação, animação, conscientização e mobilização.⁽²⁷⁾

Sendo o movimento de mulheres e, mais precisamente, o movimento feminista, um movimento popular, temos que este fato imprime ao movimento um caráter reivindicatório, denunciando as desigualdades vividas e buscando uma maior participação política das pessoas que dele fazem parte.

 (27) Luís Fernando Santoro, *A imagem nas mãos*, SP, Summus, 1989, pág 100.

Esse caráter levado aos meios de comunicação, viabiliza o que é chamado de contra-informação. Ou seja, a informação dos setores excluídos, discriminados pelos meios de comunicação de massa; a informação que se contrapõe à informação dominante.

Daí a observação de Jacira Melo, que diz ser característica dessas produções uma abordagem didática, pois além de buscarem politizar e propagandear questões relativas à condição da mulher, também são destinadas a apoiar as ações políticas e cotidianas do movimento de mulheres e de outros setores de esquerda.⁽²⁸⁾

Um outro fator importante para que possamos entender melhor o vídeo feminista, diz respeito ao seu tipo de produção. Contrário ao estilo comercial, resta-nos um produto que se mantém à margem de uma estrutura mais complexa durante a sua realização, além de oferecer uma programação cujo conteúdo ideológico é mais definido - que ficou conhecida por produção independente.

Abrimos um parêntese para falar um pouco sobre essa fase de produção independente no Brasil. No auge desta produção (início dos anos 80), muitos realizadores conseguiram veicular seus programas nas emissoras de TV. Mas, apesar do sucesso de algumas produtoras, esse canal com a televisão não foi mantido, por uma questão de mercado. Frustrou-se, assim, o sonho do realizador independente no Brasil e atualmente não encontramos mais este mesmo panorama.

O que verificamos hoje são profissionais, grande parte da área de comunicações, realizando com muito esforço um vídeo

(28) Jacira Melo, op. cit., pág 41.

autoral para concorrer nos festivais. Sendo assim, não sabemos que critérios utilizar para definir uma produção independente, nos dias de hoje.

Por hora, o exemplo que mais se aproxima da expressão produção independente fica restrito àquelas produções dos festivais, que partem de projetos autorais para mostrarem a visão de mundo de seu realizador. Para Márcia Meireles, pode-se pensar hoje em dia em produção independente quando a expressão é o fundamental e não se fica preso à regras, formatos, tempo...

Colocamos esta questão da produção independente pensando em como classificar o tipo de produção dos vídeos feministas. Estes não se realizam vinculados à uma estrutura comercial mais complexa, tampouco têm fins lucrativos.

Ora são produzidos por grupos e/ou feministas autônomas utilizando recursos de entidades estrangeiras ou nacionais, ora por órgãos governamentais que se ocupam da problemática feminina como o CECF e a Divisão de Saúde Materna e da Criança. Tanto uma como outra situação acabam determinando o tipo de produção a ser realizada(segundo relato de Jacira Melo).

No início da produção de vídeo feminista tínhamos grupos e instituições feministas interessados na veiculação de suas mensagens através do vídeo, no entanto, estes, na sua maioria não dispunham de equipes técnicas, nem de equipamentos apropriados, por isso optaram por contratar os trabalhos de videastas feministas para a realização das produções. Tínhamos também estas videastas desenvolvendo projetos próprios.

Como já mencionamos anteriormente, nos ocuparemos das produções realizadas pelos grupos Lílith e Comulher, que prestam serviços e realizam vídeos nesse período. Esses grupos foram escolhidos por serem muito significativos: o grupo Lílith foi

o pioneiro na produção de vídeo feminista, sendo que sua existência compreendeu um período que podemos chamar de o início e o apogeu do vídeo feminista. Já o grupo **Comulher** é a versão mais atualizada do vídeo feminista, abordando as questões mais recentes do movimento.

É interessante observar que o **Comulher** é formado por remanescentes do **Lí lith** e atualmente, segundo uma das suas integrantes, Márcia Meireles, é o único grupo que trabalha com vídeo feminista no Brasil, com exceção do **Cunhã**, de João Pessoa, que começa a se estruturar nesse sentido. Não estamos considerando, neste caso, os grupos feministas que trabalham com questões específicas, como o **SOS-Corpo do Recife(saúde)**, o **Geledés de São Paulo(mulheres negras)** etc.

OS MECANISMOS DE FUNCIONAMENTO

Antes de partirmos para o estudo das produções realizadas por cada grupo, é importante que coloquemos os mecanismos de funcionamento dos vídeos feministas. Devemos ressaltar inicialmente, que o vídeo feminista é mais do que nunca um trabalho em equipe. O próprio trabalho em vídeo, por ser uma estrutura pouco hierarquizada contribui para esta integração; o vídeo popular, pelo seu caráter político, que o faz preocupar-se ainda mais com o conteúdo veiculado, exige esta participação ativa da equipe de produção nas discussões para a realização dos programas. Some-se a isso, o princípio de coletividade do movimento e as novas formas de relação de trabalho que são eleitas pelo feminismo. O Lílith, por exemplo, experimentou produções coletivas, em duplas etc.

Embora o trabalho seja em equipe, as partes envolvidas têm suas funções específicas. Com isso, as feministas dos grupos e instituições colaboravam com a elaboração do conteúdo dos vídeos, utilizando-se de discussões acumuladas do movimento através de um rico material teórico: livros, artigos, estudos etc (segundo nos informa Jacira Melo). Quanto mais profundo fosse este embasamento sobre questões específicas, melhores as chances de termos uma acertada abordagem política com o alcance dos objetivos pretendidos. Por sua vez, as realizadoras se encarregavam de transpôr essas mensagens para a linguagem de vídeo. Essa relação era, antes de mais nada, uma troca de conhecimentos que só vinha enriquecer o produto final.

Tanto as feministas, como as videastas preocupavam-se com a abordagem das questões mais urgentes para o movimento. Buscavam na sociedade em geral o que no momento afligia mais

profundamente as mulheres, quais eram suas necessidades mais imediatas. Foi assim com os vídeos feitos sobre violência contra a mulher, por exemplo, realizados depois de uma série de assassinatos de mulheres por seus maridos, que trouxeram à tona o problema da violência doméstica. Os vídeos entram em cena para denunciar essa situação, reivindicando soluções para o problema, ao mesmo tempo que conscientizavam e previniam outras mulheres sobre a questão. A ação das feministas partia das mulheres e a elas retornava através dos vídeos.

O conteúdo dos vídeos feministas carrega a ideologia política do movimento, por isso sempre temos a denúncia de uma situação vivida e a reivindicação dos direitos devidos, convidando as mulheres e a sociedade em geral a serem solidárias à sua luta. Têm sempre como proposta sensibilizar o seu público alvo, provocar discussões, questionamentos, tentando uma mudança de mentalidade. Em geral, os vídeos destinam-se às próprias mulheres enfocadas, que a eles têm acesso através dos grupos de reflexão ou da divulgação efetivada pelas feministas, mas também podem se estender à todos os outros setores da sociedade quando utilizados em escolas, sindicatos, videoclubes etc.

Os vídeos feministas apresentam uma outra imagem da mulher, diferente das já produzidas e, pensamos, tão legítima quanto elas. Esta produção busca captar a essência da mulher enquanto ser humano, mostrando-a por inteiro, na sua totalidade. No entanto, para realizar essa busca é necessário um exercício de percepção pelas realizadoras. Elas precisam despojar-se de preconceitos e estereótipos, abolir as imagens forjadas e atingir o subjetivo, o pessoal e o muito íntimo. Caso contrário, correm o risco de cair num lugar comum e retratar a mulher da forma como vem sendo feita até agora pelos meios de comunicação de

massa, como mercadoria por exemplo, ou até mesmo sob um olhar masculino (como objeto sexual) que não é uma exclusividade dos homens, porque estamos falando de um mecanismo que independe do sexo das pessoas. Esta percepção se não estiver "lapidada" (o que acaba acontecendo em maior ou menor proporção quando as realizadoras possuem um envolvimento com o movimento feminista) acaba refletindo uma visão masculina até mesmo nelas. O fato das documentaristas serem mulheres não as imuniza de cair nesses mesmos equívocos, o que aponta para uma atenção redobrada no ato da produção.

Esta outra, diríamos também nova, imagem da mulher é conseguida, entre outras coisas, através de uma situação muito especial que se estabelece entre realizadoras e protagonistas. Se a nossa intenção é fazer a reconstrução da evolução do movimento feminista através dos vídeos feitos por elas, teremos que "desmontá-los" para compreendermos como se dá a construção da imagem da mulher pela mulher. Aí veremos que o ponto chave nessa construção são os depoimentos colhidos. Pois é na obtenção desses relatos que a figura das realizadoras é significativa.

As documentaristas posicionam-se claramente na condição de ouvintes ao abrir microfone e câmera para que aquelas mulheres falem. Por isso é feito todo um trabalho de aproximação, familiarização com as protagonistas, tentando deixá-las à vontade na esperança de que se estabeleça um diálogo entre elas e não apenas um jogo de perguntas e respostas. Dessa forma, os relatos assistidos fluem com espontaneidade e contam as experiências de vida, a vivência de um cotidiano que só aquelas mulheres, por senti-lo na pele, é que estão autorizadas a falar.

A fala das protagonistas, embora verse sobre problemas que são próprios à sua realidade, acaba por incluir questões

que são comuns à maioria das mulheres, porque são questões específicas das mulheres, tais como a sua sexualidade, dupla jornada de trabalho, discriminação social (na forma de salários mais baixos dos que são oferecidos aos homens...)

Esta situação de intimidade compartilhada cria uma cumplicidade entre realizadoras e protagonistas, chegando às vezes ao ponto de provocar uma identificação entre elas.

De qualquer forma, o fato de serem feministas lhes confere uma consciência maior a respeito da problemática feminina, que por sua vez as sensibiliza profundamente. E é essa sensibilidade que permite que seja vista na tela aquela "mulher de carne e osso", já que as documentaristas, por estarem atrás das câmeras, têm o poder de incluir ou retirar imagens. Dessa forma são privilegiadas as expressões naturais daquelas mulheres, mostrando-as como elas se apresentam para as videastas. Como disse Márcia Meireles, se são bonitas mostramos a beleza, se não são bonitas, a não beleza... É nisso que consiste a força dos vídeos feministas, é nisso que essas produções apresentam uma nova imagem de mulher.

Concordamos com a posição de Jacira Melo, pelo menos em linhas gerais, quando diz serem os vídeos feministas realmente audiovisuais, porque o que temos valorizados em última instância são voz e expressão. Apesar dessa posição às vezes refletir uma acomodação quanto aos recursos de linguagem, parecendo até mesmo uma valorização do verbal em detrimento do visual, uma falta de "ousadia narrativa" (como diz Maria Angélica Lemos).

A expressão da subjetividade de cada mulher é que dá o tom aos vídeos feministas, muito porque o que se deseja realmente é que haja uma troca, uma interferência (como confirmam as videastas em depoimento prestado à pesquisadora). De um lado,

as mulheres que fazem o vídeo se sentem tocadas, incomodadas pelas questões abordadas, que levam-nas a se questionarem com relação os seus valores. As protagonistas como que "passam a limpo" suas histórias de vida, ao se abrirem para as câmeras. Por outro lado, das mulheres e homens que venham assistir esses vídeos, espera-se que também sejam atingidos e transformados no seu modo de pensar e agir.

Entenderemos melhor as consequências dessa situação ao assistirmos as produções feministas e observarmos o que nos detém a atenção. Em primeiro lugar somos tomados logo de início por uma força que emana dos vídeos. A sensação que temos é de grande intensidade, seja de satisfação ou de desconforto, mas com certeza não há como ficarmos indiferentes.

Os temas abordados nessas produções são frequentemente situações limites de todo tipo de opressão. Então, vemos vídeos sobre prostituição, violência contra a mulher, trabalhadoras rurais, mulheres negras... Nesses trabalhos, percebemos que as desigualdades sociais vêm somar-se às opressões de gênero, pelo fato de ser mulher.

Em termos de recursos de linguagem, podemos observar que há uma predominância de primeiros planos e planos de detalhes, justamente por serem estes que mais auxiliam na obtenção de voz e de expressão das mulheres retratadas. Apesar de estas serem características básicas da linguagem de TV, o uso dado pelo vídeo feminista tem uma finalidade específica.

Percebemos também, que, embora os vídeos sejam predominantemente documentários, na edição final desaparecem as perguntas das realizadoras, apenas aparecendo a sua intervenção quando requisitada pelas protagonistas. A ação fica por conta das mulheres retratadas, numa franca demonstração

de que são elas as pessoas que podem falar das questões enfocadas com conhecimento de causa, por isso foge-se do especialista, evita-se a voz "off" dos documentários tradicionais, que às vezes se arrogam o direito da "voz da verdade".

As videastas feministas procuram vivenciar as mensagens do movimento até mesmo na escolha de sua equipe de produção, procurando dar espaço para as mulheres, desde que competentes, ao recrutá-las, principalmente no que diz respeito às funções técnicas (câmera, operador de VT, edição, pós-produção...), muito pouco exercidas por mulheres. Isso porque, nos seus primórdios, os equipamentos de vídeo pesavam em torno de vinte quilos e exigiam uma estrutura física correspondente para utilizá-lo. Mas também porque sempre houve uma resistência, por parte dos homens de vídeo e TV, para entregar funções técnicas às mulheres, que sempre tiveram a sua entrada na equipe pela porta da produção. Isto vem lembrar a velha máxima que diz ser a mulher "a melhor organizadora da casa".

As observações feitas a respeito dos mecanismos intrínsecos à construção dos vídeos feministas, podem nos levar a raciocínios equivocados. Sentimo-nos tentados a perguntar: só uma mulher sabe falar "verdadeiramente" sobre uma outra mulher? Existe uma diferença entre vídeo feito por um homem e outro feito por uma mulher sobre a mulher? E mais, se a resposta à pergunta feita acima for positiva, corremos o risco de desembocarmos na derradeira e polêmica pergunta: existe uma estética feminina/feminista de produção de vídeo?

A fim de esclarecermos essas possíveis dúvidas é que pretendemos deixar claro, desde já, que o caminho de nosso trabalho não é esse. Não é nosso interesse, no momento, nem

nos achamos em condições de segui-lo, até mesmo por falta de estudos específicos para apoiar-nos.

Dos mecanismos apresentados devemos reter, principalmente, o fato de que a posição de feministas assumida pelas realizadoras é determinante para que elas tenham outra consciência a respeito da problemática feminina e, portanto, enxerguem a mulher retratada com outros olhos. Além disso, aquele "algo peculiar", "sutil", que é característico dos vídeos feministas, só é conseguido se for estabelecida uma relação muito especial entre realizadoras e protagonistas. Agora, segundo declaração das próprias documentaristas, nada impede que um homem que possua os princípios feministas, somados à uma percepção, sensibilidade capazes de captar a "alma feminina", não possa realizar o mesmo trabalho. As dúvidas, portanto, se esvaziam por esse motivo.

Antes de iniciarmos as análises dos vídeos dos grupos Lílith e Comulher, pensamos que seria interessante apresentarmos as produções videográficas feministas existentes até o momento.

Na impossibilidade de pesquisarmos detalhadamente todos os vídeos produzidos pelo movimento, ao menos revelamos as dimensões alcançadas por este tipo de produção. Acreditamos que o panorama das produções feministas é melhor representado sob dois aspectos principais: temas desenvolvidos e entidades produtoras. Dessa forma, desejamos contribuir para a disseminação de informações sobre esse assunto.

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS VÍDEOS FEITOS PELAS FEMINISTAS:

Temas:

1) Direito da mulher:

- Os direitos da mulher trabalhadora;
- Prendas domésticas;
- De olho no preconceito;
- Creches;
- Mulheres negras;
- Constituinte, alerta mulher;
- Feminino Plural;
- Mulheres no Canavial;
- Dupla Jornada

2) Violência contra a mulher:

- Contrário ao Amor;
- Epicentro do Amor;
- Feminino Plural-Violência

3) Saúde da mulher:

- A saúde da mulher em debate;
- Saúde: uma questão de vida;
- Norplant?;
- Quem tem peito para isso?;
- Trabalhando de brincar;
- Coletivo feminista Sexualidade e Saúde;
- Menopausa;
- Conferência Estadual de Saúde;
- Feminino Plural-Sexualidade e Saúde;
- Diafragma: uma escolha possível;
- Amamentação: quem ganha, quem perde;
- Médicas, bruxas e curandeiras;
- Todos os dias são seus;
- Prevenção de câncer de colo;
- Tá ligado nessa?;
- Os Tecnozeus;
- Sexo na classe;
- O que faço com este tesão?;
- Atendimento médico;
- Atrave-te a saber;
- Camisinha;
- Denise;
- Injeções Hormonais;
- Pílulas Anticoncepcionais;
- Por que não?

4) Prostituição:

- Beijo na Boca;
- Meninas

5) Vários:

- Pajens;
- Brilho Profano - Casa da Mulher do Grajaú;
- III Encontro Feminista Latino-Americano;
- Fazendo Fita;
- Uma menina em dez;
- Quem te viu, quem TV;
- Memória de Mulheres;
- As Sibilas;
- Jogos sexuais infantis;
- Planejamento Familiar
- 8 de março - Dia Internacional da Mulher;
- Grafite Urban Art;
- 100 Anos depois;
- Missa Fêmea;
- Cocina de Imagens;
- A cor do sexo;
- I Encontro de Mulheres Negras da Baixada Santista;
- Um novo jeito;
- Axé

Tipo de produção:

1) Instituições:

CECF:

- Os direitos da mulher trabalhadora;
- A saúde da mulher trabalhadora;
- Creches;
- Mulheres Negras;
- Mulheres no Canavial;
- Constituinte, Alerta Mulher;
- Menopausa;
- Feminino Plural;

Instituto de Saúde:

- Quem tem peito para isso?;
- Trabalhando de brincar;
- Epicentro do Amor;
- Conferência Estadual de Saúde;
- Diafragma: uma escolha possível;
- Amamentação: quem ganha, quem perde

SOF(Serviço de Orientação Familiar):

- Saúde: uma questão de vida

Centro da Mulher Brasileira:

- Norplant?

Rede Mulher:

- Quem te viu, quem TV

Instituto da Mulher Negra(Geledés)/Comulher:

- Todos os dias são seus

2) Grupos e/ou feministas autônomas:

Grupo Mulher dá vida:

- Prendas domésticas

Lílith Vídeo:

- Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde

Casa da Mulher do Grajaú:

- Brilho Profana: Casa da Mulher do Grajaú

SOS Corpo/TV Viva:

- Prevenção de câncer de colo;
- Tá ligado nessa?;
- Sexo na classe;
- O que eu faço com este tesão;
- Jogos sexuais infantis;
- Atendimento Médico;
- Atrave-te a saber;
- Camisinha;
- Denise;
- Dupla Jornada;
- Injeções Hormonais;
- Pílulas Anticoncepcionais;
- Planejamento Familiar;
- Por que não?

Fúlvia Rosemberg:

- De olho no preconceito;
- Pajens

Maria Angélica Lemos;

- Fazendo Fita;
- I Vídeo Mulher;
- Médicas, bruxas e curandeiras
- Cocina de imagenes;

- Axé;
- A cor do sexo;
- I Encontro de Mulheres da Baixada Santista;
- 100 Anos depois;
- 8 de março - Dia Internacional da Mulher;
- Grafite Arte Urbana;
- Missa Fêmea;
- Um novo jeito;
- Saúde, uma questão de vida;
- A saúde da mulher em debate

Carmem Barroso e equipe:

- Uma menina em dez

Jacira Melo:

- Contrário ao Amor;
- Meninas

Maria Angélica Lemos/Márcia Meireles:

- Memória de Mulheres
- Mão na Massa

Lúcia Temoteo e Sandra Albuquerque:

- Cunhã

Rita Moreira:

- As sibilas

Nancy Marcote, Silvana Afram, Regina Barbosa:

- Os Tecnozeus

As informações acima foram retiradas do Catálogo de Vídeo da ABVP, de 1992.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS VÍDEOS FEMINISTAS:
GRUPOS LÍLITH E COMULHER

A escolha de dois grupos específicos para o estudo do vídeo feminista foi necessária, como já mencionamos, para delimitar melhor o nosso objeto de estudo.

O grupo Lílith surgiu em meados de 1983, contando com as presenças de Silvana Afram, Jacira Melo e Márcia Meireles, que se conheceram no movimento feminista e a partir daí criaram o grupo com a idéia de fazer vídeos voltados para o movimento de mulheres.

A equipe funcionou a contento das realizadoras até o momento em que a convivência das três integrantes, que além de trabalharem também moravam juntas, acabou desgastando as relações. Foram tentadas algumas saídas para essa situação. As videastas tentaram produzir em parceria: Márcia com Jacira, Márcia com Silvana, Márcia sozinha até que chegou-se à conclusão que o Lílith precisava crescer.

Então o grupo abriu-se para a entrada de mais pessoas, das quais permaneceram umas 10. Essa nova fase da equipe foi durante o ano de 1987. Nessa mesma época aconteceu o Encontro Feminista no México, que provocou mudanças no modo de pensar das integrantes, provando que o crescimento do grupo não havia dado certo. Os reflexos desse Encontro podem ser percebidos pelos diferentes posicionamentos tomados por cada integrante. Silvana Afram queria parar um pouco de fazer vídeo e fazer editoração, Jacira Melo resolveu que iria estudar e estava meio desacreditada de grupo também.

Márcia Meireles junto com algumas pessoas que não estavam desacreditadas de grupo, como Maria Angélica Lemos e Schuma Schumacher, pessoas vindas de um grupo chamado Mulher dá Vida - que também tinha experiência em vídeo ligado ao movimento de mulheres - fundaram o Comulher.

O Comunicação Mulher ganhou novas adeptas e atualmente funciona com oito pessoas: Flora Lovato, Mahlu Heilborn, Cinthia Gusmão, Cristina Bergantini, Robin Askew além das fundadoras do grupo. A idéia fundamental dessas pessoas não é só estar trabalhando com o vídeo. A proposta do grupo é trabalhar na organização de seminários, publicações, fotografia em todas as áreas que dizem respeito à comunicação, mas o forte do grupo tem sido o vídeo. O Comulher é representado principalmente por Maria Angélica Lemos e Márcia Meireles, já que as outras integrantes do Comulher exercem outras atividades. O grupo pretende produzir vídeos, em sintonia com o movimento de mulheres, sobre temas que o movimento está discutindo. Quer ainda produzir vídeos com outros grupos, além de ter projetos de capacitação.

A seguir listaremos as produções destes dois grupos:

1) Lílith Vídeo;

- Os direitos da mulher trabalhadora - Avançando(1984);
- A saúde da mulher trabalhadora(1984);
- Brilho Profana - Casa da Mulher do Grajaú(1985);
- III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe(1985);
- Contrário ao Amor(1986);
- Constituinte, Alerta Mulher(1986);
- Creches(1986);
- Mulheres no Canavial(1986);
- Mulheres Negras(1986);
- Saúde: uma questão de vida(1986);
- Feminino Plural(1987);
- I Vídeo Mulher(1987);
- Beijo na Boca(1987);

- A saúde da mulher em debate(1986);
- Norplant?(1986);
- Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde(1987);
- Médicas, bruxas e curandeiras(1987);
- Axé(1988);
- Meninas(1989)

2) Comulher:

- Prendas domésticas(1983);
- Fazendo Fita(1985);
- Um novo jeito(1986);
- Saúde: uma questão de vida(1986);
- A saúde da mulher em debate(1986);
- I Vídeo Mulher(1987);
- Médicas, bruxas e curandeiras(1987);
- Cocina de Imagenes(1987);
- Axé(1988);
- A cor do sexo(1988);
- I Encontro de Mulheres Negras da Baixada Santista(1989);
- Grafite, arte urbana(1989);
- Preta Carroceira(1989);
- 100 Anos depois(1989);
- 8 de março - Dia Internacional da Mulher(1989);
- Tribunal Winnie Mandela(1989);
- Missa Fêmea(1990);
- Memória de Mulheres(1992);
- Todos os dias são seus(1992);
- Mão na Massa(1992)

Alguns vídeos constam nos dois grupos porque numa determinada

fase do Lílith, quando as portas se abriram para novas integrantes, ficou decidido que todos os trabalhos das integrantes feitos ou não com o grupo passariam a constar como produção do Lílith e vice-versa

Entre os vídeos apresentados escolhemos para a nossa análise os seguintes :

- Mulheres no Canavial(1986);
- Médicas, bruxas e curandeiras(1987);
- Beijo na Boca(1987);
- Feminino Plural-Violência(1987);
- Meninas(1989);
- Memória de Mulheres(1992);
- Todos os dias são seus(1992)

Eles foram selecionados porque atendiam aos propósitos desta pesquisa no tocante ao estudo da evolução temática e dos momentos de ascensão e refluxo do feminismo na época.

A análise dos vídeos obedeceu aos seguintes critérios:

- entidade que encomenda o projeto;
- produtora que realiza o projeto;
- público a quem se destinam os projetos;
- momento histórico do movimento
- evolução técnica

A apresentação dos vídeos atendeu a uma ordem estabelecida também pelos critérios colocados acima. O primeiro vídeo a ser analisado é "Feminino Plural", que além de ser encomendado por

uma instituição - Conselho Estadual da Condição Feminina(CECF) é o único vídeo que foi veiculado numa emissora de TV. Essa condição especial de produção e exibição torna-se determinante para a análise pretendida e não se verifica nos vídeos que vêm a seguir.

Achamos interessante apresentarmos a ficha técnica contida no próprio vídeo, pois dessa forma torna-se mais evidente a diferença de elaboração deste projeto com os demais que serão analisados.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a necessidade de visualizarmos cada produção dentro da época em que estas foram realizadas, portanto, a importância atribuída a cada uma delas foi efetivada de acordo com o contexto em que estavam inseridas.

1) FEMININO PLURAL-VIOLÊNCIA

Pesquisa e Assessoria Comunicacional(Conselho Estadual da Condição Feminina)

Comissão contra a Violência à mulher: Maria Aparecida de Medrado

Comissão de Comunicação: Fátima Pacheco Jordão

Criação e Produção: Olhar Eletrônico

Apresentação: Aizita Nascimento

Reportagem: Fátima Beltrã

Abertura: Marcelo Machado

Trilha de abertura: Luciano Kurbau

Roteiro: Jacira Melo

Textos: Fernanda Pompeu

Atores convidados: Maria Helena Franco Barbosa, Celso Prateschi

Direção de ator: Cecília Homem de Melo

Direção de Produção: Maria Isabel Lamadrid

Produção: Mafsa Mendonça, Inez Medagli

Direção de imagens: Alexandre Quaresma

Operação de VT: Nivaldo Dakusaku

Assistentes: Adriano Attili, Sebastião Angelo, Ricardo Artner

Sonoplastia: Hugo Prata

Edição: Estevão Nunes(Tutu)

Pós-Produção: Paulo R. Azevedo, Estevão Nunes(Tutu)

Realização: Conselho Estadual da Condição Feminina, Rádio e TV Cultura, Olhar Eletrônico

U-MATIC e VHS/NTSC - 60 min., cor 1987

Sinopse: Este programa trata da violência praticada contra mulheres, desde as sutis "cantadas" aos espancamentos, abusos sexuais e homicídios. Mostra como funcionam as Delegacias de Defesa da Mulher, com depoimentos de funcionárias e mulheres que procuram esses órgãos.

Obs: Esta sinopse foi retirada do catálogo das produções videográficas do Conselho Estadual da Condição Feminina(CECF).

Feminino Plural é uma série de 4 programas enfocando os temas: trabalhadoras urbanas e rurais, saúde e sexualidade, violência, saúde e planejamento familiar. Esta série de programas é muito didática, onde o caráter informativo é predominante. Há duas possíveis explicações para esta situação: a) o fato de ser produzido para a TV - que requer uma linguagem clara e objetiva, b) a necessidade do Conselho - entidade feminista que encomendou o vídeo - de explicar ao máximo essa questão.

O tema violência foi extremamente importante para a época e a abordagem que é feita neste vídeo, utilizando uma linguagem própria da TV, faz dele um objeto de análise muito peculiar. Os outros temas, também fundamentais para o movimento e passíveis de análise, serão abordados dentro de uma outra estrutura de produção(diferente daquela feita para a TV), a fim de que verifiquemos as diferentes implicações que advém deste fato.

Como já foi dito nos outros capítulos, a década de oitenta proporcionou um fluxo de produções videográficas considerável. Neste período merecem destaque os anos de 1986 e 1987, que inauguram uma fase de produções realizadas principalmente para instituições(segundo depoimento de Jacira Melo).

Feminino Plural representa o ponto máximo dessas produções, já que contou com uma grande infra-estrutura(vide ficha técnica) para sua realização. Segundo as documentaristas, esta foi talvez a única produção idealizada em termos profissionais para elas encomendada, o que significa dizer que as realizadoras foram, inclusive, bem remuneradas.

Esse fato deve-se principalmente à veiculação do vídeo na TV, estrutura que exige uma qualidade técnica adequada. Mas não é apenas pela forma que essa produção se destaca, mas também pelo conteúdo abordado de forma abrangente.

A violência contra a mulher foi motivo de diversas manifestações de repúdio pelas feministas já que o ano de 1980 traz à tona os vários casos de espancamentos e até mesmo assassinatos de mulheres por maridos, companheiros ou pais. A situação exigiu um exercício de conscientização das feministas em torno das diversas problemáticas que refletiam uma discriminação contra a mulher. O objetivo principal era atingir a questão da violência doméstica.

Some-se a isso os escândalos causados pela divulgação dos assassinatos de pessoas famosas, como foram os casos das mortes de Eliane de Grammont e Ângela Diniz, que revelaram definitivamente um problema que a sociedade, em vão, ocultava.

Abrimos um parêntese para falarmos que o papel da imprensa foi fundamental para auxiliar a propagação dos ideais feministas mesmo que não os abordasse dentro da real ideologia do movimento. É desta época o programa TV Mulher, criado pela Rede Globo, cuja proposta era abordar as questões femininas, inclusive a violência doméstica.

No entanto, foi uma TV considerada de pouca repercussão, TV Cultura-SP e, em seguida, mais dezessete TVs Educativas, que veicularam um programa realizado dentro dos propósitos feministas, ou seja, abordando a questão da violência em toda a sua complexidade. As TVs de massa divulgavam os fatos, mas não os aprofundavam.

A questão da violência contra a mulher possui diversas variantes das quais a mais importante, para a época, era a

violência doméstica. É por este motivo que a mesma ocupa grande parte do programa Feminino Plural. Para as feministas, tratava-se de revelar um problema antes considerado pessoal ou privado(já que acontecia entre quatro paredes) e trazê-lo para a esfera pública. Eram aceitas pela sociedade as diversas agressões(físicas e morais) praticadas contra a mulher porque esta era considerada como passível de ser dominada pelos homens. Fica assim configurada uma discriminação de gênero. Os atos violentos praticados contra a mulher - quando denunciados - passam para o plano jurídico podendo então ser julgados pelas esferas legais. É por esse motivo que as feministas iniciam várias reivindicações para que tais atitudes fossem consideradas como crime previsto pela lei.

As considerações acima são reveladoras do caráter político deste vídeo. As questões por ele abordadas adquirem uma conotação que vai além das reivindicações feministas pelo fato de ser esta uma produção do CECF. Esse órgão foi criado pelo Governo Montoro - que, aliás, elegeu-se adotando uma plataforma de governo que incluía as questões femininas e feministas - e sua interferência no resultado final do vídeo é bastante evidente.

O vídeo se inicia com uma breve introdução do assunto por uma apresentadora negra -, talvez uma demonstração de que as feministas pretendem acabar com os preconceitos, tanto sexistas quanto raciais. A presença de uma apresentadora e logo depois de uma repórter são recursos sempre evitados nos vídeos feministas, mas nesse caso a utilização se faz necessária, pois trata-se de uma produção para a TV(segundo informações das videastas em depoimentos prestados).

No primeiro bloco de **Feminino Plural** temos a apresentadora

introduzindo o assunto, que começa pela violência doméstica. São feitos esclarecimentos a respeito da Delegacia de Defesa da Mulher, como surgiu e a que se destina, ressaltando o fato de ser essa violência cometida por maridos, companheiros, pais ou irmãos. Essas falas são ilustradas com imagens do funcionamento da Delegacia. A narração cita a existência de 13 Delegacias no estado de São Paulo, dado que explicita a já citada interferência do órgão governamental que encomendou o vídeo e que aparecerá em outros momentos do seu desenvolver.

Após essa apresentação, percebemos que abre-se novamente a questão para que as mulheres vítimas falem sobre as agressões sofridas. É a própria apresentadora que diz:

" (...) Agora vamos ouvir algumas histórias de violência contadas pelas próprias mulheres(...)"

As imagens que se seguem são de mulheres que estão na delegacia após terem sofrido agressões recentes (às vezes na noite anterior) e contam suas histórias revelando um quadro que já vem de muitos anos. A câmera as focaliza em close, destacando principalmente as partes machucadas e o olhar, enquanto a banda sonora se prende à fala das mesmas. Pelas respostas percebemos que as perguntas se referem sempre ao momento em que a vítima foi agredida, ou à história que lhe é subjacente.

As histórias contadas apontam para uma realidade que, para os dias de hoje, pode não ser novidade, mas para a época era a revelação de um sério problema. Relatos como o que transcrevemos abaixo refletem bem a gravidade da situação:

" (...) Foi no terceiro mês de gravidez que ele me bateu mesmo, me socou a cabeça na parede, chegou até a pegar uma faca

para me matar, aí eu tentava, eu ia sair, fugir e ele pegava e fechava a porta para eu não sair, aí eu tentava pular a janela para poder sair, aí ele fechava e começava a me dar soco(...)"

"(...) Apanhei foi bastante, inclusive já cheguei a dormir até na rua com as crianças(...)"

"(...) A gente tá cansada de apanhar, de sofrer, bate na gente até a gente desmaiar, tô sofrendo demais(...)"

Esses depoimentos são momentaneamente interrompidos pela fala da apresentadora, que ressalta as marcas deixadas pela violência logo ilustradas com imagens de olhos inchados, roxos, braços quebrados, hematomas... Após essas ilustrações a apresentadora fala da questão moral que se esconde por trás da violência física e discorre sobre a violência psicológica que é produzida nessas mulheres, que afeta sua auto-estima e as coloca como seres inferiorizados. Hoje sabemos que esse é um dos elementos que faz com que as mulheres não consigam sair do estado de agressões constantes de que são vítimas.

Na sequência temos a primeira intervenção da repórter, que ainda não aparece no quadro - apenas sua pergunta é ouvida - perguntando novamente para as vítimas sobre agressões recentes, ou pedindo descrições dos atos de violência já praticados, para depois introduzir questões-chaves para o movimento e para o CECF tais como:

- Por que a senhora esperou tanto tempo para denunciar seu marido?

"(...) É pelos filhos... ontem meu filho ficou sabendo que o pai dele foi buscar um revólver para me matar... se meu filho não chegasse eu não contava, meu filho não quer me ver fora de casa(...)"

"(...) Por causa que ele me ameaçava e outra, eu não sabia onde era a delegacia da mulher e eu tava vendo se ele melhorava, se ele melhorasse eu ia ficar com ele, mas aí eu tava vendo que não dava jeito, então eu vim denunciar por isso, eu não aguento mais... até arma de fogo ele foi buscar para me matar... como é que eu vou fazer? E se ele me mata?(...)"

"(...) Porque ele fazia chantagem, falava que se eu largasse dele ele ia me matar, que eu podia entrar debaixo da terra que ele ia me caçar(...)"

Essa frase foi dita com a imagem da vítima congelada. Acreditamos que o objetivo desse "efeito" foi o de reforçar a gravidade da situação através da ênfase dada à voz da depoente e constitui um dos raros momentos em que as videastas lançam mão de algum "efeito especial" para construir sua mensagem.

- Depois que a senhora veio aqui resolveu o seu problema?

"(...) Tá resolvendo, porque ele uma vez que eu fui na delegacia e que eu dei parte dele o delegado mandou a intimação e ele rasgou, quando eu vim aqui ele não teve força não, ele veio, porque ele ficou com medo(...)"

- A senhora acha importante ter vindo aqui na Delegacia

da Mulher?

"(...) Acho, acho muito importante, porque se uma mulher não entender o problema da outra como vai ser?(...)"

Começamos a ver as primeiras intervenções da repórter, que procura reforçar as questões fundamentais para o CECF.

- O que a senhora pretende fazer daqui para frente?

"(...) Pretendo largar dele, vender o que tem e ele seguir a vida dele e deixar a minha em paz(...)"

"(...) Do jeito que a situação está não dá para ficar, o homem não pode chegar, fazer tudo o que quer só porque é homem(...)"

"(...)Não, eu não tou triste, eu tô confiante que eu vou vencer(...)"

- É mais fácil a senhora vir numa delegacia que tem outras mulheres?

"(...) Ah eu acho que é mais fácil né, porque a gente fala com elas e eu acho que elas é a favor nosso né, porque se elas não for a favor como é que a gente vai fazer, se não tiver união aí da mulherada, como é que a gente faz, explica para mim?(...)"

Percebemos nos depoimentos selecionados até agora uma maior ênfase nos feitos realizados pelo CECF, do que propriamente

nas questões relevantes para o movimento. Um bom exemplo disto é a recorrente menção ao fato de as delegacias serem dirigidas por mulheres e para mulheres. Essa situação continuará nas entrevistas que se seguem com profissionais ligadas direta ou indiretamente à delegacia da mulher, que tentam elucidar as diversas etapas percorridas pela mulher que opta por denunciar a agressão.

A primeira entrevista é feita com a delegada de plantão, que esclarece como é o seu trabalho, ou seja, o primeiro passo a ser dado pela mulher que procura a delegacia. Essa fala vem acompanhada de um depoimento que reforça o que foi dito acima sobre a delegacia:

"(...) A mulher entende o problema da mulher mais do que o homem, ele não dá importância não, você chega na delegacia e é motivo de riso. Ah! apanhou muito... ou então como foi da outra vez que ele me bateu eu cheguei lá e o Dr. Akira falou que quem manda na casa é o homem. Aí eu falei, pera lá doutor, só se for no seu Japão, porque aqui nós mandamos igual, nós trabalhamos igual, nós mandamos igual, eu acho que o respeito é igual(...)"

A próxima etapa mostra que a mulher que procura a delegacia tem que fazer um boletim de ocorrência(BO), onde registra sua queixa. Os depoimentos demonstram que as mulheres não sabem o que é um BO. Então, é realizada uma entrevista com a escrivã, para esclarecer esse ponto.

Nesta altura do vídeo é feita uma intermediação entre os procedimentos realizados na delegacia e a próxima etapa do processo, que é o atendimento jurídico e psicológico. Essa

passagem é realizada com a narração da repórter, que aponta para o momento difícil que é passar por uma delegacia e todas as implicações dele decorrentes. A narração antecipa a reflexão que deve ser feita de tudo que foi apresentado até então, terminando por ressaltar que o importante é que a mulher compareceu à delegacia.

O tratamento dado até agora à questão da violência doméstica enfocou as primeiras providências que devem ser tomadas, fundamentais para o processo de desenvolvimento humano que vem sendo experimentado pela mulher. O que vai ser relatado em seguida é o desdobramento que essa postura inicial provoca.

Temos então, a apresentação do Centro de Atendimento Jurídico e Encaminhamento da Mulher, enfatizando a sua criação em março de 1984, pela Procuradoria Geral do Estado em conjunto com o CECF. A primeira entrevista é com a procuradora geral do centro. É interessante mencionarmos que, antes dessa pessoa ser ouvida, assistimos a um depoimento à procuradora de uma vítima de espancamento(já enfocada antes). Novamente é retomada a importância da delegacia da mulher. Pensamos que essas imagens não foram colhidas apenas como um "gancho" para a entrevista que vem a seguir.

É assim que, tanto na entrevista com a procuradora, que fala sobre a orientação jurídica que é dada à mulher, quanto na próxima entrevista - uma psicóloga que explica o atendimento de emergência prestado às vítimas em crise -, percebemos uma preocupação em destacar a atuação do governo de estado quando da criação deste Centro.

O depoimento a seguir evidencia a dificuldade encontrada pela mulher agredida em denunciar o companheiro agressor, mas reforça a importância de fazê-lo, apontando a delegacia da mulher

como última e única alternativa para as mulheres agredidas,

- Está mulher vem recebendo atendimento psicológico do centro há 3 meses, mas ainda não se sente à vontade para falar de frente, mas mesmo assim ela vai falar (este depoimento foi feito com a depoente de costas).

"(...) Eu vivi 9 anos num clima de violência, agressão moral e física muitas vezes e tinha medo. Tinha medo de reagir, pois se eu pensasse em reagir eu era ameaçada. Chegou um momento em que eu não suportei mais...o atendimento aqui é humano, a advogada me encaminhou para a Dra. Lídia, psicóloga e foi daí que eu comecei a caminhar outra vez para a vida(..)"

A entrevista com a delegada titular, além de fazer um balanço de mais de 1 ano de funcionamento da Delegacia da Mulher, fecha o ciclo de depoimentos a fim de enfatizar o papel das delegacias.

"(...) A delegacia tem a capacidade de inibir o agressor, de fazer o homem pensar duas vezes... A punição do homem começa quando ele recebe uma intimação para comparecer à delegacia da mulher... a partir do momento que ele percebe que o seu ato é crime e que vai receber a punição prevista por lei, ele vai pensar muito mais do que duas vezes para levantar a mão para agredir a mulher novamente(...)"

O que veremos posteriormente são declarações de outras profissionais, que atuam dando suporte ao trabalho da delegacia nos diversos desdobramentos que esta possui.

A entrevistada agora é a investigadora de polícia.

- Como é para você mulher, investigadora, trabalhar contra a violência do homem contra a mulher?

"(...) A nossa linha de trabalho é a seguinte. Nós estamos tentando mostrar uma nova imagem da polícia, dando respeito e exigindo respeito também. Nós vamos com o espírito preparado e desarmado também(...)"

- Como é que você encara essa violência contra a mulher?

"(...) Eu desconhecia, em quase dez anos de polícia eu desconhecia(...)"

A resposta da investigadora aponta para uma nova postura da mulher como ser humano, indivíduo, que se estende também ao universo profissional, pois se o propósito é de combater a violência, estas mulheres não podem fazê-lo ostentando a violência(através de atitudes bruscas, utilizando indevidamente algemas e revólver...), elas têm que ser firmes sem usar da violência típica que a outra polícia (masculina) usa.

As imagens que se sucedem (do interior da delegacia) terminam no plantão de Serviço Social. A repórter esclarece que, além do atendimento policial, a delegacia da mulher encaminha outros casos, que necessitam de outras soluções para o plantão de Serviço Social. A entrevista com a assistente social "serve" de apresentação do abrigo de mulheres.

É importante explicar que, assim como foi realizado nos Estados Unidos, no Brasil também foi necessário a criação de

um espaço para o qual poderiam ser encaminhadas mulheres ameaçadas que não tinham para onde ir. Nos Estados Unidos este lugar é altamente sigiloso. Pelas imagens indiretas (apenas mostrando o chão, como se fosse o caminhar até o abrigo) feitas pela câmera ao apresentar o local, percebemos que no Brasil essa preocupação também está presente.

A assistente social frisa o trabalho que é realizado pela Secretaria da Promoção Social (as profissionais são ligadas a esta Secretaria) depois ressalta a iniciativa do CECF na obtenção do abrigo. Esclarece também que tipo de trabalho é feito com aquelas mulheres.

Nos depoimentos tomados no local podemos verificar o medo que ainda permanece nessas mulheres. É o que a fala da repórter confirma:

"(...) A violência marcou de uma tal maneira essas mulheres que elas não conseguem se livrar do medo. Por uma questão de segurança elas preferem dar entrevistas sem serem identificadas(...)"

As imagens seguintes são de mulheres dando depoimentos de perfil, de costas, na penumbra (apenas aparecem as sombras da repórter e da depoente). As histórias de vida mostram como o medo foi se instalando e paralisando as vítimas. Muitas apresentavam problemas orgânicos (dores de cabeça) provocados pelo medo com a proximidade da chegada dos maridos em casa e tentavam resolver o problema tomando calmantes.

As perguntas da repórter refletem a importância da criação do abrigo para aquelas mulheres:

- Se você não viesse para cá você iria para onde? Como está sendo viver aqui? Como é o apoio que elas dão para vocês? O que você espera do futuro?

A música de fundo reforça as imagens de esperança, paz, tranquilidade encontradas por essas mulheres no abrigo e apontam para o despertar de uma nova vida.

O ambiente ideal apresentado dessa moradia pode ser entendido de duas formas: ou é a recompensa merecida por aquelas mulheres - que necessitam esconder-se, tão grave o clima de violência vivido; ou é um tanto quanto exagerado na sua harmonia, numa sutil tentativa de ligar o CECF a tudo de bom que a vida venha oferecer para aquelas mulheres.

Nesse momento, o programa **Feminino Plural** passa a colher as opiniões das pessoas em geral sobre o tema violência doméstica. Para isso são feitas entrevistas de rua. A apresentadora antecipa as respostas que serão obtidas dizendo:

"(...) Por trás de inocentes frases existem vários preconceitos(...)"

São entrevistadas diversas pessoas, homens e mulheres, que pelos trajes usados aparentam ser de classes sociais diferentes e terem idades variadas. Muitos se colocam contra esse tipo de violência, mas existem homens e mulheres que vêem nela algum sentido nessa.

É interessante notarmos que os dois homens que admitem esta violência para casos em que ela se faça necessária(segundo eles) são orientais. Talvez a colocação deste fato queira fazer

referência aos preconceitos contra a mulher dos quais os orientais são acusados pelos ocidentais.

"(...) Deve haver algum motivo se ele bate (...)"

"(...) Tem mulher que provoca às vezes(...)"

- A senhora já apanhou alguma vez?

"(...) Não porque eu sempre soube se pôr no meu lugar(...)"

"(...) Já bati uma vez(...)"

- Por que bateu?

"(...) Por que não gosto de ver coisas erradas(...)"

- O que ela fez de errado?

"(...) Qualquer coisa que me contraria(...)"

Várias entrevistas mostram o que as mulheres fariam se apanhassem. A maioria diz que reagiria. Devemos destacar o tempo dado a uma entrevistada, que diz que " a mulher que apanha uma vez e não reage está fadada a apanhar sempre..." Pensamos que este depoimento foi colocado com o sentido de "direcionar" a atitude que as mulheres espancadas devem ter(pelo menos no que era proposto pelo movimento na época).

As imagens de rua tomadas em meio à multidão de transeuntes, a música de fundo e a narração da apresentadora concluem a respeito do que vem sendo apresentado até aquele momento. A fala da apresentadora aponta para as mudanças de comportamento da mulher, que antes não passava de mera escrava dos filhos, do marido e que agora luta para conseguir sua identidade como ser humano, onde é necessário posicionar-se contra a violência

gerada pelo sistema patriarcal.

Essa narração encerra o tema violência doméstica e prepara para um outro tipo de violência: a sexual. Antes de retratá-la, devemos ressaltar que a técnica utilizada até agora de recortar, arrematar temas através da narração da apresentadora é muito apropriada e útil ao conteúdo que se quer transmitir.

As videastas não inovam quanto à construção de sua linguagem nesse vídeo. Não utilizam-se de novos enquadramentos, planos ou efeitos especiais. Apenas na situação em que será retratada a violência sexual é que percebemos uma certa "ousadia narrativa". Na maior parte do tempo, o que verificamos é uma utilização tradicional das intervenções feitas pela apresentadora e repórter, que nem por isso deixam a desejar quanto ao resultado obtido

VIOLÊNCIA SEXUAL

O tema violência sexual, que irá focar principalmente o estupro, começa com a utilização de um recurso que representa um momento de experimentação na produção videográfica feminista: o docudrama, ou seja, neste documentário temos trechos onde são vistas mini-ficções para ilustrar determinadas situações. Esta foi a primeira vez que este recurso foi tentado por um grupo feminista de produção de vídeo.

A encenação principal é a de um estupro. A atriz representa uma mulher de aproximadamente 30 anos, aparentando ser de classe média, que olha para algumas vitrines de lojas quando percebe que está sendo observada incisivamente por um homem. Ao se dar conta disso a mulher tenta despistá-lo, no que o homem prossegue

espreitando-a nas ruas. A atriz acaba desembocando numa rua um pouco deserta e pensa ter se livrado do homem que a perseguia. Num súbito momento, o homem surge do interior de um canto escuro e a agarra. A mulher luta inutilmente contra o homem, que se prepara para estuprá-la.

No momento em que o estupro seria consumado, acontece o corte para a narração da apresentadora, que denuncia a ocultação pela sociedade desta realidade que atinge a mulher. Alerta para o descaso das autoridades no sentido de tomar atitudes que venham a mudar este estado de coisas. Esclarece, por fim, que o estupro é crime.

Em seguida, voltamos à delegacia de mulheres e constatamos que as ocorrências de estupro são muitas, mas a delegada titular declara que o número de casos registrados ainda é pequeno perto da estimativa que se tem das mulheres que têm medo de denunciar o estuprador. É mais um momento em que a denúncia de uma situação que oprime a mulher vem à reboque de uma estrutura que foi criada especialmente para atendê-las: as delegacias da mulher.

A delegada titular esclarece que a criação das delegacias da mulher está estimulando as vítimas de estupro a denunciarem o fato. As mulheres que agem dessa forma estarão contribuindo para a identificação do autor do crime, o que poderá tirá-lo de circulação para que outras mulheres não sejam atingidas, diz a delegada. Esta frase reflete o princípio do feminismo de pensar no coletivo.

Voltamos à mini-ficção, onde o estupro acontece (embora apenas sugerido). A música de fundo é melancólica, angustiante, muito apropriada para esta situação. A sensação que temos ao assistirmos essas cenas é de repugnância e indignação. Com estas imagens é quase que certa a identificação das telespectadoras

com a vítima, pois trata-se de uma situação extrema de violência a que todas as mulheres estão sujeitas. O fato do estupro acontecer em circunstâncias tão cotidianas o aproxima ainda mais das telespectadoras e isso reforça a identificação destas.

Novamente a narração da telespectadora é muito esclarecedora, funcionando realmente como um elemento catalisador da questão retratada e transmissor da ideologia feminista. Senão vejamos o que é dito:

"Frases como: A culpa foi dela...

Também, com aquele decote...

As pernas quase de fora...

Conversando com estranhos...

Na rua depois das 23:00 horas...

Elas têm o mágico efeito de desculpabilizar o agressor e culpabilizar a mulher agredida. Como se nós, mulheres, fossemos as sedutoras e tivéssemos a obrigação de esconder nossos corpos, vigiar nossos passos e caminhar pelas ruas como se estivéssemos permanentemente em estado de sítio. Precisamos fazer valer o nosso direito de ir e vir, de ser o que quisermos, de estar aonde quisermos e de exigirmos punição legal para aqueles que nos agridem."

Imediatamente após essa narração temos o depoimento de uma vítima de estupro, realizado no dia 8 de março, dia internacional da mulher. A vítima é uma mulher de 40 anos, declarados, aparentemente de classe média e que fala abertamente, de frente, da agressão que sofreu. Essas características são mencionadas porque acreditamos que, dessa forma, a vítima deixa de ser

as já conhecidas - pelo que lemos nos jornais - mulheres da periferia, de baixo poder aquisitivo para apresentar uma situação que pode atingir a classe média.

Percebemos a necessidade de envolver, pela TV, uma outra parcela da população feminina. Esta vítima sensibiliza as telespectadoras para um problema que sempre esteve perto delas, mas que antes de ser divulgado parecia uma realidade distante, que não lhes dizia respeito.

Logo no início ela diz que foi violentada, que queria muito esquecer, mas é bom falar:

"(...) estupro para mim era coisa que acontecia com os outros... para mim era uma coisa muito distante... eu nunca conheci ninguém que foi estuprada(...)"

O depoimento é tomado com a vítima falando para a videasta e não para a câmera. O relato mostra como a vítima foi levada propositadamente para um local ermo, onde o estupro foi praticado por dois homens. São utilizados closes e pausas na narração de acordo com solicitações da vítima.

Do que foi dito pela depoente cumpre citar um trecho onde é feita uma referência, através de uma situação particular, à força da mulher de uma forma geral, ou seja, a força feminina tão exaltada pelo movimento:

"(...)Depois de estar estuprada, humilhada, toda machucada, apesar de tudo eu tive um momento de muita força, eu senti que era mais forte do que aqueles dois, eu acho que foi um milagre... eu os convenci a não me matar e eles me deixaram ir(...)"

Os próximos trechos são colocados para evidenciar novamente

a importância da criação da delegacia da mulher, bem como transmitir o princípio feminista de denunciar uma situação de opressão da mulher. Assim temos:

"(...) Meus filhos me levaram no médico e ele disse para eu procurar a delegacia da mulher, eu já conhecia esta delegacia. No outro dia eu fui e elas me trataram assim com muito carinho, eu fui muito bem recebida lá, a escritã etc.(...)"

"(...) Eu acho que toda mulher que foi estuprada tem que ir ao médico, ir na delegacia da mulher, tem que denunciar para a imprensa e não ter medo de mostrar a cara. A gente não cometeu erro nenhum, a gente é vítima, por que a gente é estuprada e ainda tem que tapar o rosto, ficar com vergonha de contar para a sociedade que a gente é vítima?(...)"

AGRESSÕES SUTIS

No último bloco são abordadas as agressões sutis. A apresentadora introduz o tema:

"(...) Ser mulher na sociedade patriarcal é ter sofrido algum tipo de violência sexual. Esta afirmação pode ser generalizadora, mas infelizmente é verdade. Todas as mulheres, sem exceção, têm uma história de constrangimento para contar. Uma passada de mão, uma cantada do chefe, um arrocho no ônibus e muitas outras situações compõem o vasto campo das cantadas sutis.

Seguem-se depoimentos de homens e mulheres sobre as cantadas

sutis. Percebemos na condução dos mesmos uma preocupação de introduzir, mesmo que superficialmente, este problema para a mulher negra. Esta sofre duplo preconceito, ou seja, sexual e racial. Pelo que foi coletado dessas depoentes, os homens acham-se ainda mais no direito de abordar ofensivamente a mulher negra, talvez um resquício do período da escravidão. Os trechos que relataremos mostram, entre outras coisas, a mulher mais atenta aos preconceitos contra o seu sexo:

"(...) Será que os homens se sentem os donos da rua?(...)"

Esta frase ilustra bem os choques ocorridos nos anos seguintes ao auge do feminismo, quando as mulheres resolveram dar ouvidos aos dizeres de que o espaço público também deveria ser ocupado pela mulher e encontraram neste caminho de identificação e independência o preconceito dos homens.

"(...) Eu acho que existe também da parte da mulher a cantada de rua, mas eu acho que é feita de forma diferente, não tolhe a liberdade do homem. Talvez por causa da educação, o que ele aprendeu com os outros rapazes, ele acha que tem uma liberdade de mexer, uma coisa meio agressiva e que isto teria que ser aceite naturalmente pela mulher(...)" - depoimento de um homem

"(...) Por que a mulher não pode participar? Por que rua é coisa só de homem? Enquanto você é dona-de-casa, cuida dos filhos tudo bem, mas a partir do momento em que você passa a participar politicamente a coisa muda. Você tem que dar conta do que fez, onde estava(...)"

A última declaração é feita por Irene Ravache e aponta para um aprofundamento da questão da violência contra a mulher num sentido até então não abordado nos vídeos feministas. Ela fala de uma violência classificada como subjetiva, feita na surdina, calada, por pessoas muito finas, muito chiques e que vai minando a resistência da mulher. Ela fala da violência praticada contra a qualidade dos sentimentos femininos, que são considerados menores, inferiores. Este tipo de violência é sentida a cada minuto por parte de marido, companheiros, filhos, amigos dos quais a mulher não tem como se defender, já que ela é difícil de perceber. Ela pretende acabar com a essência da condição feminina.

Apenas no final do último bloco é que a apresentadora remonta à história das lutas das mulheres contra a violência. É quando é citada a criação do SOS Mulher, entidade anterior às delegacias da mulher, aliás, foram os SOS que impulsionaram a criação das delegacias da mulher. Mesmo assim só temos um depoimento falando sobre o SOS. Logo em seguida retorna-se à delegacia da mulher. Fala-se abertamente do CECF, de sua criação(1983), sua atuação, através de uma entrevista com a sua diretora na época, Zuleika D'alambert. Até mesmo na narração final, que acompanha os créditos a fala ressalta o fato de ser este um programa realizado pelo CECF, criado no governo Montoro, que luta contra toda e qualquer forma de violência.

2) MULHERES NO CANAVIAL

Realização: CECF e Oihar Eletrônico

Coordenação - CECF: Maria de Lourdes Rodriguês e Jacira Melo

Pesquisa e Colaboração: Cristina Bruschini, Griseldes Achoa, Liége de Paula, Maria de Lourdes

Rodrigues, Yara Oliva

Roteiro e Entrevista: Jacira Melo

Imagens: Adriano Goldman

Operador de VT: Nivaldo Nakusaka

Direção de Imagem e Produção: Márcia Meireles, Silvana Afram

Direção e Edição: Jacira Melo, Márcia Meireles, Silvana Afram

Músicas: Gal, Tetê Spíndola, Zé Coco, Renato Borghete, Marlui Miranda, Luli e Lucina

Cidades: Rincão, Rio Claro e Matão

SP/1986/33 minutos/U-MATIC/NTSC

Sinopse: Mostra a realidade da mulher trabalhadora rural, a partir de seu local de trabalho.

Aborda a má remuneração, o esgotamento físico, a falta de creches para os filhos e a esperança de reforma agrária.

O vídeo começa com imagens do raiar do dia. A música é rural. Estes elementos somados conferem ao vídeo um certo lirismo. As mulheres deixam seus filhos e sobem nos caminhões, que as levarão até o local de trabalho. A câmera acompanha os caminhões. Ao chegarem ao canavial essas mulheres pegam seus instrumentos. É dado aí o primeiro depoimento do vídeo, que funciona como uma apresentação do tema:

"(...) Nós somos trabalhadoras rurais, tamos aqui todos os dias, saimos de casa às 6:00 horas, retornamos às 18:00 horas e continua a luta assim(...)"

"(...) Eu levanto às 4:00 horas, faço almoço, lavo roupa,

deixo tudo prontinho prá s crianças e venho pro ponto umas 6:00 horas e chego aqui numa base de 6:30/7:00 horas e tô nessa luta, nessa cana ruim que dá até desgosto(...)"

Quando as mulheres começam a falar, uma realidade dura nos é desvendada, como pode ser observado nos depoimentos acima, uma rotina muito diferente da nossa, espectadores urbanos. No entanto, essas mulheres nos parecem belas e o quadro se enche da sua beleza. Seja pelos planos tomados(closes), que deixam entrever lábios pintados de batom, brincos, lenços coloridíssimos, que elas usam embaixo dos chapéus e que mais tarde saberemos que são utilizados para proteger do sol. Mas o que fica para nós é um adereço que dá um toque e charme especial àquelas mulheres.

Ou será o fundo dos canaviais, iluminados pelos raios de sol, que dão um tom de dourado ao que estamos assistindo? Dessa forma, ao mesmo tempo que nos sensibilizamos com o que é dito, nos deslumbramos com aquelas mulheres.

A câmera acompanha os momentos preparatórios para o trabalho rural com a mesma paciência que possuem as protagonistas. Foices são afiadas, saias são colocadas sobre as calças. Facões são amolados. Aos poucos é mostrado, através das falas das mulheres, a sua experiência no campo.

"(...) Eu sei de tudo. Desde criança eu trabalhei na roça. Eu sei lidar com arroz, feijão, milho, amendoim... se eu precisar ensinar uma pessoa eu ensino, porque eu sei de tudo(...)"

Começam a ser colocadas as questões referentes ao trabalho no campo:

"(...) A mulher para trabalhar na roça tem que ser de opinião, senão não aguenta não(...)"

"(...) Eu trabalho desde os 8 anos. Comecei a trabalhar pequena e tô nessa luta até hoje, tomando sol, vento, tomando poeira, frio. Mas eu tô ficando cansada já de trabalhar na roça, a gente trabalha, trabalha e não ganha nada, chega no fim do ano e não tem nada(...)"

É importante que coloquemos estas questões trabalhistas, pois estas eram caras ao movimento na época. Como foi colocado nos créditos, esta é uma produção do CECF, criado em 1983, que até 1986 (ano da produção) já tinha realizado outros vídeos a respeito do trabalho da mulher, tais como "Avançando - Os direitos da Mulher Trabalhadora"(1984) e "Avançando - A Saúde da Mulher Trabalhadora"(1984).

"(...) A gente vive sentindo dor de cabeça, é uma coisa é outra e o dinheiro que a gente ganha não dá nem para se tratar. A gente pensa em perder um dia para ir ao médico, mas o dinheiro que a gente perde faz falta... então o jeito é conformar com o que Deus quiser e vamos lutando até arrumá um serviço melhor, pra vê se sai dessa vida porque eu tô cansada já(...)"

Essas mulheres falam de uma vida de sacrifícios, com muita calma, com sorrisos nos lábios, com humildade, simplicidade, o que faz com que elas nos cativem. É interessante notarmos, que durante as suas falas são mostradas poucas imagens do corte de cana. E mesmo as imagens que vêm a seguir não mostram o

trabalho como "duro", pesado, mulheres castigadas. Estas são mostradas mais ao longe, de costas ou de perfil. Mesmo sabendo que suas condições de trabalho são cruéis, é o discurso verbal que as enfatiza.

No próximo depoimento percebemos que, além do esclarecimento sobre um aspecto da vida dessas trabalhadoras, é satisfeita uma curiosidade quanto ao nome bóia-fria, pelo o qual as mulheres não são chamadas no vídeo, mas é como são popularmente conhecidos os trabalhadores rurais.

A entrevistada tem o semblante tristonho, a fala transmite um certo cansaço devido ao trabalho que está realizando. A mesma explica que a comida tem que ser fria porque o organismo não acostuma mais com a comida quente, principalmente tendo que voltar após a refeição para um trabalho sob o sol forte.

Em entrevista que nos foi concedida, Jacira Melo (roteirista desse vídeo) explica que mesmo fora do trabalho essas mulheres não comem comida quente, porque faz mal para elas, numa clara demonstração (entre outras) de como o trabalho rural, da forma como é efetuado, prejudica a saúde. Convém lembrarmos que, além das questões trabalhistas, na época, a saúde da mulher também era um ponto que gerava preocupação entre as feministas.

O depoimento que vem a seguir fala do baixo salário que estas mulheres recebem e que acaba desestimulando-as para que produzam mais e melhor:

"(...) Se a gente ganhasse mais, a gente trabalhava mais animada. Quanto mais a gente ganha, mais a gente anima de trabalhar(...)"

Este é o primeiro momento, desde o início do vídeo, em

que ouvimos a pergunta feita à protagonista, fato que não é comum nos vídeos feministas (como já mencionamos anteriormente). Acreditamos que isso não se dá por acaso, já que a pergunta diz respeito à remuneração da trabalhadora. A situação de exploração salarial na qual vivem essas mulheres é tão grave, que a intervenção da realizadora, através do registro de sua pergunta, se faz necessária para reforçar a importância do tema.

Notamos que as duas mulheres que falam desse assunto são mais tristonhas e humildes, talvez numa atitude proposital das realizadoras. A última mulher a falar tem alguns dentes faltando o que é enfatizado com um plano bem fechado desse detalhe.

Apesar desse quadro desanimador, Jacira Melo nos relatou posteriormente, que as mulheres rurais vêm se destacando nos últimos anos (década de 80, começo dos anos 90) por suas reivindicações, que comportam vários aspectos, mas que o próprio movimento feminista quase não mostra isso. Jacira lembra ainda o longo caminho que estas mulheres tiveram que percorrer, já que ainda no começo dos anos 80 a documentarista, que participava de um encontro de mulheres rurais, diz que no momento em que se iniciaram as discussões, essas trabalhadoras ainda se achavam em melhores condições do que as trabalhadoras urbanas, pois estas não tinham com o que se consolarem, já que às mulheres rurais restava ainda a esperança da reforma agrária.

As imagens mostram agora as mulheres cortando cana e os montes que vão se acumulando ao redor delas. Roupas manchadas de melado de cana. A próxima pergunta toca sutilmente na questão da greve. Ao ser perguntada como as trabalhadoras obtinham seus instrumentos de trabalho, a depoente responde que antes elas tinham que comprá-los, mas que agora os mesmos são fornecidos

pelos empregadores. Diz ainda que isto talvez tenha acontecido em função de algumas greves que foram feitas, das quais elas não participaram.

Uma nova pergunta é feita para essa mesma pessoa. Percebemos que houve um corte do assunto da greve para a questão: "Você tem um sonho?" Gostaríamos de chamar a atenção para o processo de edição aqui verificado. As realizadoras como que fazem uma ligação entre salários melhores, greves e o sonho de cada uma. Como se fosse um caminho possível de ser seguido. O sonho da entrevistada é dito com extrema timidez, embaraço. Sua expressão parece dizer: "Será que eu posso sonhar?" Ficamos sabendo então, que o "quase proibido" sonho desta mulher é ter sua casa terminada.

Temos a seguir vários closes das mulheres rurais. São captadas expressões de riso tímido, riso solto, de desconfiança, de charme (a típica cena da mulher fumando), de dúvida nos olhares. Parece que esses momentos de pausa servem para que pensemos em tudo que foi dito até agora, como também funcionam como "passagem" para perguntas que caminham para o muito íntimo:

"(...) O lenço é pra não pega muita poeira no cabelo, não sujá muito a cabeça. A blusa é pra proteger a gente da sujeira, pega muito melado na gente, quanto mais blusa a gente põe melhor. A saia é pra não pegá sujeira na calça, não ficá muito suja, fica mais fácil pra lavá. A meia também é pra não pegá muita sujeira, mas mesmo assim ainda fica sujeira demais nos pés.

"(...) Ah as minhas mãos é tudo... é cheia de calo, tudo calejada, encardida, que não tem jeito, eu não acostumo trabalhar com luva, de maneira alguma, eu já tentei mas eu não sou capaz,

então fica cheia de calo(...)"

Notamos que essas perguntas não respondem apenas a curiosidade(nossa e das realizadoras), mas começam a falar do corpo da mulher, da vaidade feminina, da imagem que aquelas mulheres têm de si mesmas.

A seguir temos perguntas que giram em torno da coragem e força da mulher, já feitas no começo do vídeo. Por várias vezes essas questões são colocadas. No entanto, existe uma pausa entre os primeiros depoimentos e os seguintes sobre esses mesmos assuntos. São gastos alguns segundos que, para a linguagem de vídeo, podem ser considerados longos mostrando as mulheres cortando cana, realizando seu trabalho. Acreditamos que essas imagens "servem" para reforçar a bravura daquelas trabalhadoras, já que as colocam "vivendo" aquilo que acabaram de dizer, ou seja, que é um trabalho duro, difícil.

É importante notarmos que os depoimentos que vêm a seguir não só se dão no sentido de destacar a força da mulher, como retomam mais uma vez a rotina dessas pessoas(acordar às 4:00 da manhã... dupla jornada etc) Pela primeira vez é dito que o homem não tem essa vida. Ele pode acordar mais tarde, bem como chegar em casa e descansar. Este momento, pensamos, evidencia a reivindicação primordial do movimento, que é a de acabar com a discriminação de gênero, que vai ter desdobramentos das mais diversas ordens.

Dando sequência a essa questão as perguntas são novamente sobre o trabalho no campo. Primeiro sobre o que as mulheres conversam na roça enquanto trabalham(esta pergunta de Jacira é ouvida no vídeo). Ao que a depoente responde, entre risos sobre as brincadeiras na roça, o papo furado na hora do trabalho.

Ao mesmo tempo, aparece outra depoente falando que a vida no campo é boa, traz saúde.

O interessante é que esta mulher tem um ar de desânimo, que chega a parecer que está doente (sem contar as manchas de sol nos rostos de várias entrevistadas, que já foram vistas até agora). Existe então, uma contradição entre o que estamos vendo e o que a trabalhadora nos diz, ou seja, entre as imagens e o discurso verbal.

Esta também é uma "passagem" para a abordagem do problema da gravidez das mulheres rurais que, pelas condições em que vivem, constitui-se numa situação de grande risco para a maioria delas. As imagens seguintes são de mulheres comendo, caladas, cabisbaixas, sérias, parecem confirmar o que será dito, ou seja, que essas trabalhadoras não podem nem esperar seus filhos com dignidade. A música triste na voz de Tetê Spíndola acentua ainda mais este pensamento.

Ao falar da dificuldade de ficar grávida e trabalhar no campo, novamente uma depoente responde que se sente forte, porque do contrário não aguentaria essa vida.

A gravidez é o "gancho" para abordar uma questão fundamental para o movimento naquela época: a creche. Esta reivindicação, inclusive, foi levada adiante pelo CECF. As mulheres respondem que a creche é ideal para suprir o problema do cuidado com os filhos, preocupação que atrapalha o trabalho no campo, já que as atenções não estão voltadas totalmente a este trabalho e sim para a situação dos filhos sozinhos em casa.

Vemos, então, as imagens de uma creche, onde os filhos de trabalhadoras rurais cantam, dançam, alimentam-se sendo muito bem cuidados. Lemos na legenda que trata-se da creche municipal de Rincão, uma das poucas do estado de São Paulo atendendo aos

filhos de trabalhadoras rurais. O tema creche, nos anos 90, deixa de ser uma questão discutida pelo feminismo, já que as mudanças sociais ocorridas consideraram a creche um direito, acima de tudo, da criança, esta questão passa então a ser tratada por outro movimento social.

Nos momentos finais do vídeo são colocadas algumas questões referentes à sexualidade da mulher como: "Como você faz para fazer xixi?" "Como você faz quando está menstruada?"

As dificuldades de trabalhar no período menstrual, que provoca uma indisposição nas mulheres de uma forma geral, são ainda mais dramáticas para as trabalhadoras rurais, pois às vezes elas não têm nem condições de trocar o absorvente higiênico.

As questões relacionadas à sexualidade da mulher são intermediadas por questões sobre uma outra problemática: a reforma agrária.

Não conseguimos entender o porquê de "dividir" as perguntas relacionadas ao corpo da mulher (questões específicas) com uma questão também importante para aquelas trabalhadoras, mas ao que nos parece, deslocada dentro do que vinha sendo discutido. Esta quebra nos parece uma falha na continuidade da narrativa.

Nos minutos em que o tema reforma agrária é tratado, a impressão que temos é de estarmos assistindo a mais um programa de vídeo popular e não a um vídeo popular feminista. Tanto é assim que temos uma passagem típica dessas produções. Ou seja, assistimos a uma das moradoras de um assentamento de terra (União Francisco das Neves-Matão) pedindo para uma autoridade, Dante de Oliveira, entregar os títulos de terra aos moradores do assentamento .

Pela segunda vez ouve-se a pergunta da entrevistadora : " Você

já participou de uma greve? Você sabe o que é reforma agrária?"

Será que a sexualidade, que se relaciona com a própria vida, essência da mulher está sendo equiparada com a reforma agrária? Será que para aquelas mulheres a reforma agrária é vida? É a única esperança de vida digna que elas têm? Sendo assim, como comentamos anteriormente, trata-se de uma "falsa" quebra de continuidade.

Isto é confirmado com a pergunta que fecha o bloco e refere-se ao lazer da mulher rural:

"(...) Ah, o lazer da trabalhadora rural é... trabalho né(...)

"(...)Sei lá, é chegar em casa brigar com as crianças, lavar roupa, fazer comida(...)"

A música triste arremata com lirismo, presente em várias partes do vídeo, o tema proposto:

"Quando cae a tarde no sertão é triste... vai morrendo o dia, as estrelas já vão nascer... quando cae a tarde no sertão é lindo cães e sapo cantam na lagoa..."

As mulheres preparam-se para ir embora. Lavam-se, tiram as roupas sujas, sobem no caminhão, no ônibus. Os depoimentos finais mostram que o trabalho daquelas mulheres não termina aí, pois terão outra jornada de trabalho ao chegar em casa

"(...) Agora eu vou para casa, tomar banho, lavar roupa, fazer a janta e me preparar para amanhã ter um novo dia de trabalho(...)"

Ao final temos o pôr-do-sol, já que no início tivemos o nascer com imagens igualmente douradas, que nos fazem esquecer por alguns segundos que este mesmo ambiente belo, também é a dura realidade das trabalhadoras rurais.

3) BEIJO NA BOCA

Produção: Lílith Vídeo

Roteiro: Jacira Melo

Direção: Jacira Melo

Direção de imagens: Márcia Meireles

Fotografia: Alexandre Quaresma

Edição: Nunes Tutu

Sonorização: Jacira Melo

SP/1987/33 minutos/U-MATC/NTSC

Sinopse: Realizado na Boca do lixó, em São Paulo, abordando o universo das mulheres prostitutas

O vídeo em questão aborda o tema prostituição. Na verdade, percebemos que o olhar das realizadoras para o interior dessa problemática prevê o seu desdobramento em outras, tais como o trabalho e a sexualidade.

Tal abordagem corresponde à orientação dada pelo movimento feminista na época, que considerava os temas citados acima como prioritários para o registro em vídeo.

Verificamos ser esse um comportamento próprio do feminismo, pois se compararmos a produção em pauta com outras, de TVs comerciais, por exemplo, a respeito do mesmo tema, não encontraremos o mesmo desenvolvimento.

Fica evidente que o objetivo principal do vídeo é o de mostrar aquelas mulheres como seres humanos, com todas as suas contradições, na busca de um enfoque que mostre o fator da marginalidade em que são colocadas pela sociedade em geral. O mecanismo para que isto se torne possível passa pela desmistificação do trabalho das prostitutas e a valorização deste como tal.

No início do vídeo notamos a necessidade das documentaristas de apresentarem o ambiente onde essas mulheres trabalham e outras até moram. Haja vista referência à Estação da Luz e os closes nos nomes das ruas (Rua do Triunfo, Rua Aurora), nos vários hotéis de curta permanência. Nesse ínterim, existe um rápido "flash" na placa de trânsito "Cruze com cuidado", o que nos

parece uma metáfora com o ambiente em que estamos penetrando. Todos esses detalhes localizam com precisão a chamada "Boca do Lixo".

No entanto, acreditamos que tais imagens não são apresentadas apenas para que nos localizemos, como normalmente acontece quando são utilizados planos gerais e closes. Verificamos toda uma preocupação em retratar o meio em que aquelas pessoas "vivem" como fator determinante de suas condições sociais.

Mesmo que não soubéssemos que aquele lugar é a chamada "Boca do Lixo", sentiríamos toda a degradação, abandono, depressão que provém de lá. As pessoas desconfiadas, a paisagem pesada como a estrutura de ferro da Estação da Luz, as ruas sujas, as casas "espremidas", as paredes descascando, a música triste chamam atenção para o "habitat natural" daquelas mulheres.

Logo no primeiro depoimento tomado são feitos mais esclarecimentos sobre a Boca:

"(...) Aqui é um lugar gostoso, ao mesmo tempo perigoso, aqui às vezes você está conversando e toma tiro, facada... aqui é um Banco do Brasil, tudo o que você quer você acha: dinheiro, tráfico, tudo o que você acha de bom e de ruim você acha aqui(...)"

Ainda dentro da questão do ambiente em que as prostitutas "vivem" temos uma referência à personalidade da mulher feita por uma depoente:

"(...) Pra viver aqui a mulher tem que ser muito forte, tem que ter muita força, senão não aguenta(...)"

A partir daí começa a cair por terra a imagem da prostituição como solução confortável para os problemas, que é como a sociedade em geral encara o trabalho das prostitutas, tanto é assim que as mesmas são até hoje chamadas de mulheres de vida fácil. Por isso a necessidade das documentaristas de desmistificar essa imagem.

Do depoimento acima conseguimos extrair tudo de ruim que a Boca oferece, mas ao final do vídeo não conseguimos perceber o que há de bom.

Pensamos que a valorização do ambiente tem relação direta com a opção daquelas mulheres pela prostituição, que, ao que tudo indica, é fruto do meio. Esta afirmação pode soar como um velho clichê mas, pelas indicações deste vídeo, constatamos que trata-se de uma verdade e não de um simples e velho chavão: verdade esta que é parte de um ciclo vicioso no qual a indiferença da sociedade é a principal responsável. A intenção em demonstrar este ponto é bastante clara e fica constatada no depoimento abaixo:

"(...) Eu estou aqui não porque eu quero, mas porque eu preciso...eu já tentei "sair da vida", já tentei trabalhar no comércio, mas eles te perguntam se você trabalhou na noite e aí não te dão o emprego... eu disse que trabalho na noite, mas quero sair, sou esforçada, mas não adianta, eles não te dão emprego(...)."

Temos que considerar que a intenção de retratar a prostituição como fruto do meio pode não ser uma novidade, mas para a época era um fato relevante, pois tratava-se de uma oportunidade de

retratar as questões femininas através de um meio muito peculiar: o vídeo, um meio que representava um avanço na propagação das causas feministas.

Destacamos que no momento em que o depoimento é tomado valorizou-se muito a expressão facial da depoente, com planos cada vez mais fechados, de acordo com o aumento da dramaticidade da situação contada. A depoente relata um momento muito delicado de sua vida, onde tentou outras opções de trabalho. A recusa de uma chance pela sociedade reflete todo o preconceito que existe sobre as prostitutas. Por isso mesmo é que este momento no vídeo é muito explorado. A câmera se detém na entrevistada por um certo tempo, considerado longo para a linguagem do vídeo. A câmera permanece presente, impávida enquanto a prostituta para de falar, se recompõe, olha para os lados, abaixa a cabeça e por fim ensaia um choro.

A uma certa altura, percebemos que o fato de a prostituição ser encarada como um trabalho como outro qualquer torna-se o fio condutor do vídeo e que as outras implicações (tráfico, roubo, polícia) surgem como tramas paralelas a esta ação central:

"(...) Como eu comecei? Ai, foi tão engraçado... eu trabalhava de empregada numa casa. Um dia minha patroa me mandou pagar uma conta. No meio do caminho um senhor, muito bem vestido, trabalhava na Ligth, me convidou para fazer um programa e eu fui. Aí eu achei que dava pra ganhar a vida e não voltei mais(...)"

"(...) No começo eu só ficava "zelando", tomando conta da casa. Aí as meninas começaram a infringir, elas falava que o tempo

que eu tava zelando eu podia fazê a vida. Aí eu fui pensando, a vida tão cara, eu separada do meu marido, meu filho passando fome... então eu fui entrando aos poucos. Fazia um programa, ia embora... até que eu entrei na vida. A gente tá aqui porque precisa, não porque gosta ou é vagabunda(...)"

Na próxima sequência percebemos como a questão financeira põe por terra até o preconceito por parte dos maridos, que acabam enxergando a prostituição de suas mulheres como trabalho:

"(...) Meu marido sabe que eu trabalho aqui, ele foi meu freguês durante seis anos, agora a gente tá junto. Ele trabalha de um lado e eu do outro(...)"

Constatamos que na cabeça dessas mulheres existe como que uma delimitação entre o que é público e o que é privado, entre o que é trabalho e o que é vida pessoal:

"(...) Eu aqui tenho uma cara e em casa eu tenho outra. Aqui na esquina é uma conversa de falar só com homem, na minha casa, com meu marido e meus filhos eu sou a Dona Angelina(...)"

"(...) Eu levanto cedo, faço almoço... 1 hora eu estou no ponto, depois eu almoço, volto pro ponto, fico aqui até às 6:30/7:00 horas, volto pra casa, faço janta, vejo a lição dos

meus filhos; como se fosse um trabalho qualquer

Gostaríamos de chamar a atenção para a prostituta escolhida para ilustrar o depoimento acima. Ao contrário das outras, esta aparenta uma tranquilidade muito grande ao relatar sua experiência, uma serenidade na voz e na expressão, uma maturidade (é aparentemente uma mulher mais velha que as outras entrevistadas, que conta que já passou por tudo na Boca), recatada nas vestes; diríamos até que ela encarna o estereótipo da "mãe de família".

Essa personagem aparece logo na apresentação do vídeo e vai recortando com suas falas todo o desenvolvimento do mesmo. É interessante observarmos as características dessa pessoa com a "função" que ela desempenha no vídeo, que nos parece ser a de ressaltar que no mundo das prostitutas a serenidade, decência, honestidade também podem ser encontradas.

Como já foi dito, o vídeo mostra as prostitutas como seres humanos, entenda-se por isso mostrar o que em geral é classificado como qualidades e defeitos de qualquer pessoa. No entanto, percebemos que logo após depoimentos do tipo:

"(...) Eu gasto tudo o que eu ganho... se eu ganho aqui, aqui mesmo eu gasto... eu não penso no futuro... se minha filha quiser dinheiro, que não espere de mim(...)"

Temos aí colocações que denotam uma imagem pejorativa das prostitutas, mas em seguida vem o depoimento da "prostituta séria" evidenciando que as realizadoras querem mostrar todos os lados da questão mas, ao mesmo tempo, resgatar, reforçar

as qualidades daquelas mulheres.

É importante esclarecermos que este vídeo foi pensado, roteirizado, dirigido, sonorizado por Jacira Melo, portanto, o que foi dito acima tem relação direta com a posição da autora sobre a prostituição. Ao contrário dos outros vídeos analisados até então, este é o que podemos chamar de vídeo autoral. Sua produção não foi encomendada por nenhuma entidade, o que elimina as possíveis interferências que a mesma poderia fazer, deixando espaço para que a posição das realizadoras prevaleça, como no exemplo citado acima. A postura de Jacira Melo, da qual as outras realizadoras envolvidas compartilham, é que vai dar a tônica do vídeo, como observaremos em outras passagens.

Apesar dessa abordagem assumir um caráter mais pessoal, denotando o pensamento de quem idealizou o vídeo, percebemos em outros segmentos que as premissas do movimento feminista continuam presentes.

As realizadoras esclarecem nas entrevistas e nas imagens coletadas detalhes (talvez curiosidades? Delas e nossas?) a respeito do trabalho de prostituta como: Quanto você cobra? Quais os tipos de freguês? Como você faz um programa?

Essas questões acabam servindo de "gancho" para outras mais íntimas, que só poderiam ser feitas dentro da já comentada confiança conquistada e partilhada, própria da dinâmica dos vídeos feministas. Dessa forma, a sexualidade vem à tona, pois através das respostas dadas percebemos uma preocupação que passa pelas perguntas: Você gosta de sexo? Você tem prazer ao fazer um programa? O que é o amor para você? Você é amada?

"(...) Eu gosto de sexo, mas às vezes enjoa(...)"

"(...) Têm parceiros que atraem a gente sexualmente, então a gente fica meia incentivada para o programa, é difícil, mas acontece(...)"

"(...) Ah, a gente agrada o freguês, diz que vai ser gostosinho, que vai ser demoradinho, para ele gostar e voltar outras vezes, mas sexo mesmo só com o marido da gente, **aquele** que tá em casa e que ama a gente(...)"

"(...) O amor pra mim foi sempre decepção... eu não me dei bem(...)"

"(...) Se eu me cuido? Eu me cuido, vou sempre ao ginecologista... quando eu tô menstruada eu não transo, que é perigoso e a gente pode até engravidar(...)"

"(...) Se eu tenho medo da AIDS? Não, eu tenho medo é da fome(...)"

São principalmente trechos como esses, que expõem toda a fragilidade e força dessas mulheres, ao mesmo tempo que dão a tônica das preocupações feministas, fatores nem sempre observados em outras produções.

Em meio a tudo o que foi visto, as realizadoras continuam a tocar no muito íntimo com a pergunta: Você tem um sonho?

"(...) Ah! Eu tenho um sonho, eu queria ser americana(...)"

Ou então, quando as videastas selecionam uma resposta para uma questão que poderia ser apenas um esclarecimento, mas se revela importante para a condição da mulher:

"(...) Se existe o cafetão? Só para a mulher que se deixa dominar por ele(...)"

Este vídeo tenta revelar a prostituição de forma bem abrangente para o espectador. Percebemos que são poucas as perguntas que se referem ao tráfico, aos roubos, à violência. No entanto, a discriminação ao trabalho da mulher prostituta é um fator levado em consideração, seja na abordagem desse trabalho durante o dia(ao contrário do que se imagina da prostituição, tida geralmente como trabalho noturno); seja na perseguição feita pela polícia, cujo papel é o de defender a população, mas que "caça" as prostitutas porque o trabalho delas é considerado delito pelo código penal brasileiro.

Notamos as várias inter-relações existentes na "Boca", como no exemplo dado por uma prostituta a respeito dos tipos de homens que existem ali: o otário ou laranja, do qual vive o ladrão, do qual vive a polícia.

Mas o que fica são as questões daquelas mulheres, que por um trato entre realizadora e protagonistas nunca poderão ser exibidas nas TVs comerciais. Neste ponto acreditamos que a confiança conquistada, o respeito às declarações das prostitutas acabam revertendo em prejuízo de uma nova visão sobre estas, que poderia penetrar e fazer refletir em milhares de lares brasileiros.

4) MENINAS

Roteiro e Direção: Jacira Melo
 Direção de Imagens: Márcia Meireles
 Produção: Gigi Mathias
 Atrizes: Adriana Abujamra/Magda M. Mello
 Imagens: Zeca Abdalla
 Operador de VT: Déo
 Edição: Estevão Tutu
 Agradecimento Especial Acné Rosas
 Apoio: Ministério da Cultura - Secretaria da Cultura -SP Conselho Nacional da Mulher/Pathfinder Fund
 Colaboração: CIM e Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde/Olhar Eletrônico
 Realização: Jacira Mello
 SP/1989/15 minutos/U-MAT1C/NTSC
 Sinopse: Documentário-ficção sobre menores que se tornam prostitutas antes de se tornarem mulher.

O vídeo começa com imagens de um lugar bonito, que depois descobrimos ser um parque. Aos poucos aparecem algumas meninas transitando, como que desfilando. Alguns homens olham para elas, espreitando-as. Em seguida algumas dessas meninas deixam-se acompanhar por esses homens. O fundo musical que acompanha as cenas é de uma música romântica francesa.

Neste início são utilizados muitos traveling verticais. A intenção parece ser a de criar um certo suspense, desvendar aos poucos - de cima para baixo - o que vai ser abordado. Mais tarde vemos que trata-se de um vídeo sobre menores prostitutas, o que é confirmado no primeiro depoimento que é tomado:

"(...) Eu comecei a faturar com 13 anos(...)"

Logo depois desse depoimento é utilizado um recurso que até então as realizadoras nunca tinham lançado mão. As menores prostitutas aparecem em perfis congelados, às vezes de frente, alternando essas posições numa situação que lembra a apresentação de marginais, quando seus rostos são expostos como se fossem retratos 3x4, recurso que aparece nos telejornais e em alguns filmes policiais.

Não conseguimos entender o porquê desse recurso, nem mesmo a exposição, junto com as menores prostitutas, de duas meninas que mais tarde saberemos que são atrizes se passando por prostitutas, mas isto fica claro desde o início em razão dos trajes usados, maquiagem, penteados, que denotam a produção realizada em cima das modelos. Mas todo esse trabalho parece-nos inútil, já que não fica claro o motivo da utilização das atrizes. Na intenção de inovar as realizadoras não foram muito bem sucedidas, pois imprimem uma certa confusão no começo do vídeo.

Resta dizer que essas imagens congeladas são acompanhadas de "offs" das prostitutas que apresentam aspectos diversos das suas vidas, sem obedecer a uma ordem específica de assuntos, tais como: medo da AIDS, o motivo pelo qual se tornou prostituta, sua idade, com quantos anos começou a se prostituir, como se defendem. Essa sequência de "offs" termina com a frase: "Eu sou de carne, osso, sangue igual um ser humano."

O que vemos em seguida é o procedimento tradicional dos vídeos feministas, ou seja, os depoimentos. Mesmo tentando inovar em termos de recursos de linguagem, as realizadoras não dispensam a oportunidade de "dar voz" às mulheres, mesmo que estas ainda sejam apenas meninas.

Os depoimentos abordam as diversas implicações que encontramos na vida de uma menor prostituta e retomam em detalhes alguns assuntos que já foram colocados nos "offs". A explicação de como entraram para a prostituição, com que idade etc., vem à reboque da questão da saúde. Esta é introduzida através de perguntas sobre a AIDS e conseqüentemente, sobre a exigência ou não do uso da camisinha para que mantenham relações sexuais.

As respostas apontam para uma despreocupação e às vezes até um desconhecimento da doença por parte das prostitutas,

que se confirma pela desobrigatoriedade do uso da camisinha pelos seus fregueses.

Achamos pertinente a preocupação das realizadoras de abordar a questão da AIDS, já que este vídeo é de 1989, época em que a doença já tinha alcançado proporções assustadoras, vitimando personalidades importantes de áreas diversas. Mesmo assim as autoridades governamentais não haviam, até então, efetuado campanhas eficazes de conscientização da população sobre o perigo da doença; as realizadoras cumprem então com a sua parte.

São importantes também as questões relativas à sexualidade dessas meninas. Para iniciar este assunto recorre-se à tradicional pergunta: "Como você perdeu a virgindade? Como foi a sua primeira vez?"

As respostas dadas a essas perguntas acabam revelando a falta de orientação das meninas. Esta situação, pelo que verificamos no vídeo através dos relatos, é reflexo da estrutura familiar da qual elas se originam. O que nos é relatado é uma iniciação à vida sexual sem o menor preparo, que quando descoberta pela família provoca transtornos, pois esbarra em padrões morais que condenam o sexo fora do casamento. Muitas vezes, a consequência maior é a expulsão da menina da casa dos pais. Este ato por vezes acaba contribuindo para que essas meninas ingressem na prostituição.

É esta justamente a história contada por uma menor prostituta. O impacto causado pela expulsão da casa paterna ainda pode ser observado quando, ao relatar o seu caso, a depoente faz uma pausa no momento máximo da conversa com a mãe. Esta não se conformou com a perda da virgindade da filha e a mandou embora de casa, mesmo a filha insistindo para ser perdoada e dizendo que não tinha para onde ir. Então a menina pára a

história, se emociona e diz: "Eu não consigo..."(no caso, terminar o relato do que lhe aconteceu). Através de uma trucagem esta frase é repetida em eco, bem como a imagem da menina.

No entanto, a expulsão da casa paterna não é o principal motivo pelo qual essas meninas ingressam na prostituição. O fator econômico é o maior atrativo para adolescentes pobres, que possuem muitas ilusões. As menores prostitutas nos passam uma imagem de rebeldia, descaso e alienação(imagem que ficou caracterizada como típica dos adolescentes), como também de pessoas que preferem a chamada "vida fácil" a trabalhos pesados. Elas deixam claro, nos depoimentos prestados, que não pretendem acordar cedo, trabalhar muito para no final do mês ganhar um salário mínimo.

A prostituição se apresenta como um caminho que tem perigos, mas é lucrativo. Essas meninas sonham muito alto, quanto à sua situação financeira:

"(...) Eu quero um apartamento em Copacabana, quero conhecer Nova Iorque e quero ter uma família(...)"

"(...) Sonho entrar na igreja, toda de branco, com um marido muito bonito e rico(...)"

As imagens colhidas nas ruas por onde essas meninas circulam reforçam o que foi dito acima. Elas aparecem fazendo pose para a câmera, expondo-se em atitudes irreverentes. Aparecem também comprando coisas(bijuterias, sorvetes, refrigerantes...). Para acompanhar tais imagens é utilizado um fundo musical de músicas consideradas próprias para a juventude(dentre as quais algumas de Cazuza)que completam o quadro citado acima.

Além disso, são apresentadas imagens das atrizes, que representam as menores prostitutas, intercaladas às imagens das verdadeiras prostitutas. As atrizes aparecem às vezes chorando em viadutos. Serão essas cenas as representações dos sonhos de riqueza das prostitutas, enfim realizados, mas pelos quais se pagou um preço? Outras vezes aparecem encenando um convite para um programa, já em trajés mais simples.

Como foi dito anteriormente a utilização das atrizes pelas realizadoras parece-nos uma experiência mal sucedida de docudrama. O que foi tentado pelas realizadoras gera um certo desconforto, pois tentamos interpretar esse fato e não conseguimos obter uma resposta esclarecedor. O máximo que conseguimos, às vezes, é confundirmos as prostitutas verdadeiras com as modelos.

Também não fica claro o objetivo das realizadoras com este vídeo. Em depoimento, Márcia Meireles fala-nos que, passados alguns anos, ao rever o vídeo ela o considera "em cima do muro", pois "não diz que o lugar dessas meninas não era ali". A conclusão de Márcia Meireles deve-se muito ao seu envolvimento posterior com o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua.

Não sabemos se, com isso, ela quis dizer que o vídeo não teria alcançado o objetivo de mostrar que aquelas meninas não se prostituíam porque queriam e sim, por falta de opção. Esta falha sim, fica evidente para nós, porque as prostitutas parecem gostar da vida que levam e mesmo os perigos apontados ficam diminuídos perto da insistência delas em permanecerem "naquela vida".

Apenas uma prostituta, mãe de um menino de três anos, é que transmite a imagem da prostituição como "única opção" e

não como "cômoda situação". Ela diz: "A gente tá aqui porque precisa, não porque é sem-vergonha".

A questão da maternidade é explorada superficialmente. Além da mãe citada acima, apenas dois depoimentos tocam no assunto, sendo que um deles é que é um pouco mais longo, ao contar a situação de uma prostituta que engravidou, teve um aborto natural, mas que queria muito aquele filho.

O vídeo termina intercalando imagens noturnas das prostitutas preparando-se para um programa, com imagens diurnas das atrizes andando meio sem rumo.

A noite, as prostitutas aparecem oferecendo-se na avenida. Não é dito que avenida é essa, nem as imagens encarregam-se de fazê-lo. Talvez seja um local conhecido pelos paulistanos, mas se o vídeo for assistido por pessoas de outras localidades a referência fica perdida (talvez a intenção seja essa). A avenida é apontada pelas prostitutas como o melhor lugar para se fazer programas, em termos de retorno financeiro.

Em meio às imagens das prostitutas trabalhando são feitas várias perguntas, que esclarecem alguns aspectos de suas vidas: "Que perigos têm na avenida? Que homens frequentam a avenida? Que tipo de homem você prefere? Como você faz um programa? Quantos programas você faz por noite? Quanto ganha? As imagens que acompanham essas respostas são ágeis, rápidas.

Nas imagens diurnas aparecem as atrizes em "trajes típicos" de prostitutas, às vezes caminhando sem rumo, outras encenando programas com a música de fundo que diz: "Não há saídas". Será que para as menores prostitutas não há saídas? Por fim, a imagem que temos é o perfil congelado de uma das prostitutas junto ao qual surge uma legenda que diz ter o Brasil, oficialmente, 500.000 menores prostitutas.

Acreditamos que este vídeo surge num momento em que algumas velhas questões começavam a ser delineadas com nova roupagem, como é o caso da sexualidade e saúde da mulher. Sua organização interna privilegia a questão das adolescentes dentro de um contexto grave, que é o da prostituição de menores. Em meio a este quadro, surge também o problema da AIDS afetando a vida das meninas. Cremos também que os aspectos abordados já antecipavam o desdobramento dessas questões em outras, que nos dias de hoje recebem uma atenção específica, como é o caso dos problemas que afetam o menor, a criança; daí o surgimento mais tarde do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, entre outros.

5) MÉDICAS, BRUXAS E CURANDEIRAS

Roteiro, direção, câmera, locução, edição: Maria Angélica Lemos
 Agradecimentos: CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher), Jacqueline Pitanguy, Schuma
 Schumacher, Dalva de Oliveira, Margarita Rosa, Amália Fischer
 Apoio: Pathfinder Fund
 Realização: Lílith Vídeo
 Um vídeo de Maria Angélica Lemos
 México/1988/20 minutos/U-MATIC/NTSC
 Sinopse: Este vídeo registra as discussões ocorridas nas oficinas de saúde durante a
 realização do IV Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe

Este vídeo destaca as oficinas de saúde no IV Encontro Feminista Latino -Americano e do Caribe. É um vídeo rápido, não só em termos de tempo, mas também na forma com que são abordadas as questões da saúde da mulher. São colocados alguns pontos principais, tais como: apresentação dasicineiras e seus métodos, a saúde da mulher na América Latina, o aborto, o que o encontro representou para as participantes. Embora esses pontos somem aspectos que renderiam muitas explicações, sua abordagem é superficial, pois limita-se a apresentar flashes do encontro.

A intenção explícita é a do registro, no caso, da socialização de práticas de medicina alternativa como a homeopatia, massagens, uso de cristais, ervas etc, apontando para o preconceito existente em relação às curandeiras.

Não se trata aqui de uma situação limite, que permite revelar a força feminina em condições de grande opressão. Percebemos neste vídeo um caráter informativo mais acentuado do que a transcendência observada nas outras produções aqui estudadas. O propósito parece-nos, é o de ser didático, como tem sido o trabalho dos grupos feministas que lidam com a questão da saúde.

As protagonistas assumem o caráter de especialistas da medicina alternativa, aparecendo como as pessoas mais autorizadas a falar de práticas tão pouco conhecidas e divulgadas.

Novamente faz-se o uso de depoimentos e de closes. Mas dessa

vez o ritmo é mais intenso, acompanhando talvez o ritmo do próprio encontro, que pressupõe uma ansiedade positiva de tantas descobertas.

Este vídeo também resgata a figura da mulher como ser que cura, como conhecedora das técnicas e recursos que apelam para a vida. Esta associação mulher/saúde, mulher/medicina existe desde os tempos mais remotos da nossa história, mas com a afirmação da sociedade patriarcal este espaço ficou proibido à mulher, que quando muito ocupa posições subalternas.

Este tema volta à cena nos dias de hoje, por exemplo, através de publicações como o "Martelo das Feiticeiras". Este livro aborda a questão nos seus primórdios desenvolvendo-a até chegar nos preconceitos que envolveram as mulheres curandeiras, e que acabaram por acusá-las de bruxas

6) TODOS OS DIAS SÃO SEUS

Consultoria: Edna Roland
 Pesquisa: Sílvia de Souza
 Roteiro: Maria Angélica Lemos
 Produção: Flora Lovato
 Imagens: Carolina Égio Artal
 Operadora de VT: Dalva de Oliveira
 Texto: Fernanda Pompeu
 Locução: Cíntia Gusmão, Flora Lovato, Myriam Andréa
 Arte do título: Jakson Rios
 Edição: Valdir Afonso
 Técnico de som: Carlos Wendel
 Transporte: Transcribe
 Trilha Sonora: Cíntia Gusmão
 Participação: Eduardo Contrera/Lucy Bouquet
 Músicas: "Aloco-Moco" Deli Abiodun", Maysa "Depois do Amor", Lulu Santos "A cura"
 Direção: Márcia Meireles/Maria Angélica Lemos
 Elenco: Cristina Bueno, Dalva de Oliveira, Isa Kopelman, Maria da Paixão, Suely Bonfim,
 Paulo Contier
 Bailarinos: Carlinhos Batá/Rose Beli
 Produção Executiva: Comulher
 Apoio: The Global Fund For Women, TV dos Trabalhadores
 Colaboração: Robin Akew, Maria Luisa da Silva, Nilton Porfírio, Gilberto Lima, Olhar
 Eletrônico
 Agradecimentos: Alma Aldana, Grupo Afro Oriâshê, Maria Augusta, José Carlos Peruzzo, Lúcia
 Trigério, Carmem Fernandes, Pai Laércio, Márcia Dal Fábri, Renata Sorrah, Eleonora Menecucci,
 Adyel, Rosana, Alice Alexandra, Cleusa, Daysi, Dináh, Ivonete, Maria Aparecida, Mariza,
 Rosemeiry, Ruth, Sheilamar, Simone
 Realização: Geledés/Instituto da Mulher Negra e Comulher
 SP/1992/60 minutos/O-MATIC/NTSC
 Sinopse: Depoimentos de mulheres contaminadas pelo vírus HIV e os riscos que corre a
 população feminina em função de sua posição subalterna nas relações com os homens. Através da
 imagem e da fala das entrevistadas e de profissionais sensíveis ao tema procura-se combater
 os preconceitos em relação aos portadores do HIV e doentes de AIDS.

Este vídeo aborda grande parte das implicações que advém da relação mulher e AIDS. Por isso esta produção tem um caráter bastante informativo, recorrendo até à figura de especialistas no assunto - situação atípica nos vídeos feministas - talvez pelo fato do assunto exigir informações precisas, que só especialistas no tema poderiam fornecer.

Mesmo lançando mão de declarações de profissionais da saúde, estes são sempre do sexo feminino e a elas cabe o papel de informar sobre a doença despertando as mulheres a respeito de um problema que antes era encarado como distante delas. No entanto, fiel à linha própria dos vídeos feministas, que é a de abrir microfone e câmera para que as pessoas realmente

autorizadas a falar sobre o problema se manifestem, é à mulher aidética que cabe contar sua própria situação, o que sofre e sente.

Apesar da AIDS lembrar sempre a morte, já que, por não ter cura ainda, as pessoas que contraem o vírus certamente morrerão, o vídeo começa de uma maneira muito lírica, com um poema de Fernando Pessoa seguido por imagens de dinamismo, vitalidade (pessoas correndo, exercitando-se num parque etc.).

Essas cenas são interrompidas por depoimentos colhidos nas ruas sobre o que as pessoas pensam sobre a morte. As opiniões diversas começam a "rodear" o assunto de forma agora menos lírica, mas não deixam entrever que o tema em questão é a AIDS.

Iniciam-se então os depoimentos com as aidéticas. Essas mulheres falam que estão doentes, falam da solidão, da discriminação que sofrem por causa da doença, mas é só no terceiro depoimento que é dito o nome AIDS e então temos a confirmação da doença que abate aquelas mulheres.

As aidéticas são mulheres casadas, solteiras, drogadas, presidiárias, com família, sem família numa amostragem bem variada de casos mas, na sua maioria, são bonitas e otimistas apesar da doença.

A seguir temos vários depoimentos de mulheres profissionais de saúde e de outras áreas que possuem um envolvimento com a questão da AIDS colocando um pouco da situação da mulher frente à doença. É interessante observarmos que, às vezes, são utilizados alguns "recursos de passagem" de uma cena para outra, intermediando inclusive as declarações das profissionais citadas acima, que lembram elementos da natureza, como se a vida fosse constantemente lembrada em meio à morte. Lembramos ainda que as folhas secas, o pedaço de céu, a pequena fogueira, as ondas

do mar que aparecem possuem, como todo o vídeo, uma qualidade técnica que antes não podia ser observada. São imagens muito nítidas, produzidas com esmero quanto à iluminação, enquadramento etc., que nas outras produções analisadas não eram vistas. Esse fato aponta para um amadurecimento das realizadoras com relação ao tratamento dado à imagem.

Os depoimentos tomados são de enfermeiras/obstetras da Escola Paulista de Medicina, de voluntárias do GAPA, da encarregada Obá de Xangô(Centro de Vivência Infantil filhos de Oxum), de dermatologistas, respectivamente, que embora trabalhando em setores diferentes são unânimes a respeito do preconceito sofrido pela pessoa aidética:

"(...) A AIDS é um estigma, o medo que as outras pessoas que não estão contaminadas ou que ainda não sabem que estão contaminadas tem da pessoa portadora do vírus é enorme, e isto acontece na população em geral e entre os profissionais de saúde(...)"

"(...) Tem gente que diz " eu vou separar os talheres, eu vou separar a roupa de cama", não precisa fazer isso, você pode conviver normalmente com a pessoa dentro de casa(...)"

"(...) O paciente de AIDS quando ele recebe o diagnóstico, ele perde o direito à vida civil, ele perde o direito ao trabalho, ele não tem as mínimas condições de internação(...)"

"(...) Tem gente que vem visitar as crianças e tem, eles vem visitar, mas têm medo de pôr a mão. A gente leva até o berçário, eles dizem " aí que coitadinho, que bonitinho", mas

a mão não põe, muitos dizem que é porque estão com gripe e vão passar para as crianças, mas não é verdade(...)"

"(...) Têm casos de mulheres que perdem o direito de ver os filhos. Os maridos argumentam que elas não são companhia para os filhos, ainda mais doentes do jeito que estão, dizem que é para preservá-las. A violência contra elas é enorme, não há como não sofrer muito, é impossível você estar livre de tanto sofrimento depois de receber um diagnóstico desses na vida(...)"

Para evidenciar o repúdio das feministas ao preconceito que recai sobre as pessoas aidéticas e principalmente sobre as mulheres aidéticas, são vistas imagens de Maria Angélica Lemos e outras videastas desta produção abraçando aidéticas. Ao fundo ouvimos o "off" de uma das doentes: " Não , eu não estou triste não, eu estou emocionada, pois desde que eu soube que era soropositiva, que eu estava com o HIV, eu nunca mais recebi um abraço".

O depoimento que vem a seguir confirma essa necessidade de acabar com o preconceito contra a pessoa aidética e o carinho que podemos demonstrar por elas e do qual elas sentem tanta falta. A fala é de uma componente do Grupo de Educação e Treinamento de São Paulo:

"(...) O que nós aprendemos muito é sermos solidários, é enfrentarmos essa epidemia com coragem, a coragem que nós pedimos para que todos tenham, principalmente com as mulheres, que são as que, no grosso do nosso dia-a-dia nós trocamos conhecimento, com quem nós mais trabalhamos. É a mulher mãe, esposa de um indivíduo infectado, um indivíduo com AIDS e é a mulher

infectada(...)"

Neste vídeo também são utilizadas mini-dramatizações, docudramas. O primeiro a aparecer fala da importância da exigência pela mulher do uso de camisinha pelo seu parceiro, pois não existe pessoa que não apresente risco. Alerta para a questão da prevenção, da maior facilidade de transmissão do homem para a mulher do que ao contrário.

Sobre o uso ou não da camisinha são mostradas as entrevistas de rua feitas com homens de idades e classes sociais diferentes, a maioria declara que não usa nem pretende usar camisinha

A continuação do docudrama citado acima, que trata de uma conversa entre amigas num parque, toca agora nos riscos que a mulher corre de contrair a doença, seja numa cesariana, numa cirurgia de esterilização, no uso do próprio DIU, ou no caso das mulheres casadas, que pensam que por isso estão imunes.

As entrevistas de rua realizadas com mulheres casadas para saber se elas se protegem da AIDS nas suas relações sexuais, demonstram que a maioria não toma nenhuma atitude a respeito, pois confiam na fidelidade dos maridos.

O depoimento de uma profissional do Centro de Orientação e Aconselhamento à AIDS aproxima ainda mais este problema para as mulheres:

"(...) As mulheres em geral não se viram como pessoas que estão dentro do grupo de risco de contaminação. Elas sempre ouviram que a AIDS era mais frequente nos homens homossexuais e esqueceram-se de que os parceiros da maioria das mulheres são esses mesmos homens que usam drogas, que transam com outros homens e elas não pensaram em fazer a sua precaução(...)"

O próximo docudrama lembra a questão da violência sexual que atinge mulheres e crianças e que pode ser uma forma de contágio para as mulheres. Lembra também a situação das prostitutas frente à doença. Alguns depoimentos tomados com as prostitutas revelam que o fator econômico fala mais alto, do que a exigência da parte delas de que os fregueses usem camisinha. Muitas correm o risco da relação sem o preservativo porque precisam do dinheiro.

O depoimento de uma médica infectologista mostra como a AIDS não pode ser ignorada pelas mulheres. A médica lembra do início da doença, dos primeiros casos surgidos, onde não se pensou no envolvimento da mulher. Apresenta ainda estatísticas alarmantes da proporção da doença entre homens e mulheres logo nos primeiros casos de que se teve conhecimento, em 1985, que era de 40x1 e do quadro que temos hoje que "salta" para 7 homens para cada mulher infectada.

O envolvimento da mulher negra nesta questão é abordado por Edna Roland, coordenadora do Programa de Saúde do Geledés/Instituto da Mulher Negra, que aliás, é parceiro do Comulher na realização deste vídeo. Edna nos diz:

"(...) Quanto mais aumenta o nosso conhecimento a respeito da AIDS, mais a gente a percebe como uma doença como outra qualquer e que ataca preferencialmente os despossuídos da sociedade, os que não têm poder e os que não têm saber. É por isso que nós mulheres e principalmente nós mulheres negras precisamos aprender a nos defender. É preciso que a gente se proteja para que a AIDS não venha a se constituir em mais um instrumento de extermínio do povo negro, a exemplo do que já estava acontecendo na África, principalmente no sul do Sahara e no

Caribe, onde se calcula que mais de um milhão e meio de mulheres já estão contaminadas com o HIV(..)"

Novamente voltamos para as entrevistas de rua para saber o que a população sabe sobre as formas de contágio ou de prevenção da AIDS. As respostas apontam mais uma vez para a ignorância ou informações deturpadas.

Entra em cena então a médica infectologista, a especialista, que possui as informações que todos precisam saber e divulgar. Ela diz a forma efetiva de transmissão da doença e também a da sua prevenção, colocando por terra as deturpações existentes sobre a AIDS.

O último docudrama que assistimos retrata um almoço de uma família que terá uma amiga aidética como participante. O marido se mostra relutante para aceitar com naturalidade a presença da aidética em sua casa. Cabe à mulher, esposa, alertá-lo de sua visão preconceituosa, numa referência ao papel da mulher na tentativa de acabar com o preconceito em torno da pessoa aidética.

Para ressaltar a questão do preconceito, particularmente contra as mulheres aidéticas, são tomados alguns depoimentos de doentes que já apareceram no início do vídeo, mas que dessa vez falam mais demoradamente e com detalhes dos seus problemas.

"(...) Pra mim foi muito duro porque eu tive muita discriminação, inclusive no local onde eu morava a dona da casa ficou sabendo que eu era portadora do HIV e pediu para eu me mudar(...)"

"(...) O soropositivo sofre mais por causa do preconceito

do que por causa da doença. A ignorância mata mais do que a AIDS. Este isolamento que eles impõem à gente é isso que mata, porque a gente se sente mal, você quer um amigo para falar que tá com febre, desabafar e a gente não tem(...)"

Este vídeo, como já dissemos, procura abordar a questão da AIDS e as mulheres em praticamente todos os seus aspectos, pelo menos a impressão que temos é a de que foram estudadas todas as possibilidades. Sendo assim, também é colocada a relação das lésbicas com a AIDS, implicação pouco lembrada pela imprensa, principalmente ao divulgar dados sobre a doença, ou mesmo pelas campanhas do Ministério da Saúde sobre a AIDS.

São colhidos depoimentos de lésbicas, que fazem questão de desmistificar a imagem de que elas não seriam um grupo de risco:

"(...) As lésbicas eram consideradas ou são consideradas pelos meios de comunicação como grupo de não risco e isto não é uma verdade, menstruamos, temos fluídos, somos grupos de risco como qualquer pessoa deste planeta(...)"

O aspecto da transmissão de informações corretas, da desmistificação de falsas idéias a respeito da doença e principalmente da necessidade da prevenção são várias vezes retomados no vídeo, seja pelos depoimentos ou por imagens isoladas (pepinos sendo cobertos com camisinhas ou metades de mamão papaia sendo revestidas por plásticos numa aproximação com os órgãos sexuais masculino e feminino), chegando às vezes a ser redundante, mas acreditamos que este fato se dá devido à gravidade da situação da AIDS no Brasil.

O depoimento da profissional de saúde do Núcleo de Investigação em Saúde da Mulher encerra esta linha de pensamento. Ela observa que, depois de 10 anos o que se sabe é que não existe grupo de risco. Mulheres e homens, independente das suas preferências sexuais correm o risco de serem contaminados pelo HIV em função de práticas de risco que eventualmente experimentem.

A última implicação da AIDS para as mulheres que nos é apresentada diz respeito à maternidade para as aidéticas. Uma médica alerta que a gravidez para qualquer mulher causa uma baixa de resistência física. Após a opinião da especialista, temos depoimentos da infectologista do Hospital Emílio Ribas e da vice-presidente do GAPA defendendo o direito à maternidade para as mulheres aidéticas, apesar de todos os riscos que a gravidez representa para elas, pois as doentes manifestam assim mesmo o desejo de serem mães.

Os depoimentos finais das aidéticas revelam um otimismo de que vão vencer a doença, pois a cura chegará para elas. Em seguida temos imagens belas de pôr do sol, flores, pessoas alegres acompanhadas de músicas que fazem menção à vida e à esperança. No entanto, o "off" colocado pelas realizadoras esclarece que "a vitória contra a AIDS está na sua prevenção e na solidariedade para com as pessoas contaminadas. Diz ainda que a AIDS não é um problema individual, é uma questão que diz respeito a todos nós. Encontrar saídas é abrir portas e janelas para a saúde do planeta Terra"(uma referência às novas questões abordadas pelo feminismo dos dias de hoje).

Notamos com isso que, apesar do otimismo com que se tentou tratar a questão, a intenção das realizadoras é de não camuflar a realidade, pois para todas as aidéticas enfocadas as chances

de viverem até a descoberta da cura da doença(pelo que os cientista declaram à imprensa) são muito remotas, ou mesmo para a população em geral a única coisa a fazer é se prevenir.

Resta colocarmos que a questão Aids e mulher, além de atual e premente para o movimento, tentou ser fiel à causa até mesmo na contratação da equipe técnica formada quase que exclusivamente por mulheres.

7) MEMÓRIA DE MULHERES

Roteiro: Flora Lovato, Maria Angélica, Mahlu Heilborn, Schuma Schumaheer
 Nós somos do grupo de trabalhadoras rurais de São João do Araguaia
 Direção: Márcia Meireles, Maria Angélica
 Assistente de direção: Schuma Schumaheer
 Eu pertencço ao GENS(Grupo Eco Feminista - Nova Semente)
 Imagens: Carolina Egio Artal, Márcia Meireles, Maria Angélica
 Operador de VT: Dalva De Oliveira, Flora Lovato
 Eu sou feminista, mas não pertencço a nenhum grupo
 Produção: Márcia Meireles, Maria Angélica, Schuma Schumaheer
 Atriz: Maria Lúcia Vidal
 Eu faço parte do Centro de Mulheres Favela e Periferia(CEMOPF)
 Textos: Fernanda Pompeu
 Locução: Myriam Andréa
 Sou quebradeira de castanha, trabalho no Movimento de Mulheres do Campo e da Cidade
 Sonorização/Trilha: Cintia Gusmão
 Edição: Bob Cardoso
 Apoio: The Global Fund for Women/Fundação Samuel
 Eu faço parte do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
 Co-Produção: TV dos Trabalhadores/Lilás Produções
 Realização: Comulher
 Sou vice-presidente do GEMPAC(Grupo de Mulheres Prostitutas da Area Central de Belém)
 SP/1992/37 minutos/U-MATIC/NTSC
 Sinopse: Através de entrevistas com aproximadamente 30 mulheres, o vídeo conta a história do movimento feminista no Brasil desde 1975 - Ano Internacional da Mulher - até os nossos dias

Observação: Os créditos foram apresentados obedecendo ao que consta no próprio vídeo, que intercala funções técnicas com as participantes do vídeo.

Dentre os vídeos feitos pelas feministas, este é o que tem um caráter essencialmente documental. Não poderia ser diferente, já que trata-se de uma retrospectiva do Movimento. Queremos dizer com isso que o vídeo em questão lembra os tradicionais documentários de TV, com momentos de imagens de arquivos, de utilização de recortes de jornais e revistas, apesar de inovar em termos técnicos em algumas situações, mas a essência desta produção é o documentário.

É interessante notarmos a necessidade do Movimento de realizar um vídeo com este tema nos anos 90. A apresentação feita no início do vídeo por uma atriz que tem a face pintada nos esclarece quanto à essa intenção:

"(...) Se em alguns momentos parece que o movimento desaparece, noutros ele ressurge, vivo, questionador, ampliado, multifacetado, controvertido, mas refletindo sempre a diversidade das mulheres na vida cotidiana. Relembrar seus caminhos para as que estão iniciando hoje a caminhada, que não começou na década de 70 nem termina agora(...)"

Ao final da narração ouvimos a música "Maria Maria" cantada por Elis Regina surgindo muito baixo para depois explodir juntamente com as imagens de arquivo, que lembram momentos importantes para o movimento como as suas passeatas por diversas reivindicações.

As declarações feitas acima são muito valiosas para o nosso trabalho, pois traduzem exatamente o nosso propósito com esta pesquisa. Reforçam a necessidade de uma revisão do Movimento pelo próprio Movimento, mostrando exatamente sua instabilidade, ressaltando, contudo, que o Feminismo tem ressurgido renovado, atualizado com as questões relevantes para as mulheres em cada período de nossa história.

Para desenvolver o caminho percorrido pelo Movimento, desde 1975 até os dias de hoje, são colhidos vários depoimentos com as feministas que foram as agentes de mudanças, das quais as mulheres de hoje se beneficiam, num testemunho vivo de um momento do qual só sabemos através dos registros deixados. É feita também uma comparação do feminismo de ontem com o de hoje, intercalando as entrevistas com as precursoras do Feminismo no Brasil, com as novas gerações, sejam elas filhas de feministas ou novas

integrantes.

O primeiro depoimento é de Dulce Accioly. Ela explica como foram os primeiros impactos e revelações causados pelo feminismo. Lembra o envolvimento com os partidos de esquerda e as contradições encontradas nesses espaços para a questão da mulher, até que conheceu o Feminismo, que considerou uma experiência mais feliz. De tudo o que vivenciou do Feminismo até os dias de hoje, Accioly diz ser o saldo positivo.

Agora é a vez das filhas das feministas expressarem sua opinião a respeito do Movimento. Elas falam da importância de serem filhas de feministas e os reflexos desta situação na formação da sua personalidade, no entanto, não demonstram ter a mesma predisposição para lutarem pelo Feminismo. No entanto, apesar do pouco engajamento das gerações mais jovens, estas não desprezam as conquistas conseguidas muitas vezes por suas mães, usufruindo delas na sua totalidade. A postura demonstrada por essas jovens responde às perguntas que aparecem em "off": Quem são as novas feministas? Como lutam? Têm a mesma garra? Como ficam as filhas das feministas hoje?"

Notamos um recurso interessante na realização das entrevistas com as filhas das feministas. Estas apareciam em primeiro plano na tela e ao fundo avistávamos um monitor de TV, onde podíamos ver as imagens das mães dessas jovens e depois as imagens das próprias, como se fosse uma passagem de uma geração para outra, ou um reflexo do que foi o passado e o que temos no futuro/presente.

Outra característica desse vídeo é o seu didatismo. Este fato, além de ser verificado nos próprios depoimentos, que nos explicam pedaços da história, é reforçado pela narração de fatos que vão desde a pré-história até as lutas pelo voto feminino,

acompanhados de imagens de recortes de jornais ou de revistas, entre outros.

Neste momento então, começam os depoimentos das que lutaram pelo voto feminino, iniciando por Carmem Portinho:

"(...) o que nós queríamos era o voto feminino, porque achávamos que, com o direito político adquirido, nós podíamos futuramente obter os direitos civis que nos faltavam. Imagine que naquela época, a mulher casada não podia trabalhar sem o consentimento do marido(...)"

Almerinda Gama nos diz:

"(...) Eu mantinha sempre o ideal de melhorar o nível de vida da mulher, porque eu queria melhorar o meu nível, mas sempre achei que o meu nível não podia subir se não fosse coletivo, se o movimento não fosse coletivo(...)"

Percebemos, com o depoimento acima, que o princípio de união, de coletividade sempre deu a tônica do movimento, tanto é que um dos motivos pelos quais o movimento mergulhou, já em meados dos anos 80, num refluxo foram as desuniões ocorridas e sua consequente atomização.

A seguir temos reconstituições de momentos marcantes para o Feminismo, ilustrados com imagens de arquivos. Estas imagens mostram as sequências dos acontecimentos que desembocaram na afirmação do Movimento. Vemos então, a ligação deste com o Movimento pela Anistia, os Movimentos de Mulheres de Bairro - com o problema da Carestia - que acaba numa Carta ao Presidente com milhares de assinaturas de donas-de-casa

protestando contra a situação econômica vivida. As diversas militâncias no Movimento Negro, nas Comunidades Eclesiais de Base, nas Comissões de Mulheres nos Sindicatos, nas Comissões de Mulheres na CUT e outros setores de esquerda. Algumas das mulheres participantes desses espaços vieram a descobrir mais tarde seu caminho no Feminismo.

As acadêmicas do Feminismo também marcam presença nesta retrospectiva, sempre esclarecendo aspectos da história do Movimento. Mariska Ribeiro conta-nos que, em 1975, não havia grupos feministas no Brasil, as idéias que aqui chegavam eram filtradas pelo ridículo, pela censura. As mulheres tinham que arrumar meios de burlar a censura na época para poderem se encontrar e discutir suas questões, as questões feministas.

Já Inês Castilho fala-nos dos meios de comunicação utilizados pelas feministas para propagar suas idéias. Ela cita jornais como "Brasil Mulher(criado em 1975 e editado até 1980), "Nós Mulheres"(entre 1976 e 1978), que embora surgindo um pouco depois foi considerado a primeira publicação feminista e o "Mulherio" criado no início da década de 80 durou até 1988 - este um projeto acadêmico ligado à Fundação Carlos Chagas, já contando com uma maior infra-estrutura.

O período que vai de 1980 até 1987 é muito significativo para o movimento. Em 1980 temos 100 grupos feministas estruturados. Foi um ano de muita efervescência, com a realização de muitas passeatas com faixas, microfones lutando contra a violência doméstica e outras formas generalizadas de violência contra a mulher. Temos nesta data a criação do SOS Mulher(que existiu na cidade de São Paulo até 1983). As reivindicações contra os preconceitos raciais, nesta época o Movimento Negro se aproxima do Feminismo. As manifestações em prol do aborto,

de melhores condições para a saúde e sexualidade da mulher.

Foram feitas muitas denúncias, utilizados recursos de teatro, criados grupos de reflexão para discutir as várias questões de interesse para as mulheres, já que os espaços ocupados por elas nos setores de esquerda, os quais se preocupavam com as chamadas lutas gerais da sociedade, já não respondiam às necessidades das mulheres de discutirem as questões específicas das mulheres. Com isso acontece também a influência e infiltração do Feminismo nos diversos Movimentos de Mulheres.

É nesta época também que acontece a aproximação das feministas com as mulheres de baixa renda, entre elas as trabalhadoras rurais. Além disso, as lésbicas começam a ter uma abertura no movimento, antes não verificada.

O movimento cresce e em 1980 temos a realização do Encontro de Valinhos, marco na história do Movimento, assim como o ano de 1985 marca a decretada década da mulher. Começa-se a pensar desde esse momento na Constituinte.

No entanto, o ano de 1982 é lembrado por Branca Moreira Alves como um momento importante para o Feminismo, pois estamos em pleno processo de redemocratização. O Movimento de Mulheres começa a discutir a possibilidade das mulheres chegarem ao poder, de fazerem parte do aparato estatal e com isso ter voz dentro do Estado, de onde partem as políticas que podem transformar o cotidiano das mulheres.

O questionamento da ligação ou não das feministas ao poder vigente provocou uma grande cisão do movimento. Umam viam aí uma oportunidade de fazer valer suas reivindicações. Outras acreditavam que o Estado era traidor e que iria absorver, deturpar e manipular as questões feministas.

Mesmo existindo algumas mobilizações em torno das causas

feministas estas foram isoladas. O que assistiremos a partir de então são grupos defendendo questões específicas relativas à mulher, dentro dos princípios feministas, como aconteceu com a questão da saúde da mulher, tema que permanece até hoje com trabalhos de grande valor.

Apenas em 1986/1987 no momento da elaboração da nova Constituinte e da criação do CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher) é que as feministas restantes se unem e mandam uma carta com as reivindicações feministas ao governo.

Depois disso temos um silêncio em torno das questões feministas, que abre um vácuo até início dos anos 90, quando começam a circular as chamadas novas questões do Feminismo. Nem mesmo o vídeo em questão mostra o que aconteceu nesse momento entre a cisão do movimento e as novas questões. A idéia que fazemos é a de que houve realmente uma pausa para reflexão por parte de feministas autônomas ou pertencentes a grupos.

Abrimos um parêntese para dizer, no entanto, que embora em ritmo mais lento a produção de vídeo pelo Movimento continuou neste período, mesmo que nas instâncias governamentais. Quando não, estavam circulando em escolas, sindicatos, comunidades religiosas etc.

As novas tendências do Feminismo falam agora de novas tecnologias de reprodução humanas, uma nova roupagem das questões da saúde - pensamos - de preocupação com a ecologia, com o estado em que se encontra o nosso planeta, numa visão mais universalista, que se detém num projeto civilizatório, que abrange homens e mulheres. As imagens do Planeta Fêmea colhidas por ocasião da ECO-92, no Rio de Janeiro, assim como as falas de feministas do porte de Solange Dacach, Zuleika D'Alambert, Rosiska Darcy de Oliveira apontam para esta direção.

Achamos por bem recapitular junto com o vídeo em questão a história do Feminismo, pois o encaminhamento dado por ele vídeo confirma os nossos procedimentos, questionamentos e posicionamentos até agora. Além disso, o fato das feministas terem colocado nos créditos finais os nomes dos grupos e/ou feministas autônomas atuantes nos dias de hoje valorizam ainda mais o sentido do nosso trabalho, que é também o de mostrar que o Feminismo não morreu, está apenas sintonizado com a sua época.

CONCLUSÃO

Extraímos algumas conclusões ao final das análises dos vídeos selecionados. Percebemos que o resultado obtido foi um estudo comparativo entre as produções videográficas observando-se dois aspectos principais: evolução temática e elaboração particular de cada produção.

Com relação à evolução temática, nossa preocupação foi a de encontrarmos vídeos que abordassem o mesmo tema, mas que pertencessem a momentos históricos diferentes. O único caso em que constatamos essa situação foi com o tema saúde da mulher. Assim temos o vídeo *Médicas, bruxas e curandeiras*, de 1988, comparado com a produção *Todos os dias são seus*, de 1992.

Através da utilização de temáticas fundamentais para o movimento, pretendíamos ressaltar as mudanças de orientação do mesmo numa perspectiva de "passado" e "presente". Com isso, foram privilegiados os temas: violência contra a mulher, trabalho feminino, saúde e sexualidade da mulher. O vídeo *Memória de Mulheres*, cujo tema diferencia-se dos citados acima, foi utilizado como elemento de síntese das análises feitas.

Mesmo quando não foi possível estabelecer um termo de comparação, os motivos que levaram à ausência desta situação também foram considerados na nossa abordagem.

O segundo aspecto refere-se a um estudo das particularidades de cada produção, seja com relação ao teor do vídeo ou de alguns conteúdos abordados. Esses pontos foram observados nas outras produções, na tentativa de estabelecermos semelhanças ou diferenças fundamentais entre

os vídeos.

A reconstituição do caminho desenvolvido esclarece a respeito de questões fundamentais de nossa pesquisa, elucidando, finalmente, pontos que estavam ainda obscuros. Falaremos, então, desses dois aspectos começando pela vertente temática.

VIOLÊNCIA

A violência doméstica foi um tema extremamente impactante para a época em que o vídeo **Feminino Plural-Violência** foi realizado. Esperamos que as situações retratadas tenham transmitido a grande opressão vivida pelas mulheres e o quanto foi importante desnudar esta problemática para a sociedade.

Nos dias de hoje, passados alguns anos, essa questão ficou um pouco amenizada, às vezes até mesmo inferiorizada diante de outras que surgiram. No entanto, a violência doméstica persiste tão grave quanto antes, mas não é mais enfocada nos vídeos feministas - nem pelo **Comulher**, nem por outros grupos - pelo que consta nos catálogos de vídeos consultados, por isso não termos encontrado um similar para a comparação.

Alguns fatores contribuíram para esta lacuna: a falta de apoio governamental, o desinteresse da imprensa pelo assunto, e principalmente, a valorização das tendências atuais do movimento (como a relação mulher e ecologia, por exemplo).

Pensamos que nesse momento de "renascimento" do feminismo é importante que tenhamos memória. As feministas também parecem pensar assim, já que realizaram o vídeo **Memória de Mulheres**. É por isso que apontamos para alguns hiatos existentes entre o "velho " e o "novo" feminismo. A situação verificada no caso

da violência doméstica reflete o desequilíbrio vivido entre antigos e novos problemas que atingem a mulher. Acreditamos que o movimento deveria refletir sobre uma maneira de contemplar tanto aspectos do passado ainda insolúveis, quanto os atuais, que necessitam ser divulgados.

TRABALHO FEMININO

Fato semelhante aconteceu com a questão do trabalho da mulher. Abordada no vídeo *Mulheres no Canavial*, 1986, e em um dos desdobramentos do *Beijo na Boca*, 1987, a questão trabalhista não é mais discutida nos vídeos feministas na atualidade, muito menos quando se trata da trabalhadora rural. No entanto, as mulheres rurais continuam vivendo basicamente nas mesmas condições de anos atrás.

O trabalho feminino deve ser pensado como aquele realizado por mulheres urbanas e rurais, que por sua vez vivenciam situações particulares. No entanto, os diferentes problemas apresentados por estas trabalhadoras não são considerados com a mesma propriedade nem pela sociedade, nem pelo movimento. Este muitas vezes privilegiou as dificuldades das urbanas em detrimento das vividas pelas rurais.

A mulher urbana adquiriu muitos direitos desde a promulgação da última constituição. Embora ela ainda viva muitos constrangimentos devido à sua condição feminina, estas situações apresentam-se atenuadas, às vezes até camufladas. Já a trabalhadora rural, até a atualidade, não tem garantidos muitos dos seus direitos básicos para um bom desenvolvimento do seu trabalho e melhores condições de vida.

Diante desse quadro, o movimento esqueceu-se duplamente de refletir sobre o trabalho feminino. De um lado, o feminismo peca quando não cita os outros problemas vividos pela mulher urbana - talvez por causa das conquistas obtidas - como se não existissem mais dificuldades. Por outro, continua desprestigiando a mulher rural cuja situação é dramática.

Dessa forma, o feminismo pode atuar de duas maneiras ao tratar do trabalho feminino. Energicamente, quando as circunstâncias apresentadas forem extremas e por isso exigirem uma ação direta, explícita - como é o caso das trabalhadoras rurais. Sutilmente, como nos problemas vividos pelas mulheres urbanas, que são percebidos como indiretos, implícitos e portanto, permitem uma ação menos radical.

SEXUALIDADE

Este tema pode ser observado principalmente nos vídeos *Beijo na Boca* e *Meninas*, 1989. A comparação nesse caso seria ideal, não fossem as personagens retratadas em cada vídeo. No primeiro tratam-se de mulheres prostitutas. Já no segundo temos garotas enfrontadas no mundo da prostituição. Esse dado aproxima esse vídeo de uma outra questão: a do menor. Embora o *Comulher* tenha realizado uma produção sobre a questão do menor, não nos detivemos nessa variante.

A situação vivida ora por mulheres, ora por meninas prostitutas é muito diferente. No entanto, o que nos interessou nesses dois vídeos foi alertarmos para a maneira frágil com que a sexualidade é tratada. Em *Beijo na Boca* as implicações observadas não podem ser veiculadas na TV, pois a autora Jacira Melo prometeu para as prostitutas que isso não aconteceria.

Já em *Meninas*, as realizadoras revelaram-se pouco hábeis ao tratarem da questão, porque acabaram por transmitir uma imagem pejorativa das "garotas", o que acreditamos ser a última intenção das videastas.

Esses exemplos apontam para o fato de que a sexualidade é um tema tratado com reservas pelo movimento. Dizemos isso principalmente porque o feminismo não realizou ainda um vídeo esclarecedor sobre o aborto, ou sequer produziu algo sobre o homossexualismo feminino. Silvana Afram, em entrevista concedida à pesquisadora, questiona essa lacuna do movimento. O que observamos é a sexualidade sendo colocada a propósito da prostituição como trabalho, lembrando velhos clichês.

É importante notarmos também que o desconforto experimentado ao assistirmos *Meninas* deveu-se muito ao momento histórico em que o vídeo foi produzido. Essa é uma produção de 1989, ou seja, feita um pouco antes do silêncio no qual caíram as questões feministas. Pelos catálogos de vídeos consultados, este quadro só começa a ser modificado em 1992. Portanto, o vídeo em questão refletiu a instabilidade própria de um momento de transição do feminismo.

SAÚDE DA MULHER

A questão da saúde da mulher sempre foi muito prestigiada pelo movimento. Mesmo quando este se fragmentou em pequenos grupos dedicados à temáticas específicas, ela foi um dos temas que teve continuidade nos trabalhos realizados. Este fato talvez seja decorrente do apoio governamental que o problema obteve, quando desenvolvido por alguns grupos, como o SOS Corpo do

Recife.

Os vídeos sobre a saúde da mulher realizados no começo dos anos 80 apontavam, principalmente, para situações pouco discutidas e difundidas entre as mulheres. Era o que acontecia nas produções sobre métodos anticoncepcionais, benefícios da amamentação para a mulher, alterações provocadas pela menopausa etc.

A falta de informações sobre esses assuntos acarretava uma série de desconfortos para as mulheres, que as impediam de viverem a plenitude de sua sexualidade. Ou seja, mesmo que o desconhecimento de alguns desses pontos não representasse uma fatalidade para as mulheres, certamente significava um obstáculo para o seu desenvolvimento.

Embora *Médicas, bruxas e curandeiras* seja uma produção dos anos oitenta, não aborda as situações citadas acima. Mas reflete a característica principal dos vídeos feministas sobre a saúde da mulher: a preocupação com a informação. As oficinas de medicina alternativa registradas nesse vídeo nada mais são do que formas de socializar dados novos pouco explorados pelo movimento.

Um exame atento das implicações da saúde feminina revela que, na maioria das vezes, não importava que as mulheres soubessem a respeito da cura de doenças. Mesmo porque, os assuntos tratados inicialmente nos vídeos apontavam para transformações do corpo da mulher e não para moléstias.

O fundamental era que as espectadoras fossem conscientizadas dessas práticas preventivas. A saída da ignorância de certos problemas era o primeiro passo para "curá-los".

Esse pensamento manteve-se até os anos 90. Em *Todos os dias são seus* novamente nos deparamos com a necessidade premente

de informar sobre uma nova questão. Neste caso, ter ou não ter informação sobre a AIDS pode significar a morte para muitas mulheres. Trata-se, pois, de algo muito mais importante do que redescobrir o próprio corpo. A inexistência de cura para a doença reforça ainda mais a necessidade de informar para prevenir.

OUTRAS COMPARAÇÕES

Existem algumas situações que nos chamaram a atenção quando pensávamos nas particularidades de cada vídeo. No conjunto eles ora se aproximam, ora se distanciam de acordo com as suas características.

Feminino Plural é semelhante à **Todos os dias são seus** pelo caráter didático que ambos possuem. Os temas abordados em cada um deles são muito diferentes, mas o doutrinamento sobre os problemas apresentados é o mesmo. No entanto, o primeiro vídeo é profundamente marcado pela interferência da instituição produtora (CECF), o que não acontece com o segundo vídeo.

Também uma produção do CECF, **Mulheres no Canavial** não apresenta uma elaboração tão vinculada à esse órgão. É o mais lírico dos vídeos analisados, no que diferencia-se de **Meninas**, o mais indiferente deles.

Já **Memória de Mulheres** é o mais informativo no sentido de adequar-se perfeitamente na categoria documentário, o que o diferencia dos outros dois citados.

Médicas, bruxas e curandeiras apresenta-se como o vídeo mais dinâmico, compacto, pois enfoca as oficinas de medicina alternativa do IV Encontro Feminista. Portanto, essa produção procura reproduzir o clima do evento.

Beijo na Boca é o vídeo feito com maior liberdade de elaboração, já que trata-se de um projeto autoral, o que o diferencia de **Feminino Plural**.

Esses perfis são apresentados para que observemos, numa pequena amostragem, um pouco da riqueza e diversidade alcançadas pelas produções videográficas feministas.

Chamamos atenção também para alguns questionamentos que

persistem em certos vídeos. Em *Feminino Plural*, *Mulheres no Canavial*, *Beijo na Boca* e *Meninas* são feitas, direta ou indiretamente, as perguntas: Você se acha uma mulher forte? Você tem um sonho? Acreditamos que estas duas questões traduzem aspectos essenciais que o feminismo desenvolveu nos anos 80.

Nesse momento histórico havia a necessidade de demonstrar a força que a mulher possuía, já que pretendia-se a igualdade de direitos. O caminho para alcançar este objetivo passava pela aproximação das características femininas com as masculinas. Como estas eram consideradas pela sociedade em geral como mais "elevadas" que as femininas, o que se queria provar era que a mulher era tão ou mais forte que o homem e, portanto, merecedora dos mesmos direitos.

Com relação ao sonho da mulher, o entendemos não como a realização particular de cada uma das entrevistadas, mas como o símbolo da esperança de dias melhores para todas as mulheres. Nos anos 90, a aparente tranquilidade vividas talvez explique o porquê dessas questões não aparecerem mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento feminista brasileiro apresentou um desenvolvimento peculiar na fase que compreende o período estudado. Aos poucos, foi abandonando uma postura mais agressiva de reivindicação de soluções para as discriminações sofridas pela mulher em prol de ações mais sutis.

Os anos 80 apresentavam aspectos urgentes da questão feminina para serem tratados. Some-se a isso, o fato das feministas necessitarem de "descarregar" uma tensão acumulada durante muito tempo, já que as mulheres só nos anos 70 é que efetivamente começaram a ter voz na sociedade. Portanto era previsível que quando se manifestassem esse ato seria feito de forma radical.

Os anos 90 iniciaram-se num ambiente mais ameno, onde a maioria dos conflitos mais graves estava apaziguada. Dessa forma, está configurado o momento propício para aprofundar suas reflexões.

Surge, então, um tipo de feminismo preocupado com questões mais universais. É como se acontecesse uma ampliação dos princípios básicos do movimento, que por sua vez encontrou no seu caminho um ponto em comum com outras questões, outros movimentos.

Isso explica as novas relações que estão sendo estabelecidas entre mulher e ecologia, por exemplo, ou entre a questão feminina e o Movimento de Meninos e Meninas de Rua, ou ainda entre a mulher e as novas tecnologias de reprodução humanas, só para citarmos algumas.

Acreditamos que houve um amadurecimento do feminismo, que antes "olhava muito para o próprio umbigo" e agora começa a se enxergar envolvido com outros setores da sociedade

Na verdade esse quadro reflete o novo status adquirido pelo feminino. Os conceitos de masculino e feminino foram revistos devido às transformações sofridas pela sociedade, nas quais o movimento feminista exerceu grande influência. O resultado disso foi uma denominação mais geral desse termo, dentro de uma concepção que extrapola os limites definidos pela figura da mulher. Esta é a sua principal portadora, mas não a última instância dele.

O feminino aparece como mais um elemento na constituição de questões mais gerais, como o desenvolvimento sustentado. Esta é uma das novas situações que estão aflorando na sociedade, cuja reflexão terá que considerá-lo.

As feministas enganaram-se durante muito tempo quando tentaram viver o masculino através da vivência da masculinidade. Agora, além de localizarem-se finalmente no feminino, procuram harmonizar o masculino que existe em cada uma. Já os homens questionam-se a respeito de sua identidade e começam a aceitar a sua porção feminina.

A integração dessas duas situações pode significar a universalização dos problemas vividos por homens e mulheres. Um dos meios encontrados para transmitir essa visão de mundo tem sido o vídeo. Nesse sentido, é fundamental o trabalho de capacitação realizado pelo **Comulher**, que prepara mulheres de diversas comunidades para produzirem a sua própria imagem. Assim teremos a multiplicação das histórias contadas, que no fim são tanto de homens quanto de mulheres.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Sandra. Coletivo Lílith Vídeo, SP, 1987.
- ALMEIDA, Cândido José Mendes de. O que é vídeo, SP, Brasiliense, 1984.
- ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jaqueline. O que é feminismo, SP, Brasiliense, 1981.
- ARDAILLON, Danielle e CALDEIRA, Teresa, "Mulher: indivíduo ou família", Novos Estudos Cebrap, SP, v.2,4 p2-10, abril 84.
- "Arte e mulher", Revista Arte Educação, ano II, número 5, 1993.
- BERNARDET, Jean-Claude, Cineastas: imagens de um povo, SP, Brasiliense, 1985.
- , O que é cinema, SP, Brasiliense, 1985.
- BICALHO, Maria Fernanda, "O Bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX" in COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Maria Cristina(orgas)Rebeldia e Submissão: estudos sobre a condição feminina, SP, Vértice, 1989.
- BUITONI, Dulcília H. Schroeder, A mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira, SP, Loyola, 1981.
- BRANCO, Lúcia Castello, O que é escrita feminina, SP, Brasiliense, 1991.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A., Mulher e Trabalho, SP, Nobel, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. e ROSEMBERG, Fúlvia, Trabalhadoras do Brasil, SP, Brasiliense, 1982.

- CANCLINI, Nestor G., "Hegemonia, Consumo y nuevas formas de organizacion popular, in Revista Nueva Sociedad, Caracas, número 71, marzo/abril, 1984.
- CHAVES, Anésia Pacheco e, E agora mulher?, RJ, Guanabara, 1986.
- FERRO, Marc, Cinema e história, RJ, Paz e Terra, 1992.
- FESTA, Regina e SILVA, Carlos E. L., Comunicação Popular e Alternativa no Brasil, SP, Paulinas, 1986.
- "Feminismo 29 anos depois" in Revista Cláudia, outubro de 1990.
- FUSCO, Tânia, "Vídeo Mulher: o feminismo no olho da câmera", Jornal do Brasil, 19 de março de 1987.
- GOLDBERG, Anette, "Os movimentos de libertação da mulher na França e na Itália(1970-1980): Primeiros Elementos para um estudo comparativo do novo feminismo na Europa e no Brasil" in: MADEL, Therezinha Luz(org), O lugar da mulher, RJ, Graal, 1982.
- HEILBORN, Maria Luiza, "Fazendo gênero: a antropologia da mulher no Brasil" in Seminário Estudos sobre mulher no Brasil - Avaliação e Pesquisa - Fundação Carlos Chagas, novembro de 1990.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira, "A imagem através das palavras", Ciência e Cultura, 38(39): 1483-1495.
- LONGHI, Jairo T., Vídeo Independente, SP, Summus Editorial, 1987.
- MACHADO, Arlindo, A arte do vídeo, SP, Brasiliense, 1988.
- MELO, Jacira, Trabalho de formiga em terra de tamanduá, SP, 1993.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de, Mulheres em Movimento, SP, Nobel-CECF, 1985.

- MURARO, Rosie Marie, *A mulher no terceiro milênio*, SP, Rosa dos Tempos, 1991.
- NUMERATO, Elice e OLIVEIRA, Maria Helena Darcy, "As musas da matinê" in: Fundação Carlos Chagas, *Vivências*, SP, Brasiliense, 1980.
- "Planeta Fêmea", in *Revista Desfile*, agosto de 1992.
- Relações de gênero x Relações de sexo*, Departamento de Sociologia- Area de Pós-Graduação- Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, 1989.
- Revista Proposta*, número 43, ano XIV, novembro de 1989.
- , número 41, ano XIV, setembro de 1989.
- Revista Tempo e Presença*-Publicação do CEDI, número 248, ano 11, dezembro de 1989.
- Revista Veja*, agosto/setembro, ano 27, 1994.
- REY, Marcos, *O roteirista profissional (televisão e cinema)*, SP, Atica, 1989.
- SANDER, Lúcia V., "Sobre o binômio vídeo-mulher", *Correio Brasiliense*, 26 de março de 1987.
- SANTORO, Luís Fernando, *A imagem nas mãos*, SP, Summus Editorial, 1989.
- SERRA, Floriano, *O que toda empresa pode fazer com o videocassete*, SP, Summus Editorial, 1983.
- TAUBE, Maria José de Mattos, "O que a mulher fazia enquanto os homens caçavam?", *Jornal Mulherio*, ano VIII, número 38, março, 1988, p.19, SP.

- WATTS, Harris, *On Camera*, SP, Summus Editorial, 1988.
- WIESE, Michael, *Home Vídeo*, RJ, LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora, 1988.
- ZANINI, Walter, "Vídeo-arte: uma poética aberta" in *Catálogo do I Encontro Internacional de Vídeo-Arte*, SP, 1978, s/n.

Documentos Videográficos

- I Vídeo Mulher - Maria Angélica Lemos, 1987, VHS, NTSC, 30 min.
- Fazendo Fita - Maria Angélica Lemos, 1985, VHS, NTSC, 60min.
- Mãe Terra - Lícia Umbelino, 1987, U-MATIC, NTSC, 19 min.
- Olha nós aqui - Centro de Comunicação-Unicamp, 1986, U-MATIC, NTSC, 18 min.
- Tenho coragem para andar que nem Lampião - Victória Santos, 1987, VHS, NTSC, 16 min.

Arquivos Consultados

- Associação Brasileira de Vídeo Popular, Catálogo, SP, ano 1992.
- CECF(Conselho Estadual da Condição Feminina), Catálogo de Produções.
- CEPIS(Centro Educacional Instituto Sedes Sapiente), Catálogo de Produções.
- CETA(Centro de Treinamento Audiovisual), Catálogo de Produções.
- CIM(Centro Informação Mulher), Informativo - Mulher e Meio Ambiente - junho-setembro de 1992.

CPV(Centro Pastoral Vergueiro), Agenda de Recursos Audiovisuais - 2 e 3.

CUT(Central Unica dos Trabalhadores), Catálogo de Recursos Pedagógicos.

Elétrico Cineclube, Catálogo de Produções.

III Encontro Latinoamericano de Vídeo, 1990 - Documento Final.

Espaço Vídeo Mac Panasonic, Catálogo de Produções.

FestRio 87, Catálogo.

Festival de Vídeo Brasil(MIS), Catálogos(anos I,II,III,IV,V,VI,VII,VIII).

Fundação Carlos Chagas, Catálogo de Produções.

Rede Mulher, Catálogo de Produções.

I Vídeo Mulher,1987, Catálogo.

Videoteca Cultural Brasileira, Catálogo de Produções.

Videoteca PUC-Rio, Catálogo de Produções.

Vídeo Terra, Catálogo de Produções.